

PREQUEL DE LÓTUS

ESCOLHAS

Sempre temos uma



LARA SMITHE

UM ROMANCE DA AUTORA BEST-SELLER DA AMAZON



Table of Contents

[Agradecimentos](#)

[Mensagem](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Adam](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Eva](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Próxima História](#)

[LÓTUS](#)

[Capítulo Bônus](#)

[O encontro entre o ÓDIO e o AMOR](#)

[Outros Romances da Autora](#)

GL

Lara Smithe

Prequel de Lótus

ESCOLHAS

sempre temos uma

1ª edição

Salvador - Brasil

2018

GL

ESCOLHAS

Sempre temos uma



GL

Capa: Joice S. Dias

Revisão: Lorena Bastos

Diagramação: Lara Smithe

Todos os direitos reservados. Proibidos a reprodução, o armazenamento ou a transmissão, no todo ou em parte.

Esta é uma obra de ficção. Seu intuito é entreter as pessoas. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, datas e acontecimentos reais é mera coincidência.

Título original: Escolhas

Todos os Direitos reservados

Copyright © 2018 by Lara Smithe

GL

Índice

[Agradecimentos](#)

[Mensagem](#)

[Sinopse](#)

[Prólogo](#)

[Adam](#)

[Capítulo 1](#)

[Capítulo 2](#)

[Capítulo 3](#)

[Capítulo 4](#)

[Capítulo 5](#)

[Capítulo 6](#)

[Capítulo 7](#)

[Capítulo 8](#)

[Capítulo 9](#)

[Eva](#)

[Capítulo 10](#)

[Capítulo 11](#)

[Capítulo 12](#)

[Capítulo 13](#)

[Capítulo 14](#)

[Capítulo 15](#)

[Epílogo](#)

[Próxima História](#)

[LÓTUS](#)

[Capítulo Bônus](#)

[O encontro entre o ÓDIO e o AMOR](#)

[Outros Romances da Autora](#)



Agradeço a DEUS em primeiro lugar, pois minhas inspirações vêm dele. Às minhas leitoras amigas do grupo do Whatsapp e do facebook: meninas vocês são maravilhosas.

Obrigada família, por sua paciência e compreensão.

Obrigada, minhas betas maravilhosas, por suas análises críticas, vocês me ajudaram muito com as opiniões e os conselhos.



A escolha é sua

Você pode curtir ser quem você é, do jeito que você for, ou viver infeliz por não ser quem você gostaria. Você pode assumir sua individualidade, ou reprimir seus talentos e fantasias, tentando ser o que os outros gostariam que você fosse. Você pode produzir-se e ir se divertir, brincar, cantar e dançar, ou dizer em tom amargo que já passou da idade ou que essas coisas são fúteis sérias e bem situadas como você.

Você pode olhar com ternura e respeito para si próprio e para as outras pessoas, ou com aquele olhar de censura, que poda, pune, fere e mata, sem nenhuma consideração para com os desejos, limites e dificuldades de cada um, inclusive os seus.

Você pode amar e deixar-se amar de maneira incondicional, ou ficar se lamentando pela falta de gente à sua volta.

Você pode ouvir o seu coração e viver intensamente ou agir de acordo com o figurino da cabeça, tentando analisar e explicar a vida antes de vivê-la.

GL

Você pode deixá-la como está para ver como é que fica ou com paciência e trabalho conseguir realizar mudanças necessárias na sua vida e no mundo à sua volta.

Você pode deixar que o medo de perder paralise seus planos ou partir para a ação com o pouco que tem e muita vontade de ganhar.

Você pode amaldiçoar sua sorte, ou encarar a situação como uma grande oportunidade de crescimento que a Vida lhe oferece.

Você pode mentir para si mesmo, achando desculpas e culpados para todas as suas insatisfações, ou encarar a verdade de que, no fim das contas, você é quem decide o tipo de Vida que quer levar.

Você pode escolher o seu destino e, através de ações concretas caminhar firme em direção a ele, com marchas e contramarchas, avanços e retrocessos, ou continuar acreditando que ele já estava escrito nas estrelas e nada mais lhe resta a fazer senão sofrer.

Você pode viver o presente que a Vida lhe dá, ou ficar preso a um passado que já acabou e que, portanto, não há mais nada a fazer, ou a um futuro que ainda não veio e que, portanto, não lhe permite fazer nada.

Você pode ficar numa boa, desfrutando o máximo de coisas que você é e possui, ou acabar de tanta ansiedade e desgosto por não ser ou não possuir tudo o que você gostaria.

Você pode engajar-se no mundo, melhorando a si próprio e, por consequência, melhorando tudo que está à sua volta, ou esperar que o mundo melhore para que então você possa melhorar.

Você pode celebrar a Vida e a Deus que o criou, ou celebrar a morte, aterrorizado com a ideia de pecado e punição.

Você pode continuar escravo da preguiça, ou comprometer-se com você mesmo e tomar atitudes necessárias para concretizar o seu Plano de Vida.

Você pode aprender o que ainda não sabe, ou fingir que já sabe tudo e não precisa aprender nada mais.

Você pode ser feliz com a Vida como ela é, ou passar o seu tempo se lamentando pelo que ela não é.

A ESCOLHA É SUA.

E o importante, é que você sempre tem escolha.

Pondere bastante ao se decidir, pois é você que vai carregar o peso das escolhas que fizer.

GL

(autor desconhecido)

Texto retirado na web; <https://www.refletirpararefletir.com.br/>



Escolha: sempre temos uma.

A cidade de Paraíso nasceu no meio de uma disputa pelo poder entre duas famílias: a família Bergsen e a González, que se odeiam há gerações. Mas em meio ao ódio e ao conflito, dois jovens se conhecem e se apaixonam, sem dar importância ao que poderia lhes acontecer.

Eva Linhares está prometida em casamento a Rodrigo González, um homem cruel que age como um verdadeiro déspota na cidade, sempre fazendo valer a sua vontade. O maior desejo de Rodrigo é possuí-la, sem se importar com a vontade da jovem, que tem um espírito determinado e um desejo de ser livre, de tomar as suas próprias decisões.

Quando Eva conhece Adam, o Conde de Bergsen, um jovem viúvo que nunca ligou para a rivalidade entre as famílias, nasce entre eles uma grande paixão e o antagonismo entre os Bergsen e os González se intensifica.

GL

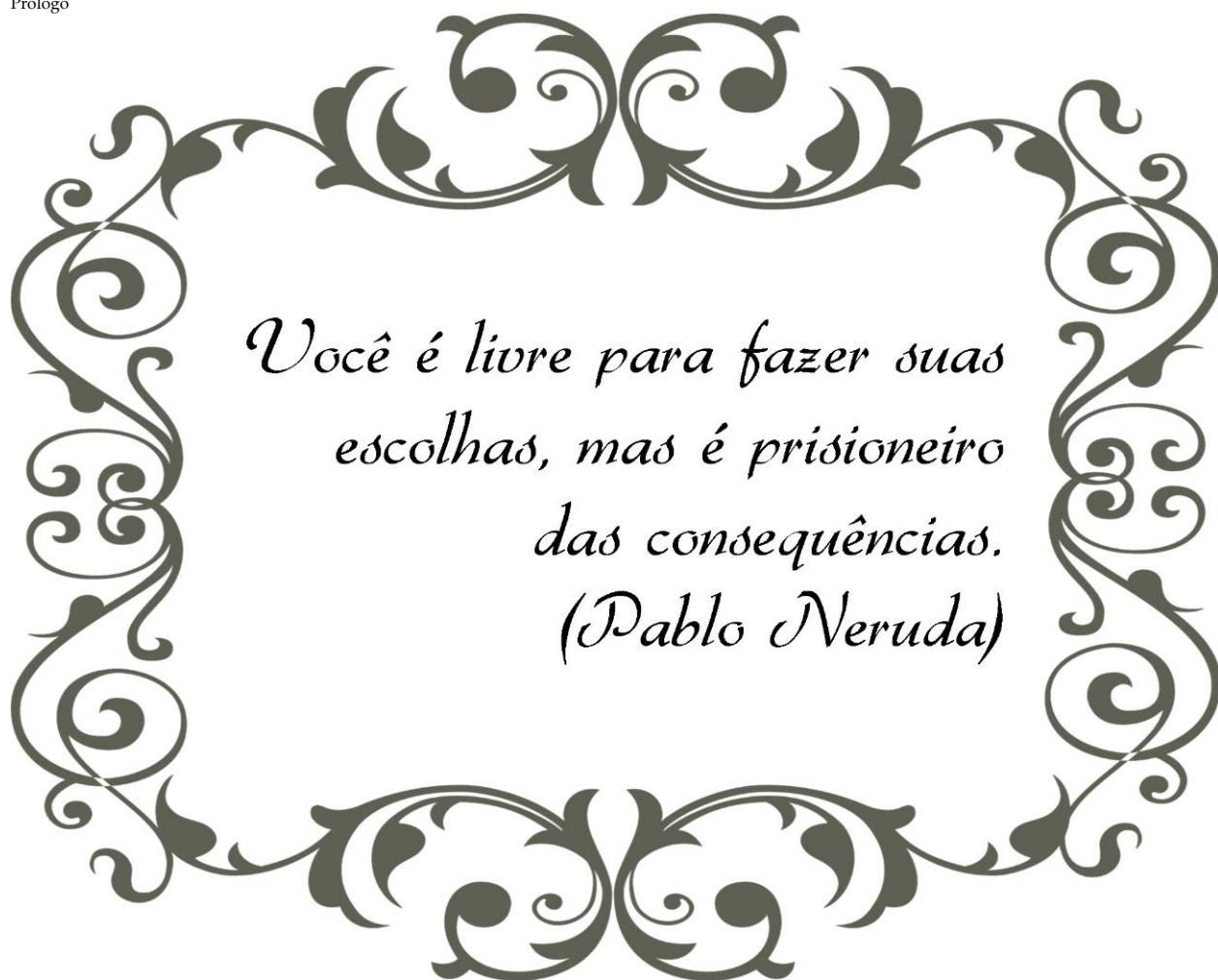
Escolhas serão feitas. Destinos serão selados.

Amor, ódio, rivalidade, chantagem. Estes são os elementos que determinam as escolhas das pessoas que vivem em Paraíso.

Escolhas: todos fazemos as nossas. E você? Está disposto a pagar o preço das suas?

Nota da autora:

As escolhas feitas pelos protagonistas desta história serão determinantes para o destino dos seus filhos – Raphael Bergsen e Lilly González (Protagonistas da próxima história – LÓTUS) – pois as escolhas que fazemos hoje gera consequências futuras, sejam elas boas ou más. Por isso, antes de optarmos pelo caminho que devemos seguir, precisamos tomar cuidado. Não somente com aquilo que nos diz respeito, mas também com o que diz respeito àqueles que nos cercam.



Paraíso é uma cidade pacata e antiquada, com costumes arcaicos e famílias que parecem viver em um passado distante. Porém, é um lugar maravilhoso para quem quer viver afastado dos problemas da cidade grande.

Cercada por montanhas e por uma vasta floresta, ela se tornou um lugar misterioso.

Antes de virar uma cidade, séculos atrás, as terras pertenciam ao Conde de Bergsen. Foi esse o lugar que ele escolheu para ser o seu refúgio, no qual construiu o seu castelo, bem no alto das montanhas, no interior da floresta. Assim, o velho conde

fugiu da guerra que se alastrava pelo seu país, a Noruega, e viveu escondido no Brasil durante anos.

Mas a sua situação financeira não estava muito boa e o velho conde se viu obrigado a vender a metade das suas terras para um dos homens mais poderosos da capital: o Senhor Maurilio González.

A partir daí, surgiu, oficialmente, a cidade de Paraíso. González, como era chamado, não gostava de estrangeiros, então, posteriormente acabou se tornando rival do Conde de Bergsen.

Essa rivalidade atravessou gerações. Os González não admitiam que os Bergsen ficassem com o restante das terras. Sempre que podiam tentavam impor que lhe vendessem a outra metade. Porém, os Bergsen conseguiram um documento junto ao império brasileiro que afastava definitivamente o assédio dos González. Estes ficaram proibidos de chegar próximo às redondezas da propriedade e, caso insistissem, perderiam 30% das suas próprias terras, que seriam imediatamente entregues à família do conde. Determinação que vigora até os dias de hoje.

Após muitos anos longe da Noruega, o Conde voltou à sua terra natal, só retornando a Paraíso nos verões. A propriedade Bergsen serve de casa de veraneio para a família até hoje, sendo visitada pelos filhos, netos, bisnetos, trinets e tataranets do velho conde.

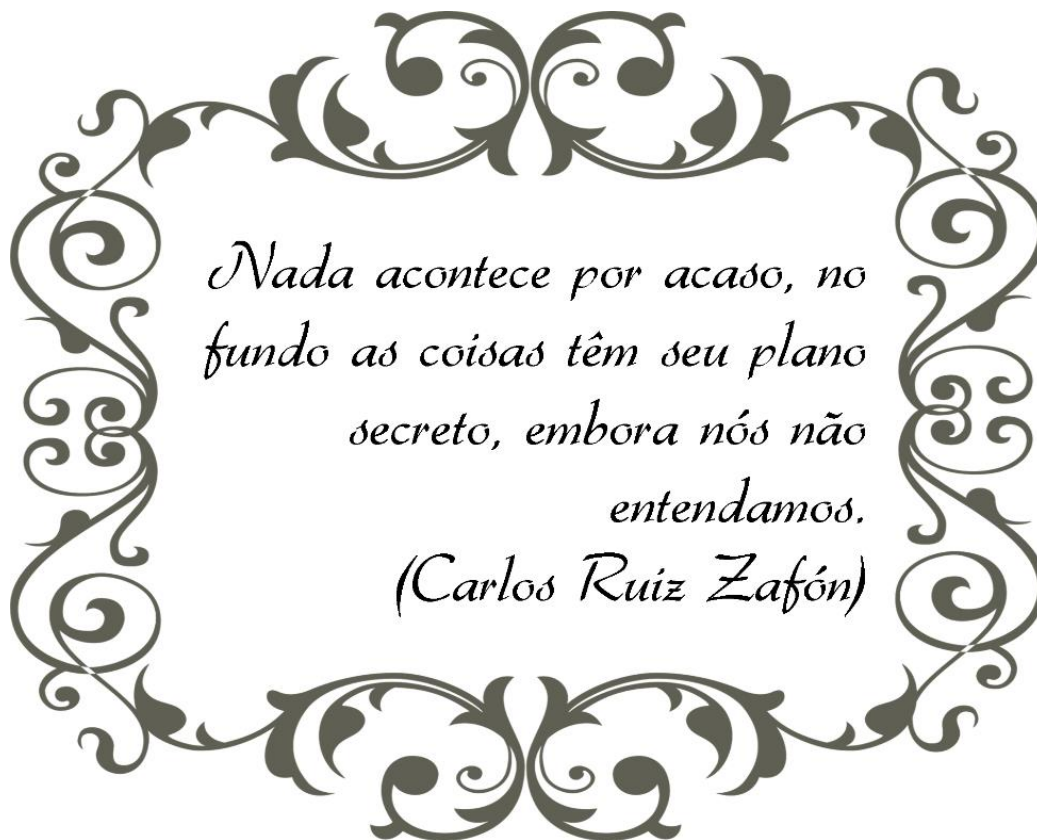
Com este breve relato sobre a história de Paraíso, vamos conhecer a história de um dos descendentes do Conde Bergsen.

GL

Adam

ADAM





... 1994 ...

Ao entrar na mercearia, escuto uma voz doce e aveludada ralhando com o ranzinza do dono do estabelecimento.

— Seu Manuel, não queira me enrolar. Eu sei que o senhor tem picolé de cajá, eu vi a filha do Joaquim sair com um agora mesmo!

O velho convencido encara a pequena jovem como se pudesse enganá-la. No entanto, o olhar astuto da jovem me diz que não.

Manuel é o dono do armazém mais popular de Paraíso. Nós podemos compará-lo a um supermercado que, embora menor, supre as necessidades dos moradores.

Ela o encara e o fuzila com o olhar.

GL

— O senhor sabe que sou louca por picolé de cajá. Se eu pudesse chupava todos. O senhor está escondendo o picolé de mim, não está? Não sei por que faz isso, afinal, eu vou pagar por ele.

O homem de meia-idade franze a testa e não diz nada. Então resolvo socorrê-la.

A pequena jovem está de costas e não me vê chegar.

— Libera o sorvete para a moça, Manuel! Aproveite e me dê um também.

A jovem se vira.

Ela me olha de cima a baixo, boquiaberta, como se eu fosse um dos homens mais bonitos de Paraíso. Seus lábios se esticam em um largo sorriso.

Fixo os olhos nos dela, devolvendo o sorriso.

— Cadê o bendito sorvete, Manuel? — Peço com certa impaciência.

Manuel resmunga alguma coisa, sumindo no interior do armazém. Logo depois, volta com dois picolés, entregando um para mim e outro para a linda jovem que não consegue desviar os olhos de mim.

— Aqui está o seu picolé de cajá. Eu só espero que seu pai não venha reclamar comigo outra vez e me culpar por você ficar doente. — Manuel entrega o sorvete para ela.

— Obrigada! — Ela coloca moedas no balcão. Eu as recolho imediatamente e devolvo para ela, dizendo:

— Sou um cavalheiro.

A linda jovem faz uma cara feia e me entrega seu sorvete, saindo sem me dizer uma palavra.

Vou atrás e lhe chamo.

— Ei! — Puxo-a pelo braço, fazendo com que se vire. — Fiz algo de errado? Eu a ofendi?

— Você acha que pode me comprar com um sorvete? Sei que eu sou de uma cidade que nem existe no mapa, mas não sou idiota. Volte para a capital e tente enganar as moças de lá. — Ela se livra das minhas mãos e sai apressadamente.

— Ei! Espera... — Ela nem me dá atenção e continua andando. Eu vou atrás dela. — Moça! Caramba, você quer me escutar? Os picolés estão derretendo. — Paro, mas ela continua andando. — Me desculpe! — Digo com voz melosa. Diante disso, ela para e se vira.

Assim que os meus olhos se encontram com os seus, eu sinto uma eletricidade correndo nas minhas veias. É a visão mais linda do mundo. Nossa! Ela se parece com um anjo, de tão linda que é.

Parece que o fascínio é mútuo, pois os seus olhos não se desviam dos meus. Sou avaliado por longos minutos por um olhar que me desnuda.

Ela caminha na minha direção. Eu sorrio para ela.

— Me perdoe, eu não quis ofender. — Ela traga o ar com força. — Não sou um turista nem um viajante, eu moro aqui. Quer dizer, minha família tem residência aqui há muito tempo. — Entrego-lhe o sorvete e estendo a mão em um cumprimento. — Adam Manzur Bergsen. — Ela continua me olhando, fascinada. Limpo a garganta, chamando a sua atenção. Ela aceita a mão estendida. — E o seu nome, qual é?

Envergonhada por ter se comportado como uma idiota — sim, ela de fato se comportou como uma —, finalmente sorri e responde:

— Eva Linhares.

— Olá, Eva. Me desculpe mais uma vez se lhe causei uma má impressão.

Percebo que as suas bochechas ardem, pois ficam ruborizadas. Eu dei um tapa com luva de pelica em sua empáfia.

Eva baixa os olhos por alguns segundos para se recompor de sua estupidez e depois volta a me encarar.

— Eu peço desculpas também, fui muito grossa com você. — Ela me avalia com extrema atenção. — Nunca te vi por aqui. Onde você mora?

— Nas montanhas. Não costumo vir muito a Paraíso, deve ser por isso que não sabe quem eu sou.

— Você disse nas montanhas? Onde? Lá só tem mato. — Ela franze a testa e fixa os olhos no meu rosto. — Você só pode estar de gozação com a minha cara! Quem em sã consciência moraria nas montanhas?

Sorrio.

— Nosso sorvete vai virar suco dentro do saquinho. — Examino nossos arredores. — Vamos nos sentar ali. — Indico um tronco de árvore embaixo de uma amendoeira. Caminhamos até lá e nos sentamos. — Você sempre morou aqui? — Ela responde que sim, balançando a cabeça, enquanto prova o seu sorvete. — Não conhece a história da cidade, Eva? Sobre o seu fundador?

— É claro que eu sei quem fundou Paraíso: foi a família González. Até hoje eles mandam e desmandam na cidade. Para ser sincera, eu não gosto dessa família, principalmente do filho do Senhor González, o Rodrigo.

Ela lambe o sorvete de forma descontraída, passando a língua por toda sua extensão. Sua boca fica toda suja, os dedos também. Enquanto os limpa com os lábios, me diz:

— Meu pai vive dizendo que eu serei a esposa dele, que eu sou a sua prometida. Não vou me casar com ele, mas não vou mesmo! Quando o Rodrigo me olha, ele me desnuda por inteira. Seu olhar é faminto, sedento, e isso me dá medo. — Ela me olha convicta do que diz.

O que dizer? Não conheço o tal Rodrigo, então só lhe dou um sorriso torto. Limpo a garganta e mudo de assunto.

— É isso que ensinam na escola? — Fito-a, arqueando as sobrancelhas.

— Sim, por quê? — Ela pergunta com curiosidade.

— Nunca lhe disseram que quem inicialmente comprou estas terras foi o Conde de Bergsen? Ele morou durante anos aqui, com a família. Eu sou um dos descendentes dele.

Eva fica boquiaberta e com duas rugas de curiosidade na testa.

— Caracas! Já tinha escutado essa história, mas pensei que fosse conversa do povo antigo da região. Então... vo-você é um Conde!? Pera aí... — Ela grita, abismada, levantando-se imediatamente. — Então o castelo do alto da montanha existe mesmo?

— Sim. — Encaro-a, espantado. — Eva, você não sabia sobre o castelo? Eu não acredito! Minha família sempre vinha passar as férias aqui. Eu vinha quando era criança, mas depois que me tornei adulto preferi ficar no Rio de Janeiro, em Búzios. A família da minha mãe tem residência lá.

Eva fica sem saber o que dizer, ela realmente desconhecia a existência do castelo.

— Não, eu não sabia. Desde criança nos contaram uma história totalmente diferente sobre Paraíso e o castelo. Eu pensava que era um mito, os meus pais sempre me disseram que as montanhas estavam repletas de animais selvagens.

Escuto sua explicação com atenção, mas depois caio na gargalhada.

Em poucos minutos conto a verdadeira história da cidade. Não sei explicar, mas tanto eu quanto ela nos sentimos muito à vontade um com o outro.

Nosso sorvete acabou e continuamos a conversa, até que eu ouço a voz de um homem, aos berros.

— EVA! — Ele esbraveja, nervoso. — Passe agora para cá. O que você faz de conversa com esse aí? — Ele vem até Eva e a puxa pelo braço. Levanto e digo em defesa dela:

— Calma! Ela só está conversando, não precisa ser grosseiro. — O homem, que aparentemente é seu pai, à solta. Dando dois passos, encosta em mim. Com a voz raivosa, ele fala:

— Eu sei muito bem quem você é, seu estrangeiro de merda! Não pense que vamos te aceitar entre nós só porque fala bem o português. — Ele cospe no chão, demonstrando todo o seu asco. — Nunca mais chegue perto da minha filha.

Ele me dá as costas e sai arrastando Eva pelo braço. Sem olhar para mim, diz:

— Ela não é para você. Volte para a sua propriedade e não saia mais de lá.

Certamente, Eva não entende o motivo para eu ser maltratado desse jeito. Ela fica muda de tanta vergonha.

Vai embora, praticamente arrastada.

Sem que percebam, eu os sigo. Fico preocupado com o modo como aquele brutamontes a tratou. Mesmo sendo o pai de Eva, ele não tinha o direito de subjugá-la daquele jeito.

O homem segue reclamando com ela até chegarem em casa. Me escondo em um local seguro, onde não posso ser visto, mas de onde consigo escutar e ver tudo o que se passa. Se a situação ficar perigosa — para ela — eu certamente irei interferir.

— Dona Eva, você já está na idade de se casar. É bonita, inteligente, e o senhor Rodrigo está disposto a pagar um bom dote por você. Eu acho que devemos apressar esse casamento.

Dote?! Paraíso tinha parado no tempo! As famílias daqui ainda casavam suas filhas em troca de um dote. Pobre Eva. Mas pelo que vi, ela não aceitaria aquilo.

— Mas nem morta que me caso com um homem que eu não amo. E tem mais, papai. — Ela olha para o pai com firmeza. — Quem lhe disse que eu quero me casar? Vai sonhando com isso!

Sua mãe manda que cale a boca. Ela se cala e sai correndo para o quarto. Só escuto o seu pai dizer com altivez:

— Essa menina precisa de um marido que lhe coloque um cabresto, já que eu não consigo fazer isso. A culpa é sua, Lúcia. — Escuto os seus passos fervorosos saindo da sala, enquanto resmunga.

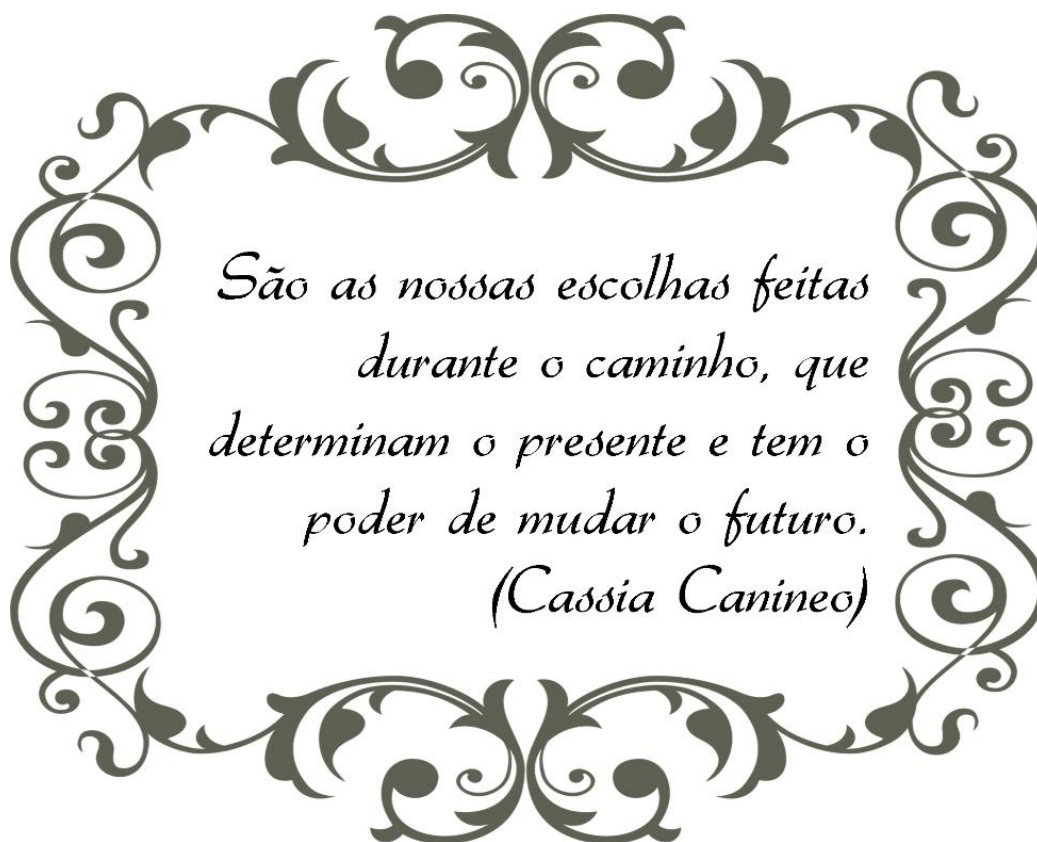
GL

Sua mãe baixa a cabeça e vai para a cozinha, obediente como uma mulher submissa.

Dou a volta na casa, até encontrar o quarto da Eva. Espio pela janela só para me certificar que ela ficará bem. Assim que a vejo trancar a porta do quarto e se deitar na cama, vou embora.

Passo a noite sem conseguir dormir direito. Não paro de pensar no que o pai de Eva disse. Será que ele realmente está decidido a arrumar um marido para ela? Eu tenho certeza, pelo pouco que vi e escutei, que Eva não vai ceder com facilidade. Se o seu pai persistir com a ideia, é bem capaz que ela tente fugir de casa. É o que sempre acontece quando os pais tentam impor aos filhos algo que eles não querem fazer.

Eu só espero que ela fique bem e que o déspota do seu pai tire aquelas ideias arcaicas da cabeça. Também espero que ele não tente nada agressivo contra ela. Ele parece ser um daqueles pais que costumam resolver tudo na base da violência.



— *Senhor* Adam! Senhor Adam!

Acordo com Alfredo batendo na porta do meu quarto. Alfredo é filho de Austin, o mordomo do meu pai. Em uma viagem ao Brasil, Austin conheceu Manuela e eles se apaixonaram. O resultado dessa paixão foi o Alfredo. Ele tem quase a mesma idade que eu: 32 anos. Somos mais amigos do que simples patrão e empregado.

— Entra, Alfredo! — Grito, ainda sonolento. — Qual é o problema, aconteceu alguma coisa? Que horas são? — Pergunto assustado.

— Ainda é muito cedo, Senhor. E não, não aconteceu nada, é que... — Ele olha ligeiramente para a porta, depois se volta para mim. — Tem uma moça no portão principal dizendo que conhece o Senhor.

Alfredo me encara com um ar curioso.

— Moça?! A moça tem nome?

GL

— Eva.

Levanto com um susto e corro para o banheiro.

— Só um minuto, eu já desço. — Falo com pressa. — Alfredo, pode deixar que eu mesmo vou buscá-la.

Meu banho é rápido, em menos de cinco minutos já estou apresentável. Desço as escadas correndo. Chego ao portão principal tão depressa que nem percebo estar ofegante. Não entendo o que está acontecendo comigo, eu conheci a moça ontem e o meu coração já está descontrolado. Pareço um adolescente prestes a se encontrar com o seu primeiro amor.

Assim que a vejo, quase paro de respirar. Ela está linda! Seus cabelos negros e compridos tornam o seu rosto muito mais angelical. O seu lindo vestido floral curtinho deixa suas pernas muito mais longas, mas o que mais me chama a atenção é o seu jeitinho de menina sapeca. Ela é um pássaro livre e rebelde e isso me agrada.

Cristo! O meu coração parece saltitar.

— Eva! Eu não acredito que você veio até aqui de bicicleta. — Gelo com as cenas que se desenrolam pela minha cabeça.

O caminho da cidade para cá é muito perigoso. Ele é cheio de subidas estreitas e tem um abismo de arrepiar até a alma. Ela sorri e o seu sorriso aquece o meu coração. Um simples ato que desperta um mar de sensações dentro de mim, sendo uma delas uma vontade louca de beijá-la.

— E o senhor Conde queria que eu viesse como? De táxi? — Ela dá uma sonora gargalhada. — Paraíso não tem nem ônibus, quanto mais táxi. O nosso principal meio de transporte é a bicicleta. Carro é só para os ricos, que são poucos.

Abro o portão e a ajudo a entrar. Ela e a sua bicicleta, que entrego ao meu segurança.

Eva me olha, surpresa.

— Não se preocupe, ele cuidará bem do seu *veículo*. — Eva sorri ligeiramente e começa a observar a propriedade.

— Caracas! Isso aqui é enorme e lindo! Como eu poderia imaginar que em Paraíso havia um castelo de tamanha beleza?!

Andamos pelo jardim. A cada passo que damos, Eva faz uma pausa para admirar as flores, os arbustos e as lindas borboletas que brincam, rodopiando pelo ar. Quando chegamos em frente ao castelo, ela para boquiaberta.

— Eu posso entrar? — Pergunta, me olhando com um brilho lindo nos olhos.

Eva fica encantada. Como uma criança, ela corre em direção à entrada principal. Eu tento acompanhá-la. Antes de abrir a imensa porta de madeira, ela segura a minha mão, me olha sem jeito e argumenta:

— Desculpe por ter vindo sem avisar. Eu fiquei constrangida com o que papai fez, então resolvi vir pedir desculpas no lugar dele.

— Não se preocupe com isso, eu já estou acostumado com a indiferença do povo de Paraíso em relação à minha família. Essa é uma das razões de eu não vir muito aqui.

Eu realmente não gosto do jeito que me tratam. Meu pai sempre me dizia para não me importar, porque o povo carrega um ódio que não pertence a ele, e sim à família González. Então, para não me aborrecer quando venho para o Brasil, fico em Búzios.

Entramos no castelo. Eva parece uma criança em um parque de diversões. Ela observa tudo à sua volta. Mexe nas coisas e eu me divirto com a sua euforia. Mila vem até a sala e nos chama para o café da manhã.

— Café da manhã! — Eva fala com certo espanto e, sem nenhuma cerimônia, segue Mila até a sala de jantar. — Caracas! Isso é comida para um batalhão!

— Sente-se. — Puxo uma cadeira, me curvando e exibindo o assento. Eva sorri, surpresa com o meu cavalheirismo, e senta.

Foi o café da manhã mais animado da minha vida. Conversamos como se já nos conhecêssemos há anos. Falamos sobre tudo, principalmente sobre os sonhos dela. Ela pretendia estudar na capital, o seu sonho é fazer pedagogia. Eva me disse que logo vai realizar o seu desejo. Depois de descobrir que o pai pretende casá-la com Rodrigo González, me confessou que anda juntando dinheiro para fugir de casa, já que jamais permitiriam que morasse sozinha em uma cidade grande.

Terminamos o café e saímos para passear pelos jardins do castelo.

— Adam! — Ela me olha sorrindo e eu percebo que fica envergonhada. — Eu posso te chamar assim? — Digo que sim. — Me fale de você.

— O que quer saber? — Devolvo a pergunta.

— Você é solteiro ou deixou alguém onde mora? E onde é que você mora mesmo?

Agora eu rio com vontade. — Moro na Noruega. E eu não sou solteiro.

Ela fica séria, percebo certa decepção no seu olhar, por isso logo remendo o que disse.

— Sou viúvo, a minha esposa morreu há quase um ano. Eu tenho um filho de dez anos.

Ela para diante de mim, segura as minhas mãos e fala carinhosamente:

— Eu sinto muito. Você devia amar muito ela, por isso está tão triste.

Percebendo a sua preocupação, eu mantenho o contato das nossas mãos e a guio até um banco próximo a um chafariz. Nos sentamos e eu lhe conto um pouco sobre mim.

— Não estou triste por isso. Não nego que senti a sua morte, afinal, ela era minha esposa e mãe do meu filho. Mas eu não a amava e nem ela a mim. Nosso casamento foi um acordo entre as nossas famílias e, apesar de ela ter nascido aqui no Brasil, o seu pai é um nobre Norueguês. O acordo foi muito vantajoso para os dois.

— Como assim, acordo? Você não pôde escolher com quem queria se casar? E eu pensei que só em Paraíso que existia isso. — Ela franze a testa e aguarda a minha resposta.

— Agora eu posso, já que sou viúvo. Mas antes o casamento era um negócio. — Eva se levanta, para na minha frente e pergunta, sem hesitar:

— Você já se apaixonou? — Sua pergunta me pega de surpresa, mas eu resolvo ser sincero.

— Diversas vezes, mas eu nunca amei uma mulher. E você? — Devolvo a pergunta, já prevendo sua resposta. Ela é jovem demais para já ter amado alguém.

Eva solta uma risada maravilhosa.

— Eu nunca pensei nisso, os homens daqui não me encantam. Eu só vou amar uma vez na vida e esse homem será o primeiro e o único.

Surpreso e curioso com a sua resposta, eu resolvo instigá-la.

— Você já namorou alguém, Eva?

— Não. — Ela é direta na resposta. — Já disse, os rapazes daqui não me agradam. Eles são muito antiquados, acham que as mulheres existem para serem usadas. — Noto certa melancolia na sua voz, como se faltasse algo em sua vida. Eva, percebendo que eu a observo, se sobressalta. — É verdade que aqui tem uma cachoeira e que suas águas são milagrosas?

Desato a rir. Eva me olha e faz um bico de zanga. Confesso que esse gesto desperta outra vez a vontade de puxá-la para mim e morder seus lábios. Paro de rir e respondo à pergunta.

— Sim, existe uma cachoeira no interior da propriedade, só não sei se as suas águas são milagrosas. — Não desvio o olhar dos seus olhos curiosos. Ela franze a testa. — Eva, a cachoeira fica no meio de um jardim de flores de lótus. Para chegar até lá é

preciso atravessar um lago de lodo. É muito difícil passar pelas raízes das plantas. — Percebo que aticei a sua curiosidade, mas continuo. — Costumava me aventurar no lago quando era garoto. Eu ficava todo estropiado, mas valia a pena, a cachoeira é maravilhosa. — Eva me observa e eu já sei o que virá a seguir.

— Me leve até lá, por favor, por favor! — Ela junta as mãos, suplicando. — Segundo a lenda, as águas da cachoeira são medicinais. Dizem que as mulheres que não podem ter filhos, se conseguirem atravessar o lago lodoso e se banharem nas cascatas cristalinas da cachoeira, se tornam férteis. Por favor, me leve até lá!

Não consigo conter a gargalhada.

— Por acaso você pretende se tornar fértil? — Eu tinha que lhe fazer essa pergunta.

— Não, seu tolo, eu só quero ver a beleza do lugar. Estou imaginando um jardim de flores de lótus e lá no fundo, bem escondida, uma maravilhosa cachoeira. Deve ser a visão mais linda do mundo. Você vai me levar até lá?

Como resistir a tal súplica? Acato o seu pedido, afinal, isso significa passar mais tempo ao seu lado.

— Ok! Você sabe montar a cavalo? Porque é um pouco longe. — Ela pula no meu pescoço, sorrindo de alegria.

Perco o equilíbrio e, no susto, ela quase cai, mas eu a seguro firme, mantendo-a presa junto ao corpo. Rodeando sua cintura com as mãos, nossos rostos ficam tão perto que sinto o calor do seu hálito e quase toco os seus lábios com os meus.

Deus! Desejo muito beijá-la.

— Peguei você. — Digo sem tirar os olhos dos dela.

— Eu sei, pegou bem firme... — Ela passa a ponta da língua nos lábios, e isso me deixa louco.

— Você está bem? — Não consigo desviar o olhar do seu rosto e da sua boca. Nossos corpos estão tão próximos que eu consigo sentir os seus batimentos cardíacos.

— Sim... — Ela faz outra vez; lambe os lábios. Eu quase a beijo... nossos narizes se tocam, ela baixa os cílios e desce dos meus braços. — Eu sou uma excelente amazona, amo cavalos. Vamos? — Eva tenta disfarçar a tensão que surge entre nós dois.

Andamos até o estábulo sem dizer nada um ao outro.

Escolho uma égua mansinha, depois ajudo Eva a montá-la. Em seguida, monto o meu cavalo. Seguimos pela floresta e depois pegamos um atalho. Quando chegamos a

uma clareira, desmontamos e seguimos a pé. Subimos várias inclinações e descemos alguns declives até chegarmos à parte densa da floresta.

Acompanhamos o som da cachoeira.

Finalmente, chegamos à clareira da queda d'água. A rocha elevada é cercada de árvores altas e de uma enorme lagoa escura, repleta de folhas verdes e redondas, e em vários pontos, há uma porção de flores de lótus de cor vermelha, que boiam em suas águas escuras. Bem ao fundo, a cascata de água cristalina bate na grande rocha, formando várias corredeiras menores.

Eva fica hipnotizada, passa na minha frente sem dizer uma só palavra, e quando chega bem na beira do lago, faz a coisa mais inesperada...

Despe-se do vestido e fica só de calcinha e sutiã.

— Eva! — Grito, assustado. — O que pensa em fazer? — Ela não me escuta, entra no lago sem olhar para trás.

Mesmo que eu tente, não consigo desviar os olhos da cena. O lindo corpo da Eva vai desaparecendo sob as águas turvas do lago, só ficando os seus ombros à mostra. É a visão mais linda que já presenciei em toda a minha vida. Estou completamente hipnotizado, presencio o que parece ser uma cena de um filme de fantasia. Eva, em meio ao lago de lótus, sorri, segurando as flores nas mãos.

Estou tão absorvido pelo que vejo, que nem percebo que Eva me chama para lhe fazer companhia.

— Você não vem? Anda! Isso aqui é o paraíso. — Ela larga as flores de lótus e começa a andar em direção à cachoeira.

Ao chegar nas rochas, ela toca as mais próximas procurando uma segura para escalar. Ela tenta umas duas vezes, mas elas são escorregadias. Eva finalmente encontra uma firme e senta-se nela, abrindo os braços para o alto e recebendo a cascata de água sobre a cabeça. Fascinado com a visão, eu não consigo nem piscar. Não sei quanto tempo esse filme enlouquecedor irá durar.

— Adam, Adam! — Sua voz meiga me tira do transe. — Vem?

— Não, eu prefiro ficar aqui, apreciando a bela paisagem. — Ela sorri.

Minutos depois, Eva desce da pedra e nada na minha direção. Tiro a camisa para cobrir o seu corpo seminu por dois motivos: um, ela certamente ficará com frio, e dois, eu certamente ficarei excitado.

Aos poucos, o seu corpo vai sendo descoberto ao sair das águas turvas e eu observo cada detalhe das suas curvas perfeitas, desde as pernas longilíneas e bem

torneadas, quadris arredondados, cintura tão fina que parece que vai quebrar ao meio, até os seios. Minha nossa! Imagino como serão sem o sutiã e só tenho certeza de uma coisa: eles são maiores do que as palmas das minhas mãos.

Enquanto ela chega na beira, eu me aproximo lentamente. Percebo que o seu corpo está arrepiado e os tímidos mamilos rígidos. Eu não consigo parar de avaliar o resto, então o meu olhar desce até o seu V, que está coberto por uma calcinha preta. Merda! Fico tão excitado que dou graças a Deus por estar usando uma calça jeans. Eu a cubro imediatamente, e por mais que aprecie o que vejo, tenho necessidade de ocultar a tentação que provoca tais coisas em mim.

Mas a minha fuga é temporária. Eva treme, batendo os dentes. Não tem outro jeito, eu a puxo para mim, abraço o seu corpo e esfrego as mãos nos seus braços e costas. Ficamos por um bom tempo aconchegados um ao outro, até ela parar de tremer.

Não sei se ela percebe o quanto estou excitado, mas os seus olhos se fixam aos meus ao erguer a cabeça. O brilho que vem deles é muito convidativo e a minha necessidade só cresce, tendo o seu corpo preso ao meu, seus seios colados na pele. Sinto os seus mamilos me cutucarem. O desejo grita dentro de mim... *eu a quero!* Desejo essa moça com força. Eva continua me olhando e eu não consigo desviar os olhos dos seus lábios nem do seu olhar.

Preciso tomar uma decisão. Ou a beijo agora, ou a afasto.

A segunda opção é a mais sensata, por isso eu a afasto. Vou até a beira do lago, pego o seu vestido e lhe entrego. Eva se vira, fica de costas e se veste. Prende os cabelos no alto da cabeça e, como ainda sente frio, continua com a minha camisa sobre os ombros. Voltamos para o castelo sem dizer nada um ao outro. Ela deve ter sentido o peso do nosso silêncio, porque resolve quebrá-lo e me fazer uma pergunta:

— Na Noruega você mora em um castelo?

Estamos passando por um dos jardins, e antes de responder, paro por um instante e vou até o canteiro de hibiscos. Pego uma flor e entrego para Eva. Nossos dedos se tocam e nos entreolhamos por alguns segundos.

Esse momento mágico me afasta do mundo real. Se Eva não se afastasse do toque da minha mão, talvez ficássemos assim por longos minutos.

— Não. Eu moro em Ålesund, uma cidade pesqueira. A minha família tem uma indústria de pesca por lá. Eu posso lhe dizer que gosto mais da minha casa do que deste castelo. Pelo menos ela é bem menor. Nos fins de semana eu vou para uma ilha particular onde tenho uma casa. Meu filho adora ficar lá, e eu também.

Sou sincero, minha casa em Ålesund é muito confortável. Ela se divide em dois pavimentos e fica próxima ao meu escritório, assim posso conviver mais tempo com o meu filho Raphael.

— Você acha que eu levo uma vida de rei? — Sorrio. — Posso até ter título de nobreza, mas sou um homem comum, levo uma vida normal como todo mundo. Dou um duro danado todos os dias. Se estou aqui hoje é porque precisava de um tempo só para mim.

Ao fazer este comentário, relembro o que meu médico recomendou:

“Adam, ou você tira umas férias ou você morre. Escolha!”

Antes da doença da Laura, eu vivia unicamente para o meu trabalho, e quando ela adoeceu e faleceu em seguida, fui obrigado a me dividir entre ele e o meu filho. Ele sentiu muito a morte da mãe e a sua tristeza cortava o meu coração, então eu fazia todo o possível para evitar deixá-lo sozinho. Isso me obrigava a dormir muito tarde e a ter que acordar bem cedo. Dormir e comer mal me levou a uma estafa física e mental.

— Eu só pensei, quer dizer... Eu vejo nas revistas como a nobreza vive, por isso pensei que seria da mesma forma com você. Desculpe a minha ignorância.

Paro diante dela, Eva brinca com a flor que eu lhe dei. A sua cabeça está baixa e as suas mãos giram o caule da flor entre os dedos pequeninos. Seguro seu queixo, erguendo o seu rosto e forçando-a a olhar nos meus olhos.

— Eva! Pare com isso. Pelo pouco que te conheço, você é uma moça muito inteligente e fantástica. Não se subestime, ok? — Pisco um olho e beijo a sua testa. — Você aceita almoçar comigo?

— Com prazer! — Ela responde imediatamente.

Nós entramos e eu a convido para conhecer a biblioteca. Antes, ela pede permissão para ir ao banheiro e eu entendo o motivo. As suas roupas íntimas devem estar incomodando, ainda devem estar molhadas. Ensino o caminho.

Eva volta com uma aparência renovada, muito mais linda! Cabelos penteados, soltos e com cheiro de sabonete. Ela senta em uma poltrona bem diante de mim e eu a fico observando por um bom tempo.

— Faça logo a pergunta que está lhe atormentando, Senhor Conde. — Ela fala com ironia.

Limpo a garganta e me ajeito na cadeira.

— O seu pai sabe que você está aqui? Pergunto isso porque eu sei que ele te proibiu de chegar perto de mim.

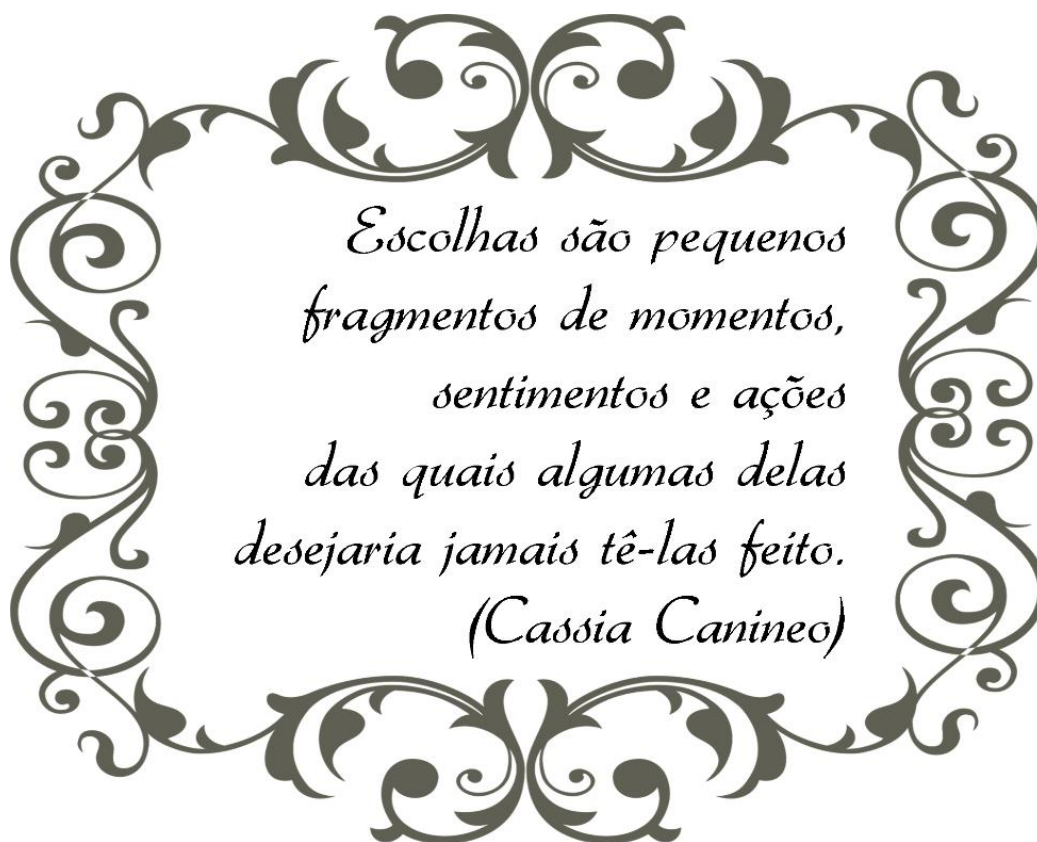
— Não, ele não sabe. Quando eu saí de casa estavam todos dormindo. — Sorri levemente. — Eles já estão acostumados com os meus sumiços, eu tenho essa mania de ficar sozinha. Mesmo quando estudava, depois das aulas eu só voltava para casa à noite. O meu pai fica louco com isso, ele diz que eu tenho corpo de mulher, mas que a minha alma é de um bicho indomável. Ele não consegue me impor regras.

Arqueio a sobrancelha e fixo o olhar no seu. Ela devolve o gesto e me oferece um sorriso torto.

— O que foi? Eu sou desobediente mesmo, só faço aquilo que eu quero. — Eva é um bicho livre, não tenho dúvida quanto a isso.

— Não tenho dúvida disso. — Respondo.

Mila vem nos chamar para o almoço. Foi uma refeição alegre. Eva é uma moça muito diferente de qualquer outra que já conheci, e tenho certeza de que jamais conhecerei uma igual. Quando ela foi embora já era final de tarde.



...Um mês depois...

Eva e eu nos tornamos grandes amigos, até criamos uma rotina deliciosa. Todos os dias ela vem ao castelo bem cedo, nós tomamos café da manhã e depois vamos à cachoeira. Voltamos para almoçar e, no entanto, sempre fazemos algo diferente à tarde: andamos a cavalo, lemos, jogamos xadrez ou qualquer outra coisa. O que não falta é imaginação, e isso *Eva* tem de sobra. Ficar perto dela é nunca cair na monotonia.

Ficamos tão amigos que ela até trouxe algumas roupas para o castelo, inclusive trajes de banho. Eu a convenci, pois não sabia até quando me seguraria vendo-a constantemente em trajes íntimos.

E hoje nossa rotina não seria diferente, sendo o meu aniversário.

Acordo com o som da sua voz. Checo as horas: é muito cedo, quase 06h15 da manhã.

— Que *diabos* está acontecendo? — Eva costuma rir e falar alto, mas justamente hoje ela está sussurrando.

Visto o meu roupão e desço. Vou em direção ao som das vozes, elas vêm da cozinha do castelo, e Eva não está sozinha. Quando abro a grande porta, dou de cara com a Eva fazendo a maior bagunça.

— Vocês podem me dizer o que está acontecendo aqui? — Pergunto, olhando a bagunça à minha volta.

Eva me olha com espanto. Pela sua fisionomia, não esperava me ver tão cedo.

— Eu não tenho nada a ver com isso, quem contou foi a Mila. — Alfredo se defende.

— Contou o quê? — Pergunto.

Então eu logo vejo o que Eva está fazendo. Suas mãos estão dentro de uma bacia cheia de farinha de trigo, e ao lado há leite, ovos, manteiga e açúcar. Junto as coisas... contaram que hoje é o meu aniversário!

— Mila, você não fez isso! Não contou a ela sobre hoje, não é? — Digo, contrariado, pois todos sabem que eu não gosto de comemorar a data.

— Calma aí, grandão! — Eva exclama. — Eu praticamente obriguei a Mila a me dizer. E pode engolir essa tromba, você já estragou a surpresa e o meu bolo. — Eva faz uma cara de zanga quando percebe que estou me aproximando. Assim que chego bem perto, ela sorri. — Bem, já que não vai ter bolo, o que farei com tudo isso? — Ela fala, mostrando todos os ingredientes que estão em cima da mesa.

Rapidamente, ela mistura tudo na vasilha: farinha, ovos, leite, açúcar e manteiga. Quando menos espero, ela vira tudo sobre a minha cabeça. — Agora só falta levar ao forno. — Pego de surpresa, fico sem ação, com a gosma toda escorrendo pela cabeça. Eva mal consegue respirar de tanto gargalhar.

— Sua moleca, você não perde por esperar, Eva! — Pego o litro de leite que sobrou e corro em sua direção. — Ah, se vai! — Eva percebe a minha intenção e corre para a porta que leva à área de serviço.

— Isso se você conseguir me pegar, seu molenga. — Ela corre para fora do castelo.

Claro que eu a deixo pensar que vai conseguir escapar, e quando ela menos espera, eu a alcanço e a seguro pela cintura. Eva se desequilibra e eu, apressadamente, me jogo no chão, amortecendo sua queda. No impacto, os nossos rostos ficam tão próximos que consigo sentir o calor da sua respiração. Em um ato desesperado para disfarçar a minha emoção, derramo o restante do leite na sua cabeça.

Eva solta um grito repentino enquanto tenta se soltar dos meus braços. Prendo-a com firmeza e isso só nos aproxima mais, fazendo com que os nossos olhos se fixem. Ela entreabre os lábios, e os meus olhos fitam a sua boca... Então acontece o inevitável; junto os meus lábios aos seus. A suavidade do beijo lento me deixa zozinho. Enquanto exploro seus lábios com a ponta da língua, entrelaço os dedos nos seus cabelos, forçando seus lábios a se abrirem. Exigindo mais do beijo, penetro sua boca com a língua, à procura da sua. Quando a encontro, puxo-a, chupando-a com necessidade.

Uma das minhas mãos começa a explorar suas curvas com delicadeza, deslizando lentamente os dedos na sua pele macia. Eva geme na minha boca, e eu me aproveito da sua excitação. Começo a morder os seus lábios e a explorar novamente sua boca com a língua. Delirante, ela roça o corpo ao meu e com uma das mãos explora o meu corpo também. Emito um grunhido rouco.

Solto a sua boca e começo a morder o seu queixo, escorregando a língua até o lóbulo da sua orelha, sugando-a. Empunho os seus cabelos com força e os puxo fazendo sua cabeça inclinar para trás, me dando acesso ao seu lindo pescoço. Passo a língua sobre ele, deixando um rastro molhado, depois volto para sua boca, beijando-a com posse.

— Eva! — Sussurro.

Eu a giro e trocamos de posição. Fico por cima, beijo-a com mais força e me torno mais ousado. Minhas mãos vão até os seus seios e os apertam suavemente através do tecido da blusa. Seus mamilos se tornam rijos e eu escorrego a boca pelo seu pescoço, até chegar a um deles. Mesmo por cima do tecido eu mordo o broto com os lábios. Ela está sem sutiã.

— Santo Deus! Eva, você quer me matar?! — Digo, ofegante. Ela ri.

Minha boca continua explorando os mamilos rijos e com uma mão acaricio as suas coxas, subindo até o meio das suas pernas. Ela prende minha mão com força entre as pernas e eu sinto o calor do seu sexo, bem como a sua umidade. Enlouqueço, perco o juízo e começo a roçar no seu corpo. Minha rigidez pulsa sob a calça do pijama e então eu me lembro que estou sem cueca.

O que estou fazendo?

Meu juízo retorna ao lugar.

Afasto-me sem pressa, observando aquele rosto lindo, todo ruborizado. O seu peito ofegante me mostra o quanto ela está excitada. Beijo a ponta do seu nariz, enquanto tento recuperar meu controle. Eva tenta sorrir de maneira inocente.

— Eu pensei que você nunca ia me beijar. — Ela diz, arqueando a sobrancelha. — Por que o espanto? Eu já não estava mais aguentando de tanta vontade. — Me choco com o seu descaramento. — Se você não tivesse me beijado hoje, eu juro que lhe roubaria um beijo à força. Você é muito lento.

Ela gosta de provocar, e eu não consigo segurar a gargalhada.

— Quer dizer que sou lento?

— Humhum. Demais! — Ela afirma.

— Vou mostrar a você o quanto eu sou lento. — Me levanto, e antes que ela tenha tempo de reagir, eu a jogo por cima do ombro, batendo levemente na sua bunda. — Banho, moça. — Eva esperneia, batendo com os punhos nas minhas costas.

Entro no castelo e encontro rostos risonhos, achando engraçada a cena ridícula. Deixo Eva em seu quarto. O quarto que ela mesma escolheu.

— Eu também preciso de um banho. De água fria! — Puxo-a para mim e beijo os seus lábios. Não nego, eu quero mesmo é tomar banho com ela, mas ainda não é o momento certo.

Eva me olha como se quisesse a mesma coisa. Deixo-a com vontade e sigo para os meus aposentos. De banho tomado e com o domínio total das minhas emoções, volto ao quarto de Eva, mas ela não está.

Será que eu a assustei?

— Eva? Eva? — Desço as escadas e vou à sua procura, chamando-a.

— Surpresa! — Eva surge na minha frente segurando um enorme bolo coberto com uma calda de chocolate e frutas vermelhas. Então eu ouço a famosa musiquinha... *“Parabéns pra você, nesta data querida...”*

Emocionado e completamente sem graça, só consigo sorrir. A última vez que fizeram um bolo no meu aniversário foi bem antes de me casar. Avalio com um olhar comovido cada rosto que me encara, principalmente o de uma mocinha linda que está transformando a minha vida em uma completamente nova.

— Vai ficar aí, seu bobo? Me olhando com cara de tacho? Isso aqui pesa *pra caramba!* — Corro ao seu socorro e tiro o bolo de suas mãos. — Ei, calma! Antes de apagar as velinhas, faça um pedido. — Assim faço. Fecho os olhos e faço o pedido. — O primeiro pedaço é meu! — Eva fala, eufórica.

— Vou pensar no seu caso. — Digo, fitando-a com as sobrancelhas arqueadas. Ela sorri, depois me mostra a língua, fazendo uma careta.

GL

Corto o bolo e dou o primeiro pedaço a ela, depois divido entre todos. Foi uma manhã diferente, regada a bolo de chocolate e a beijos de Eva. No entanto, o meu melhor presente é ela.



Estou na biblioteca assinando alguns documentos que vieram da Noruega, quando escuto o som da voz de Eva. Ela sempre se faz presente com sua voz alegre e contagiante, só que desta vez sua voz está diferente. Assim que a porta da biblioteca se abre, uma Eva com olhos vermelhos e aos prantos entra. Logo percebo que algo de muito ruim aconteceu.

Levanto bruscamente e vou na sua direção. Antes que eu abra os braços para recebê-la, ela se joga com força contra o meu corpo, em um gesto que me surpreende. Preocupado com os seus soluços, eu a abraço apertado, acariciando os seus cabelos com uma das mãos.

— Eva, meu Deus! O que aconteceu? O que te deixou assim? — Inquiri, curioso.

Ao sentir o seu corpo trêmulo, um calafrio percorre a minha espinha e sou tomado por uma sensação de extremo cuidado. Nunca senti algo parecido por uma mulher, nem pela minha esposa fui capaz de ficar assim, querendo acabar com o mundo

inteiro só com meras suposições do que podia ter ocorrido. Procuro uma explicação plausível para todo esse furor de sentimentos desconhecidos. Eu não consigo assimilar nada, só uma vontade louca de a proteger.

— Na-não foi nada... — Ela balbucia as palavras entre soluços. — Só... só me abraça, só isso.

Afasto-me um pouco e tento encarar o seu rosto molhado pelas lágrimas. Só então noto que o seu lábio superior está cortado e há uma mancha vermelha bem próxima à sua boca, no lado esquerdo.

Ela sofreu agressão física! Esse pensamento faz com que uma cólera imensa me domine.

— Quem bateu em você, Eva? — Com os olhos presos aos seus, seguro-a pelos ombros e questiono. — Não minta para mim. Eu sei que bateram em você, estou vendo os hematomas. Então, quem fez isso com você?

Eva tenta desviar o rosto. Talvez queira manter longe dos meus olhos o corte labial e a vermelhidão da face.

— Eu caí, foi isso. Por favor, Adam. Não foi nada. — Ela tenta se afastar das minhas mãos, afastando o rosto dos meus olhos.

Seguro-a forte e exijo o seu olhar. Nossos olhos se fixam.

As lágrimas escorrem, descendo tempestuosamente pelo seu rosto, como um temporal sem trégua. Morro mil vezes por dentro, me sinto um incapaz.

— Eva, quem fez isso e por quê? — Indago mais uma vez.

Ela fecha os olhos, respira fundo, enquanto encosta o rosto no meu peito. O choro fica mais forte e eu sinto que posso matar alguém apenas pelo que estou sentindo agora. Ela treme tanto que penso que se desmanchará.

— Por Deus, Eva! Eu juro que mato a fera que bateu em você.

— Adam, só me abraça. — Ela diz pausadamente, com uma voz tão sofrida que deixa o meu coração em pedaços.

Pego-a nos braços e caminho em direção à sala principal.

— Mila. — Chamo a minha governanta. Ela vem apressadamente. — Preciso de um chá calmante. Leve para o meu quarto.

Mila olha preocupada para Eva. Assim que passo próximo a ela, eu digo:

— Ainda não sei o que aconteceu, mas vou descobrir! — Respondo antes mesmo que ela pergunte.

Mila assente com o olhar, vira-se ligeiramente e vai a passos largos para a cozinha. Subo as escadas com uma Eva aos prantos nos braços. Quase caio ao tentar subir dois degraus por vez.

— Shhh! Seja o lá que for, eu prometo que não vai mais acontecer. — Não tenho ideia do que aconteceu, mas tenho certeza de que nunca mais deixarei alguém encostar um dedo nela.

Deito-a na minha cama. Tento deixá-la o mais confortável possível. Quando tento me afastar, ela me puxa para perto.

— Deite comigo, não quero ficar sozinha.

Eu não pretendia sair de perto dela, mas foi muito bom escutar a sua súplica.

— Não vou te deixar sozinha, só quero que se sinta confortável para que eu possa me sentar ao seu lado.

Ela sorri levemente. Um riso tristonho, e isso me deixa quebrado por dentro.

Sento na cama, recostado na cabeceira. Ela ergue o corpo e escorrega em direção ao meu peito, seu rosto se esconde na curva do meu ombro e ela soluça mais uma vez.

Escuto batidas na porta.

— Entre. — Mila entra. Ela está com uma bandeja nas mãos.

— Trouxe um chá calmante bem morninho e compressas para pôr no rosto dela. Se precisarem de algo mais, é só me chamar.

Mila se afeiçoou a Eva, as duas vivem cochichando e rindo pelos cantos. Eu não sei o que elas tanto conversam, só sei que se tornaram grandes amigas. Mila é solitária, se casou muito nova com o Alfredo e os dois não têm filhos. Ela tem quase a mesma idade da Eva, acho que é por isso que as duas se dão tão bem.

— Obrigado, Mila. Se precisar eu chamo, sim. Não se preocupe, ela ficará bem. — Digo, tentando acalmar as duas e a mim mesmo.

Mila sai do quarto com o semblante preocupado.

Assim que a porta se fecha, volto minha atenção para Eva. Ela continua com o rosto escondido no meu peito e eu sinto as suas lágrimas molharem o tecido da minha camisa. Não posso ficar indiferente a tamanho sofrimento. Seguro seu queixo entre os dedos e o levanto, fazendo os seus olhos encontrarem os meus.

Seu lábio está inchado e o rosto muito vermelho. Não sei se foi um tapa ou... não, nem quero cogitar a ideia. Me dói só pensar na hipótese.

— Eva... — Ela encosta levemente os lábios nos meus, me impedindo de completar a frase. Não resisto ao toque suave da sua boca e a beijo com carinho.

O calor do beijo me excita, ela tem esse poder sobre mim. A cada toque seu o meu corpo entra erupção. Quando começo a me empolgar, ela geme. Não de prazer, mas de dor. O frenesi do meu beijo machucou seu lábio superior, então percebo o quanto estou sendo insensato. Me afasto lentamente.

— Eva... — Respiro profundamente, encostando a testa na dela, tentando descobrir o que aconteceu. — Querida, o que houve? — Ela tenta me beijar outra vez, mas me afasto, virando o rosto para o lado oposto. — Não, não tente fugir da minha pergunta. Se você não me contar, eu vou descobrir e será pior para quem fez isso.

Impaciente, ela tenta se levantar, mas eu a impeço.

— Por favor, me deixe ir. Foi um erro vir aqui. Quero ir embora.

— Você não vai a lugar algum, não antes de me contar o que aconteceu! — Coloco autoridade na voz e faço com que ela me encare. — Ou me conta, ou vou atrás de quem fez isso com você.

Eva ergue o rosto e os seus olhos me fitam com uma determinação inabalável. Ela tenta de qualquer jeito desviar a minha atenção do que aconteceu, só que é tarde demais, eu já vi o estrago no seu lindo rosto.

— Adam, deixa para lá, eu não quero que você se meta nisso. Foi... foi um erro vir até aqui. Você não pode e nem deve me ajudar.

Antes mesmo de conseguir impedi-la, ela se levanta da cama e tropeça no tapete quando tenta alcançar a porta. Sou mais rápido e consigo evitar que caia.

— Já disse que não irá a lugar algum sem antes me contar o que aconteceu. Pare de ser criança, Eva! — Sou áspero, posso até dizer que sou duro na maneira de falar. — Acho que eu tenho esse direito. Você e eu temos intimidade o suficiente para isso. Ou não temos?

É o que penso. Afinal, nas últimas semanas, eu e Eva nos envolvemos intimamente. Posso dizer que estamos namorando, pelo menos é o que eu acho.

— Eu... eu não sei o que temos, você nunca me diz o que sente por mim. Não posso... — Ela baixa os olhos e as lágrimas descem.

— Não pode o que, minha querida? — Ela continua de cabeça baixa. Eu a abraço com carinho. — Eva, pelo amor de Deus, me diga o que está acontecendo.

— Não posso continuar negando o que eu sinto por você. — Seus olhos marejados me encaram. — Eu amo você. Amo muito e não posso me casar com outro sentindo o que eu sinto.

Ela desaba, e se eu não estivesse perto, teria caído no chão.

— Por Deus, querida! — Levanto-a e a coloco nos braços, levando-a de volta para a cama. — Você me ama? Tem certeza disso? — Incrédulo com a sua declaração e perdido em uma confusão de sentimentos, eu faço as perguntas mais tolas, aquelas que devem ser evitadas em um momento como este.

— Você é um idiota. — Recebo a resposta que mereço. — Há muito tempo que eu te amo, seu idiota...

— Querida... — Fico sem saber o que fazer, nunca escutei tamanha declaração de uma mulher e nunca fiz uma parecida. É estranho isso, mas é a pura verdade. — Eu te amo tanto quanto você me ama, tolinha.

Eva está sentada no meu colo e o seu rosto molhado pelas lágrimas está bem próximo ao meu. Mantenho a posição ereta, sem desviar o olhar. Enquanto a minha boca se aproxima lentamente da sua, a minha mão desliza delicadamente pelos seus cabelos e os meus dedos escorregam suavemente pela sua nuca para, em seguida, minha boca se juntar à sua.

Todo o corpo de Eva responde ao meu beijo, aguçando os meus sentidos. Eu sei que ela está machucada, mas só de pensar em me afastar dela o meu corpo e mente travam uma luta entre a razão e o desejo.

A razão vence a batalha.

Afasto-me.

Assim que a minha boca se separa da sua, escuto um gemido de frustração.

— Querida, eu te amo tanto, tanto... Tanto que quero matar quem lhe causou isso. — Seguro seu queixo e avalio os hematomas. A raiva cresce dentro de mim. — Quem fez isso e por quê?

— Isso não importa mais. Agora que eu sei que me ama, não importa mais.

— Enlouqueceu? Acha mesmo que eu vou deixar alguém te machucar? Ou me conta ou eu descubro e será pior!

Sou incisivo. Eva precisa saber que não sou homem de deixar que machuquem aqueles que amo.

Ela tenta desviar o olhar, mas eu travo o seu queixo com firmeza.

GL

— Quem fez isso e por quê?

— Meu pai. Ele quer me obrigar a casar com o Rodrigo, estamos noivos...

— O quê? — Não deixo que complete a frase. Estou completamente enfurecido.

— Seu pai fez isso com você? Ele... ele quer te obrigar a se casar...

Engulo a raiva. Não consigo acreditar que um pai possa espancar uma filha desse jeito. O rosto da Eva está muito vermelho, se ela não aplicar compressas ele provavelmente ficará roxo. E o lábio ainda sangrava.

— Não importa mais, eu disse a ele que não vou me casar. Eu prefiro morrer... foi por isso que ele me bateu. — Puxo-a para mais perto e beijo sua testa.

— Vamos resolver isso. Eu vou falar com o seu pai e pedir você em casamento...

— Fará isso? — Ela me interrompe. — Jura que quer se casar comigo?

Ela me olha com assombro.

— E por que não me casaria? Eu te amo, quero ficar velhinho ao seu lado. — Seus braços envolvem o meu pescoço e a tristeza em seu olhar dá lugar a um brilho intenso.

— Eu pensei que um conde não poderia se casar com uma moça assim como eu. — Eva me encara com um olhar inquiridor.

— Assim como você? — Pergunto e sorrio. — Linda, alegre, cheia de vida e... e muito corajosa! — Beijo a ponta do seu nariz. — Claro que um conde pode se casar com uma moça como você. Ele não só pode, como deve.

Ela sorrir, e a ruga na minha testa desaparece. Contudo, não esqueço a agressão sofrida por ela. O seu pai vai ter que se explicar.

— Quando posso conversar com os seus pais?

— Papai viajou com o Rodrigo, eles foram inspecionar algumas terras, voltam em algumas semanas.

— Então falarei com ele assim que ele voltar.

Ela abre um sorriso largo, como se as minhas palavras fossem a sua tábua de salvação.

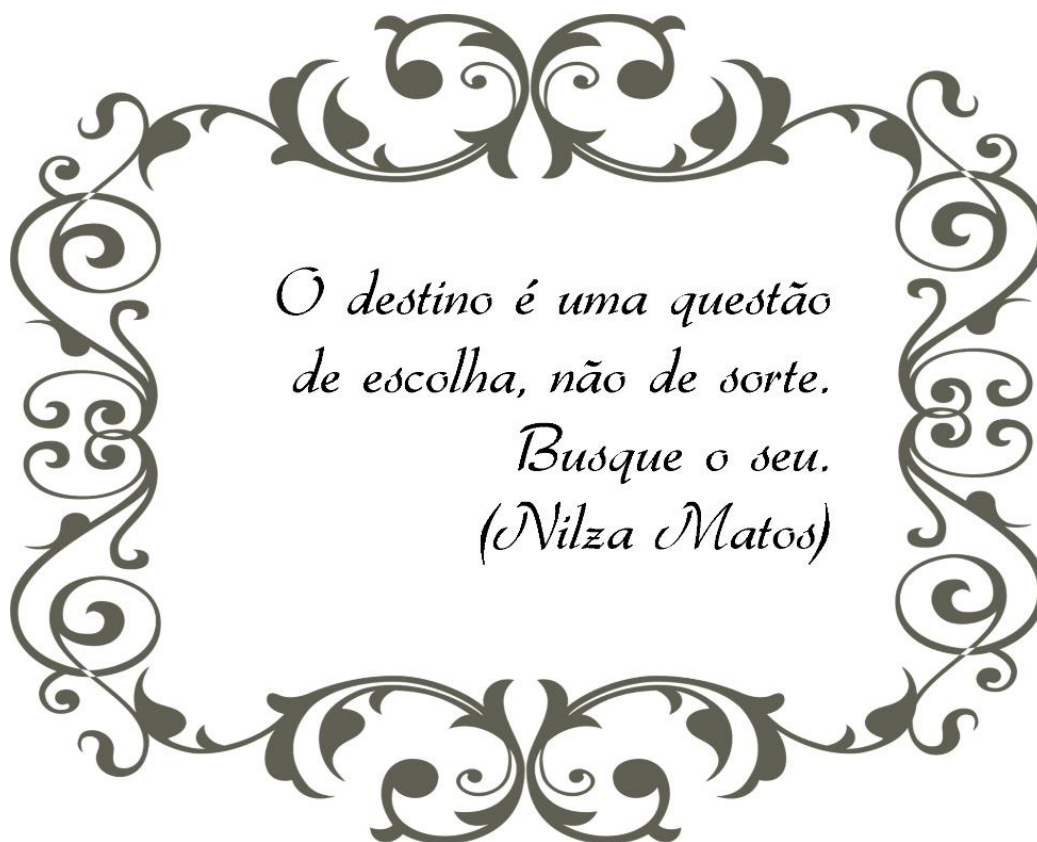
— Adam, mesmo que você não quisesse se casar comigo, eu jamais me casaria com o Rodrigo. Ele me dá medo, temo que seja pior que o meu pai.

Antes mesmo que ela complete a frase, eu a interrompo com um beijo leve e lhe digo com excessivo carinho:

GL

— Querida, nunca mais ninguém encostará um dedo em você, nem mesmo o seu pai. Eu prometo. Agora, vamos cuidar dos seus hematomas. Depois... bem, depois eu quero mimar você.

Eva se entrega aos meus cuidados. Ela está calma, sem lágrimas e o seu coração bate apressadamente, mas por minha causa.



Após o incidente com Eva – se é que posso chamar aquilo de incidente – não a vejo mais com frequência. Sua mãe está controlando suas saídas. Eu a aconselhei a obedecer e evitar atritos com os seus pais. Quanto menos ficarem aborrecidos melhor para nós, já que pretendo lhe pedir em casamento. Sei que não sou bem-vindo em Paraíso. As pessoas me expulsariam daqui se pudessem, portanto, é melhor não abusar da sorte.

Essa desavença com os Bergsen vem desde a época que Paraíso foi fundada pelo meu tetravô. Eu nunca entendi o porquê de tantas brigas, só sei que desde aquela época nossa família evita vir a Paraíso, mesmo sabendo que somos os donos de mais da metade destas terras.

Sinceramente, eu nunca me importei com as intrigas entre a minha família e a família González. Até o momento.

Hoje, começo a me importar. Essa guerra pode prejudicar o meu relacionamento com a mulher que eu amo, e isso eu não vou permitir.

GL

— Senhor Conde, telefone. É da Noruega.

Estou no jardim, esperando por Eva. Combinamos de passar o dia juntos, faz cinco dias que o seu pai está viajando e, desde então, se conseguimos nos ver por três dias foi muito.

— Por que não ligaram para o meu celular? — Olho para a mesa onde está o meu aparelho Motorola.

— O Senhor esqueceu que em Paraíso o sinal de telefone móvel não funciona direito?

— Esqueci desse detalhe, Mila. Eu já estou indo.

O telefone móvel chegou há pouco tempo no Brasil e o sinal é muito precário. Em algumas regiões ainda não existem redes de telecomunicações, o que torna a acessibilidade restrita.

Respiro fundo, estou preocupado com a demora da Eva.

Ela virá, Adam, não se preocupe.

Chego na biblioteca.

— Alô! — A ligação não está muito boa, eu quase não consigo escutar o que dizem do outro lado da linha. — Sallin, é você? — Estou quase gritando.

— *Senhor Conde, estou tentando falar com o senhor há dois dias. O seu celular não dá sinal e o fixo está sempre ocupado.*

— Meu celular não pega direito aqui, Sallin. E o fixo é problemático. É difícil completar a ligação. O que houve?

— *Estou tentando avisar sobre a reunião com os pescadores de Ålesund. Eles só querem negociar com o senhor.*

Tinha esquecido completamente da bendita reunião. Eva tomou todo o meu tempo. Desde que nos conhecemos, tudo para mim só diz respeito a ela. Deixei de pensar até nos meus negócios na Noruega e só telefonei para casa para falar com o meu filho, Raphael.

Antes da morte da minha esposa, Adeli, eu comecei um projeto para expandir a rota pesqueira e exportar alguns pescados para o Brasil, mas tenho encontrado alguns obstáculos junto a uns pescadores da associação. Eles têm medo do progresso. Achrom arriscado mudar o que há décadas dá certo, mas eu consegui convencer algumas cooperativas. No entanto, as mais importantes ainda estão com o pé atrás.

— ¹Dritt! Esqueci completamente da reunião, Sallin. Eu sei o quanto é importante para nós. Remarque para daqui a alguns dias, é o tempo que eu tenho para resolver alguns problemas.

Sallin prossegue falando sobre a reunião e suas pautas. Conta sobre as dificuldades com alguns líderes das associações do norte da Noruega, queixa-se sobre os custos proibitivos do projeto e conclui que só a minha presença vai apaziguar e colocar ordem nos colaboradores dos Pescados Bergsen.

Sallin para de falar e espera que lhe dê atenção. Impossível.

Neste momento, a minha boca está coberta por lábios macios e sedentos pela minha completa atenção. A minha Eva está nos meus braços.

— *Senhor Conde!* — Me afasto apenas o suficiente para pronunciar algumas palavras.

— Sallin, faça como eu mandei. Assim que puder ligo de volta. — Concluo e me levanto, sem soltar o corpo da Eva.

Deixo o telefone de lado e volto a atenção para a linda mulher que está na minha frente: sedutora e completamente minha. Lentamente, com uma sensualidade natural, beijo os seus lábios, a ponta do nariz, as bochechas rubras, o queixo; até voltar outra vez para sua boca. Eva se entrega aos meus carinhos.

Ela adora ser beijada, principalmente com possessividade, e eu adoro beijá-la assim. Aliás, tudo em relação a Eva produz um sentimento possessivo em mim.

Embrenho os dedos entre os fios sedosos dos seus cabelos e os empunho com força. Fazendo sua cabeça inclinar para trás, mordo seu queixo, deixando a marca dos meus dentes na pele sensível. Ela solta um gemido lento e eu a mordo com um pouco mais de força.

— Que saudade de você, querida. — Digo enquanto me afasto lentamente e fixo o olhar no dela. — Quase vou à sua caça. Eu não suportaria mais um dia sem os seus beijos e esse seu cheiro doce. — Beijo-a lentamente, fazendo-a arfar com cada mordida e cada chupão.

— Senhor Conde, eu acho que vou demorar mais tempo para vir te ver...

Ela sorri na minha boca. Eva é assim: ousada, sedutora e inocente. Ela é uma mistura perigosa e deliciosa. Sentindo esse turbilhão de emoções, eu a abraço, aprofundando o beijo e lhe mostrando o tamanho do meu desespero por tê-la.

A mão que antes puxava seus cabelos agora desce suavemente em uma carícia, buscando o contorno do seu pescoço. Eu sei que ela ama ser acariciada, mesmo que seja discretamente, mesmo que seja sem a ousadia dos amantes apaixonados. Sim, eu

procuro proteger sua inocência das minhas demandas masculinas. Eu a desejo, eu a quero com toda a força do meu coração e corpo, porém, quero fazer tudo certo, tudo a seu tempo. Ao menos eu tento. Muitas vezes é quase impossível manter as mãos longe do seu corpo e mais difícil ainda manter outras partes à distância.

E é com este pensamento que mordo de leve seu pescoço, seguindo com a língua até o encontro dos seus seios, que estão escondidos por uma pequena blusa de algodão. Só os botões brancos me impedem de despi-la. Quando minha língua se perde entre os dois montes firmes, Eva me aperta com força, gemendo baixo. A sua pele se arrepia e eu sinto o tremor do seu corpo.

Um fluxo quente de sangue se espalha sob a minha pele. O meu desejo cresce na frente da calça.

— Querida, você me enlouquece. — Murmuro, mordiscando seus lábios com os dentes.

Sem conseguir pensar direito, pois o meu lado animal e faminto é mais forte do que o meu lado racional, pego-a nos braços e a levo para o estofado macio e acolchoado da biblioteca. Me deito sobre ela com cuidado, procurando não lhe impor o peso do meu corpo. Meus lábios encontram os seus e eu a beijo com posse, devorando cada pedaço da sua boca.

Excitada, presa a um desejo violento, Eva se contorce embaixo de mim, sucumbindo ao seu desejo. Sem soltar sua boca, os meus dedos ágeis desabotoam os botões da blusa, libertando os seios firmes. Dois mamilos rijos ficam entre os meus dedos.

Ela é a minha perdição.

Aperto os seus mamilos com cuidado. Eva geme baixinho, e eu não resisto. Deixo sua boca e os meus lábios vão em busca dos seus seios. Mergulho o rosto entre eles, aspirando o seu cheiro inocente. Mordo a pele macia, deixando a minha marca. Eva delira de excitação. Seu coração segue batendo de uma forma ritmada que eu consigo sentir no corpo.

Meus lábios encontram um dos seus mamilos. Nossa! Eles estão tão duros que poderiam perfurar um tecido fino. Minha boca os saboreia com total dedicação. Eu chupo, mordo e lambo.

Estou tão excitado que sinto a calça molhar. Me esfrego no corpo de Eva, com completa ousadia e ardor. Um ardor que nos queima, literalmente.

— Adam... eu... eu... quero você.

Mal consigo escutar a sua súplica, estou completamente perdido.

Eva suspende a pequena saia de algodão. Sinto o calor do seu sexo e não resisto, levo uma mão até o meio das suas pernas.

— Dritt! É por mim que você está assim, tão... tão molhada... — Deliro com o calor da sua vulva na mão.

Mergulho dois dedos nela e, mesmo por cima do tecido da calcinha, eles ficam entre os seus lábios vaginais. Faço um vai e vem lento, até encontrar o pequeno ponto sensível e começar a brincar com ele.

— Isso é muito gostoso, querida. Tão quente, tão molhada...

A pequena calcinha está encharcada e os nossos corpos também. O vai e vem inquieto e a fricção dos meus dedos na sua intimidade me deixam zonzos.

— Adam... eu quero ser sua, agora. — Ela suplica. Ela me quer.

Sinto a sua mão desafivelar o meu cinto. Logo depois o meu zíper é aberto e o meu sexo é libertado. Ela o coloca entre as coxas. Desde que começamos a namorar, essa é a primeira vez que temos uma intimidade mais ousada. Eu não vou além de beijos e amassos, mas tudo é por cima das roupas. Não que eu não tenha vontade de a fazer minha, esse desejo eu tenho desde que a conheci.

É a minha razão que fala mais alto. Eva é muito nova, eu não quero assustá-la. A verdade é que eu sou um homem das antigas.

Esse pensamento me chama de volta à razão.

Beijo-a na boca e depois na testa. Me levanto e a encaro.

Eva está rubra de excitação. Lábios inchados por conta dos meus beijos afoitos, os seios à mostra. Ela é a verdadeira personificação do desejo.

Ela abre os olhos e me encara.

— Faça amor comigo. — Ela nem pisca ao me pedir.

Por mais que eu a queira, sei que não devo.

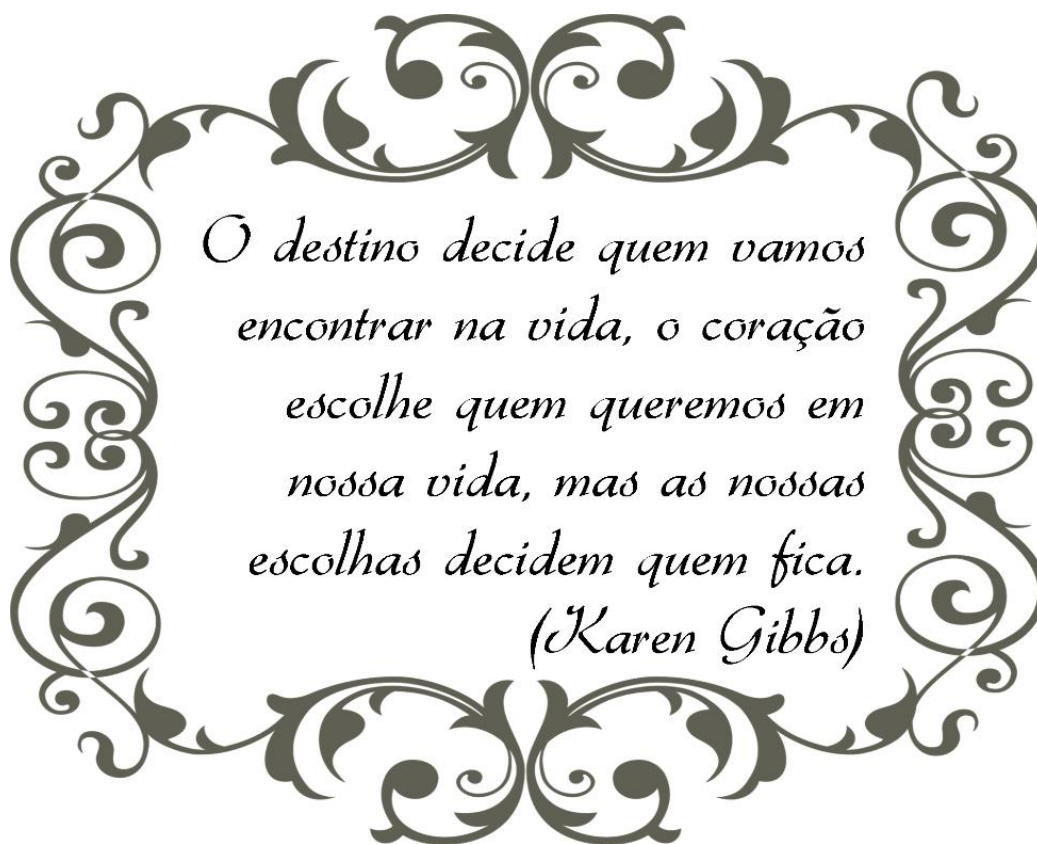
— Querida, esse é o meu maior desejo... — Beijo-a outra vez, enquanto me recomponho. — Só que... — Ela sustenta o corpo nos cotovelos, enquanto eu me sento e começo a fechar os botões da sua blusa.

— Só que o quê? — Ela inquire com um olhar desconfiado. — Você me deseja, eu sei que me deseja. O que é, então? Você acha que eu sou jovem demais, é isso? Adam, você desistiu de se casar comigo?

Devolvo a sua saia ao lugar, puxando-a para o colo. Eu a abraço com cuidado, depois volto o meu olhar e o fixo em seu rosto.

GL

— Desistir de você? Nem morto! Você é tudo o que eu quero e preciso. Só que...
— Ela gira os olhos e entorta a boca. Sorrio com o seu gesto. — Querida, eu sou um homem antiquado, só tomarei a sua inocência na nossa noite de núpcias. Eu quero que o nosso casamento seja tradicional. Espero que me entenda, não quero pular etapas. Você será minha sem pular nenhuma etapa. Se esperei por você até hoje, posso esperar um pouco mais.



Eva me olha, aturdida, seu olhar é suplicante e ao mesmo tempo incrédulo. Ela não acredita no que acabo de lhe dizer. O seu corpo ainda pede pelas minhas mãos e boca. O peso do desejo transparece nas batidas do seu coração e na respiração ofegante que me envolve, me seduz. Foi preciso muito esforço mental para resistir. Me afasto sem dizer nada, deixando-a tremendo de vontade... de mim.

Enquanto me afasto do seu corpo trêmulo, ela mantém o olhar fixo em meu rosto.

Seus lábios estão inchados e vermelhos, entreabertos. O desejo súbito e urgente de tocá-la outra vez surge forte, tão forte que preciso desviar os olhos. Instantes depois, eu a fito novamente. Ela continua com aquele olhar suplicante, o martírio da minha perdição.

— Eva, preste atenção. — Ela me olha em silêncio. Me aproximo, sentando ao seu lado, e envolvo seu queixo com os dedos. — Querida, o que eu vou dizer, eu nunca disse e nem pensei em dizer a nenhuma mulher. — Ela pisca os cílios longos,

lentamente. — Eu te amo! Tenho certeza que jamais amarei outra mulher da mesma maneira. Você será a única em toda a minha vida.

Talvez eu não tenha me feito entender, pois Eva continua me encarando sem mover os lábios.

— Querida, você me escutou? — Seu olhar continua preso ao meu, seus cílios nem se movem. — Eva, eu te amo, mais do que tudo. É o meu amor que pede para que eu seja cuidadoso e respeitoso, a sua inocência intocada exige isso. Eu preciso, necessito agir conforme manda a tradição da minha família, Eva. — Agora ela fecha e abre os olhos, me encarando novamente. — Só a farei minha mulher na nossa noite de núpcias. Por mais que eu a deseje, é assim que será. Você me...

— Adam... — Ela sai do transe e, depois de uma breve pausa, prossegue. — Então... então você não mentiu quando disse que não amava a sua mulher. Por que se casou com ela, então?

A simples pergunta curiosa de Eva me força a contar a verdade. Outra vez.

— Eva, eu não menti. O meu casamento foi um arranjo entre as famílias. É um costume da nobreza. Meus pais e os pais da Adeli, minha falecida esposa, já tinham celebrado o acordo no dia que ela nasceu. Nós dois ficamos sem opção, a não ser aceitar. Acabamos nos casando, mesmo sabendo que Adeli amava outro homem.

Ao escutar a minha revelação, Eva me olha com espanto.

— E você não ficou com ciúmes? — Pergunta rapidamente.

— Só temos ciúmes de quem amamos, minha querida. Eu não a amava, nem ela a mim. Nós nos respeitávamos. Durante o tempo em que ficamos casados eu nunca a traí, e ela também me foi fiel. Nós vivíamos como um casal normal, mas éramos amigos que compartilhavam a mesma cama. Ela era minha esposa e eu o seu marido. Nós tínhamos as nossas obrigações conjugais. Com o tempo, aprendemos a gostar um do outro e a nossa relação passou a ser prazerosa, mas não existia amor.

Eva me olha, admirada.

— Não consigo me ver casada com alguém que eu não ame. Jamais aceitaria isso.

Um rubor característico do orgulho se espalha pelo seu rosto.

— Eu e Adeli aprendemos a conviver. Quando ela ficou doente, eu sofri muito. Sua doença não tinha cura. Eu sabia que perderia a minha companheira. Eu me acostumei a ela e ela a mim. Nós éramos felizes. Mesmo sem amá-la, ela me fez feliz e me deu um filho maravilhoso.

Era visível o estado de alarme de Eva. As sobrancelhas erguidas, a boca entreaberta e as bochechas rubras.

— Querida, nem todos os casamentos são por amor. A grande maioria é por puro interesse, acredite.

Ela fica alguns minutos com um olhar vazio, me encarando, mas sem me ver realmente. Espero até que ela volte a si. Já estou a ponto de agitar os seus ombros, quando ela pisca e varre o meu rosto com o olhar.

— E tem como ser feliz, se casando com alguém que não se ama? Porque eu nem consigo cogitar a ideia de um dia beijar alguém sem sentir desejo, quanto mais ir para a cama.

— Eva, você se acostuma com tudo na vida. O tempo nos torna passivos, molda a nossa realidade. Tudo é questão de convivência. Ela nos leva a viver um dia de cada vez, e quando menos percebemos, já estamos tão acostumados à situação que quando ela muda, sentimos falta.

Beijo-a levemente nos lábios.

— Eu jamais me acostumaria a isso. — Eva se afasta um pouco e articula, me olhando com determinação. — Prefiro morrer a ser forçada a fazer algo que não queira.

Eu tenho certeza disso. Eva não é uma pessoa que se possa manipular, ela tem vontades próprias, desejos só seus. A sua personalidade forte não a deixará ser escravizada.

— Você não precisará ser forçada a fazer nada que não queira, eu estou aqui para garantir isso. — Eva me olha, intrigada. Eu a beijo outra vez. Sorrio quando me afasto da sua boca. — Querida, assim que casarmos, iremos embora do Brasil. O seu pai nunca mais vai impor sua autoridade e nem te encostar mais um dedo.

— Adam. — Sua mão abrange o meu queixo, exigindo o meu olhar. — E se o meu pai não permitir o nosso casamento?

— Nós não precisamos da autorização dele, somos maiores de idade. Por isso eu preciso do seu documento de identificação. Vou mandar o Alfredo tirar uma cópia e autenticá-lo. Quando eu for ao Rio de Janeiro, vou pedir a um amigo embaixador para providenciar o seu passaporte e a autorização para o nosso casamento. Quando eu voltar...

— Você vai viajar? — Ela me interrompe — Como assim? Quando ia me contar? Vai quando? Pretende voltar...

— Ei... — Faço-a se calar colocando dois dedos sobre os seus lábios. — Respira, meu amor. — Seu olhar interrogativo se fixa ao meu. — Sim, vou viajar. Eu preciso

voltar para a Noruega, tenho negócios importantes que não podem esperar a minha volta definitiva, mas serei breve e estarei de volta em alguns dias. Uma semana, no máximo. É o tempo do seu pai voltar de viagem.

Ela faz uma cara de tristeza. Baixa os cílios e permanece com eles baixos mais tempo do que o necessário. Ergo o seu queixo, e quando a encaro, vejo os seus lindos olhos nublados.

— E se você não voltar mais? E se esquecer de mim?

— Ei, vamos parar. — Digo imediatamente. Não gosto das suas suposições. — Eva, eu te amo! Você só não vai comigo porque eu sou um homem que segue as tradições. Eu preciso comunicar as minhas intenções ao seu pai, só por isso não te levo agora.

Realmente, eu só não a levo comigo porque ainda não informei sua família sobre o nosso casamento, caso contrário, eu já estaria voltando para a Noruega casado.

— E quando você parte? — Ainda insatisfeita, ela me pergunta.

— Daqui a dois dias, por isso eu preciso do seu documento de identificação o quanto antes. Está com você? — Ela assente, leva a mão ao bolso da saia e o retira, me entregando.

— É só disso que precisa? — Indaga.

— Não. Se fosse da forma convencional eu precisaria de outros documentos, mas quando conhecemos as pessoas certas tudo se torna mais fácil. Este pequeno documento é tudo o que eu preciso para obter o seu passaporte e a papelada do casamento.

— Quando será o nosso casamento? — Eva se atrapalha, gesticulando como se não quisesse parecer ansiosa. — Eu estou perguntando porque vou precisar de um vestido de noiva. Afinal, eu vou me casar com um conde.

Ela ri, e o seu riso é um pouco tímido, mas ainda assim eu o amo.

— Você não precisa se preocupar com nada, a minha condessa terá o vestido mais lindo de todos. Eu só preciso que esteja pronta, porque se o seu pai não se opuser à nossa união, nós nos casaremos aqui mesmo. Do contrário, iremos embora no mesmo dia e nos casaremos no Rio de Janeiro.

— Vamos fugir? — Eva exclama, alardeada.

— Qual o problema com isso? — Pergunto. — Você não tem certeza se quer se casar comigo?

Ela faz um trejeito.

— Claro que eu quero! Só é estranho pensar que eu terei que fugir para me casar, mas não duvido que vamos precisar fazer isso mesmo. Segundo o meu pai, eu estou noiva do Rodrigo e ele jamais permitiria tal afronta. Tenho até medo do que ele possa fazer com você, caso desconfie do que pretendemos fazer.

— Quando ele descobrir, já estaremos longe de Paraíso. Não se preocupe. — Asseguro. Eva respira profundamente e eu a abraço, apertando-a contra o peito. — Agora eu quero te pedir uma coisa. — Ela se afasta e me encara, com aquele olhar arqueado e desconfiado. Os músculos do meu rosto se contraem, baixo o olhar em direção ao seu e lhe digo em um tom calmo: — Quero desenhá-la no jardim de lótus. Eu só farei um esboço, e quando chegar da Noruega, pintarei uma tela em aquarela.

— Você sabe desenhar e pintar? — Assinto. — Caramba! Além de Conde, você é um artista?

— Um dos melhores. Se eu não fosse um homem de negócios, não morreria de fome, viveria das minhas pinturas. — Falo com orgulho.

Eva pula da cadeira e me puxa pela mão. Não tenho alternativa a não ser me levantar e segui-la, enquanto ela dispara a falar.

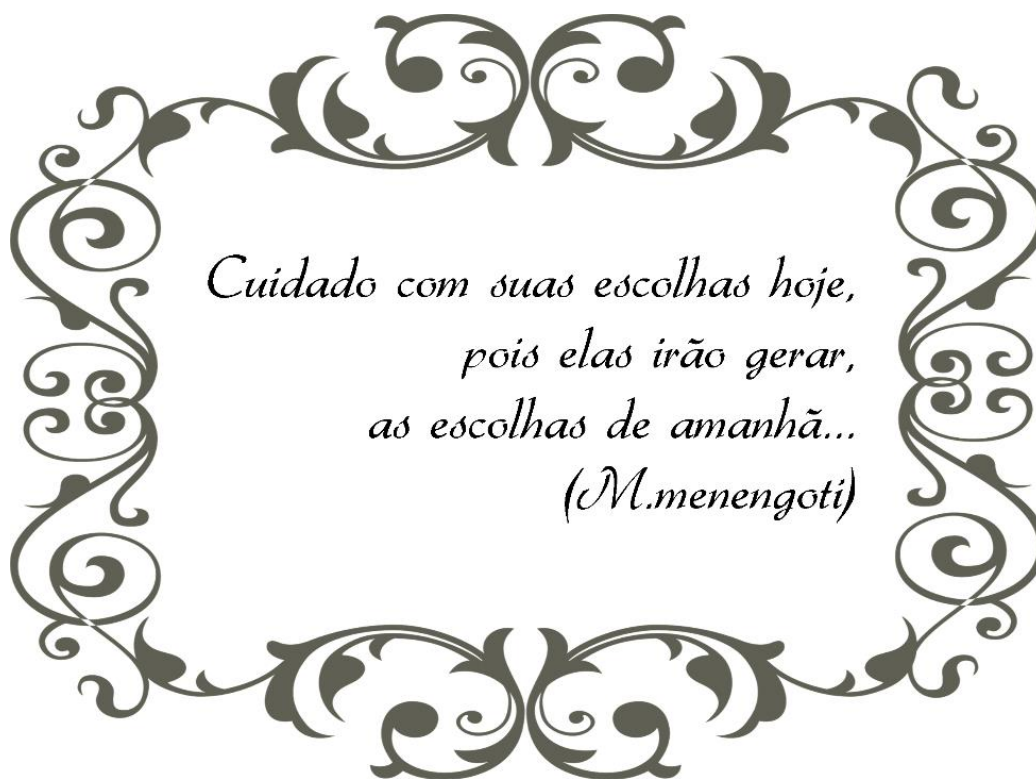
— Isso eu quero ver com os meus próprios olhos. Vamos logo para o lago. Vamos começar esse desenho o quanto antes.

Consigo convencê-la a me deixar pegar o material necessário para o desenho e logo depois vamos direto para as baías, pegar os cavalos. Eu também estou ansioso para começar a desenhá-la.

O lago está excepcionalmente calmo e a luz solar é favorável, até parece que a natureza sabia da minha intenção.

Minha modelo não é tímida, graças a Deus.

Eva entra no lago usando um vestido branco que estava guardado nas suas coisas, no quarto que eu reservei para ela. Os cabelos foram jogados para a frente, parecendo um manto. Em suas mãos estendidas à frente do corpo está uma linda lótus, vermelha, e os seus lábios se esticam em um adorável sorriso. Ela parece uma deusa me oferecendo sua lótus milagrosa. A flor que é e será o símbolo do nosso amor.



Nos vinte e cinco dias que passei na Noruega, não parei de pensar em Eva. A cada minuto passado, a imagem do seu sorriso lindo assolava minha memória. Por sorte, eu consegui falar com ela algumas vezes. Coincidência ou não, nos dias em que liguei para o castelo, atrás de notícias suas, ela estava por lá. Ficávamos conversando por horas, meu coração se partia com a sua voz embargada e com os seus soluços quando era a hora da despedida, pois a minha saudade era e é do tamanho do meu amor.

Minha vontade era de largar tudo e correr de volta para cá, mas infelizmente eu não podia fazer tal loucura, a minha presença em Ålesund ainda era muito necessária. O que me consolava era saber que dentro de alguns dias nós estaríamos casados e embarcando de volta para minha terra natal. Minha Noruega querida.

— Papai, olha que lindo!

A voz alarmada do meu filho Raphael me traz de volta ao presente. Olho sorrindo para ele. Raphael apoia as duas mãos no vidro da janela do carro, tentando esticar o pescoço para não perder nenhuma parte da maravilhosa vista de Paraíso.

Chegamos ao Brasil há mais de 4 horas. Alfredo foi nos buscar no aeroporto da capital.

— Nossa, papai! É alto aqui! Se o Alfredo perder o controle do carro não vai sobrar nada de nós.

— Menino Raphael, isso é coisa que se diga? Eu nunca perderia o controle. — Alfredo, atento a tudo, inclusive à estrada, chama a atenção do meu filho de imaginação fértil.

— Meu filho, você anda vendo filmes demais. — Dou uma leve bronca. — A estrada é perigosa, sim, mas o Alfredo é um excelente motorista.

Raphael olha perplexo pela janela do carro e depois novamente para mim. Então sacode a cabeça com veemência.

— Dá medo só de olhar, eu sinto um frio bem aqui! — Ele passa a mão na barriga, depois volta a atenção para o que tanto o amedronta.

Realmente, a estrada que dá acesso ao castelo é muito perigosa. Ela fica à beira de um longo precipício. A subida é íngreme. De um lado há uma parede de pedras e do outro lado um abismo de árvores penduradas nas encostas da sombria floresta de Paraíso.

— Alfredo, você avisou a Eva que eu chego hoje?

— A Mila disse que daria um jeito de avisar. — Ele tira os olhos rapidamente da estrada para me fitar. — Não a vemos desde que o pai dela voltou de viagem. Isso tem dez dias. — Ele limpa a garganta, como se quisesse me dizer algo desagradável.

— Aconteceu algo, Alfredo? — Encaro o seu perfil, mas Alfredo permanece calado. — Vamos, homem, desembucha!

— Soube... soube que já...

— Alfredo, o que está acontecendo? — Pergunto, exasperado.

— O Senhor Rodrigo anunciou o casamento com Eva. Soubemos que fizeram uma festa de noivado ontem.

Olho para o banco de trás do carro. Raphael está entretido, observando o cenário.

— Maldição! Por que não me avisou, Alfredo? Eu teria antecipado o meu retorno.

— Soube disso ontem, Senhor Conde. O Senhor já estava a caminho do Brasil, se acalme.

— Me acalmar?! — Digo, estupefato. — Calma é a minha última opção, eu preciso acabar com essa loucura o quanto antes, e será hoje.

— Senhor, tenha cuidado, Rodrigo é um homem perigoso e poderoso. Ele é quem manda em toda essa região, em Paraíso ele é o rei. Por favor, não faça nada que possa pôr a sua vida em risco.

Ele vira a cabeça na direção do Raphael e eu entendo o recado.

— Não se preocupe, Alfredo. Eu tenho a lei a meu favor.

— A lei aqui é o Seu Rodrigo. — Ele me interrompe. — Se lembre do que eu disse, o Rodrigo é poderoso. Só tome cuidado.

Respiro fundo e deixo escapar um suspiro nervoso. Eu sei o quanto Rodrigo é influente em toda a região nordeste do Brasil, mas tudo tem um limite. Não serei intimidado por esse homem, eu também tenho muita influência! Se eu não puder me casar com Eva em paz, eu a levo embora daqui e me caso no Rio de Janeiro. Já estava decidido.

O carro faz a última curva e logo vemos os portões de ferro que protegem a entrada da propriedade.

— Nossa! — Raphael diz, admirado. Seus olhos nem piscam ao fitar a entrada imperiosa do castelo. — Quando o Senhor me disse que o castelo é velho, não pensei que seria tão velho assim.

Alfredo para o veículo em frente ao castelo. Assim que coloco os pés no chão de pedras e viro a cabeça para a entrada principal, uma linda moça de cabelos esvoaçantes corre em minha direção. Meu sorriso vai de orelha a orelha e abro os braços para recebê-la.

— Eva, meu amor. Que saudade de você.

Não há tempo para uma resposta, pois a minha boca é tomada pela sua. O beijo, além de saudoso, é sofrido. Sinto um soluço abafado e lágrimas molham o meu rosto. Lágrimas dela. Da minha Eva.

Aperto os braços em torno do seu corpo, tentando consolá-la com o meu calor. Eva soluça, o seu corpo trêmulo me quebra por completo.

Tento me afastar, mas ela se prende a mim como se não quisesse me soltar nunca mais, como se sua vida dependesse disso.

— Ei... — Sussurro, com a boca ainda colada na sua. — Querida, eu não vou embora. — Consigo me afastar um pouco e a seguro pelos braços, encarando-a com preocupação.

Eva está ofegante. Os seus olhos estão vermelhos, com olheiras profundas e...

Não, não... ele não ousou tocar nela outra vez!

GL

Seu lábio superior está com um pequeno corte, já quase cicatrizado.

— Quem bateu em você? Foi o seu pai? Eva!

Ela me encara com um olhar nervoso, então seus olhos se desviam para algo atrás de mim.

— É... é o seu filho? — Ela pergunta, enquanto limpa os olhos com o dorso da mão. — Nossa, ele se parece muito com você.

Eva se afasta de mim e vai em direção ao Raphael.

A esta altura o meu filho já está sendo abraçado por ela. Raphael olha espantado para a Eva, enquanto ela se inclina e lhe beija a face corada.

— Você é mesmo muito linda! — Ele diz, embasbacado. — Igualzinha à pintura da sala. Você sabia que o papai fez uma pintura sua?

Eva agita a cabeça, afirmando, e o abraça outra vez.

— Eu vim para o seu casamento com o papai. Estou muito feliz por saber que o papai não ficará triste de novo.

Ela se afasta e vira a cabeça para me olhar. Eva está chorando. Seu olhar suplicante é dolorido. Ela está sofrendo.

Quando dou um passo à frente, ela se retrai e sai correndo aos prantos, desaparecendo dentro do castelo.

— Eu disse algo errado, papai? — Raphael pergunta, enquanto os seus olhos me encaram, decepcionados.

Eu me aproximo e afago os seus cabelos. Em seguida, beijo o alto da sua cabeça, mantendo um tom de voz tranquilo enquanto lhe digo:

— Não, meu filho, você não disse nada de errado. A Eva está emocionada. — Eu me abaixo enquanto seguro o rosto do meu filho nas mãos. — Vá com o Alfredo, ele vai lhe mostrar tudo o que quiser ver.

Raphael é uma criança de dez anos, mas é muito esperto para a idade que tem. Ele me encara, estreitando os olhinhos, como se quisesse me perguntar: Tem certeza, papai?

Mesmo preocupado, ele se vira para Alfredo e sorri, segurando sua mão logo em seguida. Os dois saem caminhando para o jardim.

Entro apressado no castelo à procura de Eva.

Encontro-a sentada em uma poltrona na biblioteca. Ela está de cabeça baixa. Eu me sento ao seu lado e ela recosta a cabeça no meu ombro.

Fecho os olhos, tentando mentalizar o que poderia ter acontecido para deixá-la tão triste. Ela puxa o ar fortemente para os pulmões, esconde o rosto no meu peito e começa a chorar copiosamente. Percebo que algo muito sério está acontecendo, não é só o anúncio do seu casamento com Rodrigo que a preocupa.

— Ei, minha querida! Espero que este choro seja de felicidade por estarmos juntos outra vez. É por isso, não é?

Tento afastá-la, para que eu possa olhar para o seu lindo rosto.

— Eles... eles não permitirão o nosso casamento. — Ela finalmente balbucia algumas palavras. — Eu prefiro morrer a pertencer a outro homem.

Ela levanta a cabeça, me encara com os olhos vermelhos de choro e diz com a voz firme:

— Faça amor comigo, Adam! Faça agora! Eu quero pertencer a você antes que aquele monstro me force a pertencer ao Rodrigo. Assim, quando o meu futuro marido descobrir que eu não sou mais pura, talvez ele acabe com a minha vida.

Sua voz some, sendo substituída pelo choro. Procuro as palavras certas, mas não as encontro. Enquanto tento conciliar tudo aquilo, Eva toma a iniciativa.

Ela agarra a minha camisa e me puxa para si, nossas bocas se encontram e eu a beijo com desejo.

— Por favor... me... me faça sua. — Eva murmura, enquanto eu sinto o seu corpo tremer de expectativa.

— Eva... — Tento manter a minha razão à frente do meu desejo. Eva arqueia as costas, roçando os mamilos no meu peito. Afoito pelo destempero enlouquecedor da paixão que sinto por ela, eu a puxo para mim, enquanto me deito no estofado e a coloco por cima do corpo.

Minha mão se detém no seu quadril, colando os nossos corpos. Minha ereção palpita sob a calça, o meu desejo quase insuportável. Sinto as batidas do coração da Eva em meu próprio peito e o meu corpo queima com o calor que o dela emana.

Beijo-a com amor. Enquanto acaricio as curvas do seu corpo, suas mãos procuram o zíper da minha calça. Eu sinto o calor do seu sexo bem próximo ao meu.

Minha reação é instantânea.

— Não... não... — Minha razão volta a comandar o meu cérebro. Afasto a boca da sua. Ainda sinto o meu membro perto de seu sexo, pulsando, impaciente, doido para penetrar aquele local proibido. Mas não é a hora. — Eva, querida, não é assim que as coisas têm que acontecer.

— Não! Por que não? — Ela grita. — Você quer que o outro me tome à força? — Seu olhar tristonho encontra o meu, e nesse momento eu desabo.

— Eva, minha querida. — Beijo-a com amor. — O único homem que vai tocar em você sou eu. Só eu, meu amor.

— Será que você não entende, Adam?! Não vamos mais nos casar, eu já estou noiva. — Ela me mostra o anel de noivado no dedo e desata a chorar. Me recomponho e sento com ela no colo.

Beijo-a outra vez, enquanto afago seus braços. Agora eu tenho certeza. Desde que eu a vi pela primeira vez, minha vida deixou de me pertencer, porque já não consigo sequer cogitar a possibilidade de uma vida sem ela.

— Eva, esse anel não quer dizer nada. Esse noivado e a marcação da data do casamento não querem dizer nada. Você se casará comigo, o seu pai querendo ou não.

Antes que ela possa responder, eu junto os lábios aos seus. Eu a beijo com tanto amor que quase a sufoco.

Ela fica sem ar. Afasto-me, olhando-a com carinho. Eva levanta os cílios lentamente e o seu olhar encontra o meu. Sem desviar os olhos, ela articula:

— Vamos fugir então? — Sua pergunta é mais como uma confirmação.

— Se for preciso, fugiremos, mas eu acho que não será necessário.

— Você não conhece o meu pai e nem o Rodrigo. Ele está obcecado por mim.

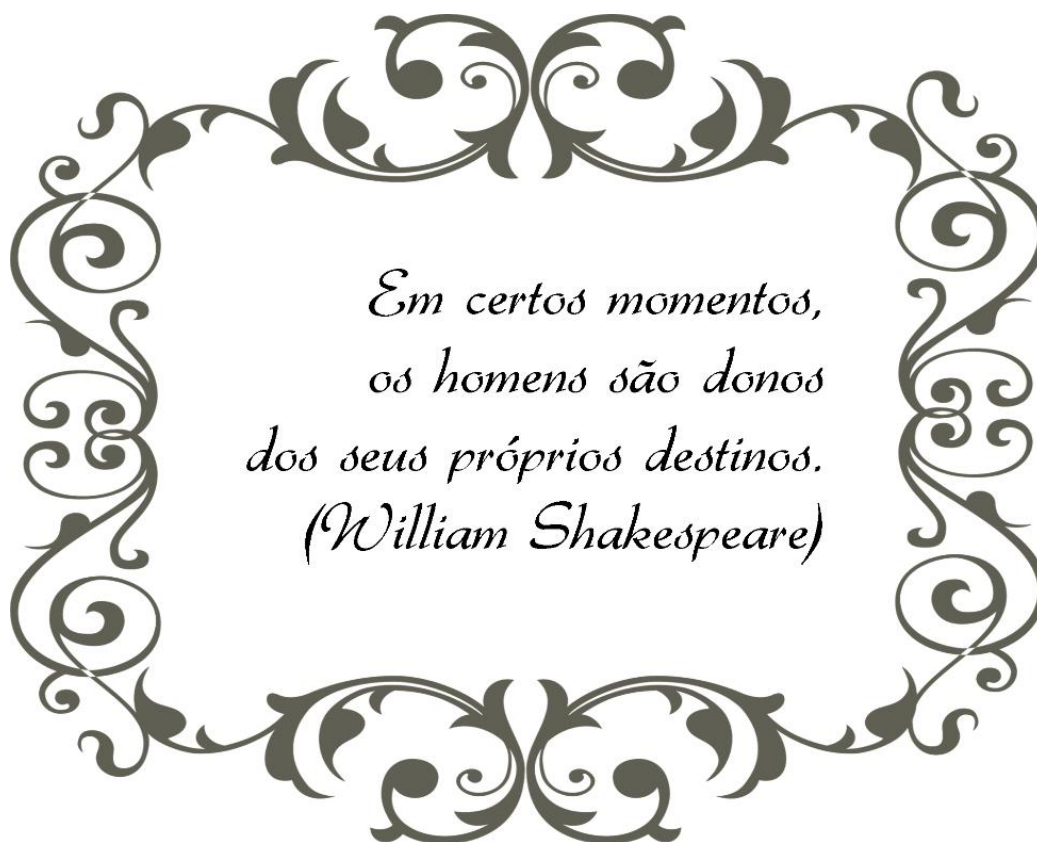
— Então, vamos acabar com isso agora. — Ao terminar a frase, me levanto com ela nos meus braços. Eu a coloco no chão segurando na sua mão. — Vamos, vou falar com o seu pai agora mesmo.

— Adam... — Ela me puxa. Está assustada. — Estou com medo, e... e se o meu pai quiser nos afastar e nos separar?

Sem me afastar do seu corpo, eu respondo, mantendo o aperto dos meus braços. Eva suspira profundamente.

— Então, que Deus nos proteja. — Sinto os seus braços me apertarem.

Eu me afasto, seguro na sua mão e seguimos em direção à sua casa.



A dolorosa incerteza para saber se o pai da Eva me aceitará ou não como seu futuro genro faz com que um frio repentino percorra a minha espinha dorsal. Sequer cogito a ideia de ser bem recebido – Eu sei que não serei – Afinal, o ódio que a população de Paraíso tem pelos Bergsen existe há muito tempo, e o pai da Eva não seria indiferente a tal sentimento.

Seguimos em silêncio, mas antes de chegarmos ao nosso destino, eu preciso saber o que aconteceu com o seu rosto, então, eu me apresso em perguntar:

— Querida, quem bateu em você, foi o seu pai?

Eva para por um instante, freando os meus passos. Olha para os próprios pés. Eu a conheço e sei que ela quer esconder algo.

— Eva, foi o seu pai? — Volto a inquirir.

— Foi. — Ela respira fundo, sua cabeça se ergue até que nossos olhos se encontram. — Quando ele me disse que o Rodrigo pagou um dote alto por mim e que nos casaríamos o mais rápido possível, eu... eu o enfrentei.

Lágrimas começam a cair dos seus olhos. Não consigo me manter indiferente, então eu a puxo para o peito, dando um abraço apertado.

— Querida, o que você disse ao seu pai?

— Disse que eu preferia a morte a ter que me casar com um homem que não amo, por quem eu sinto nojo e desprezo. Não pude dizer mais nada, porque recebi uma bofetada e perdi os sentidos...

— Filho da mãe desgraçado! — Interrompo-a. Estou tão horrorizado que paro de respirar por alguns segundos. — Ele pode ser o seu pai, mas não tem o direito de bater em você. Isso é agressão, "*dritt*"! — Ela me encara curiosa quando praguejo *merda* em norueguês.

— Adam, aqui em Paraíso quem manda são os homens, as mulheres não têm direito a nada. As filhas devem obediência ao pai até que se casem, depois são os maridos quem mandam nelas. Os pais e os maridos podem disciplinar suas mulheres como quiserem. Eu sei que isso é horrível, mas é assim. — Ela segura o meu braço. — Por que você acha que eu quero ir embora daqui?

Agora eu entendo a sua pressa em fugir. Viver sob o domínio masculino e machista é algo assustador.

— Isso vai terminar hoje, meu amor. Seu pai, querendo ou não, não vai impedir o nosso casamento. Se ele quiser me afastar de você, nós fugiremos hoje mesmo. Portanto, fique atenta. Se o seu pai for completamente contra a nossa união, vamos partir para a capital imediatamente, entendeu? — Ela balança a cabeça em concordância. — Assim que eu virar as costas e ir embora, você escapa para me encontrar no castelo.

Antes que ela possa responder, eu prossigo, falando de maneira incoerente.

— Se for preciso, eu enfrentarei o seu pai e o Rodrigo sem pestanejar, mas nem a morte irá nos separar. Eu te amo mais do que tudo, minha querida. Tudo...

Ela me abraça apertado, eu sinto sua respiração acelerada e o ritmo do seu coração.

Eva é tudo para mim. Por ela eu enfrento o mundo.

Ela se ergue, fica na ponta dos pés e me beija repetidas vezes.

— Tudo vai dar certo, querida. Logo estaremos casados e longe daqui.

Eu a cubro de beijos, a abraçando em um ímpeto de possessividade do tamanho do meu sentimento.

Dali em diante, caminhamos abraçados até a propriedade do seu pai. O senhor Lourival Linhares.

Passamos pela porteira e andamos quase 500 metros quando avistamos a casa simples, mas bem construída. Ela não é grande, mas é muito bem elaborada. É de alvenaria, cercada por uma enorme varanda, com redes espalhadas por toda extensão. Há um jardim com diversas flores campestres dos dois lados da casa, árvores frutíferas espalhadas por toda a propriedade, pequenas aves ciscando no terreno e, bem ao fundo, um grande curral com muitos animais.

Logo avisto uma figura masculina e um grito a chamar por alguém.

Assim que chegamos mais perto, reconheço o homem – o senhor Lourival. Segundos depois, surgem cinco homens muito bem armados. Quando vê os homens, Eva me solta.

— Parado aí! — Lourival me encara e em seguida olha para Eva. — O que faz ao lado desse estrangeiro de merda, Eva? — Ele volta a me encarar e o seu olhar é furioso.

— Estou aqui para termos uma conversa séria. — Antes que ela responda, interpelo a conversa. — Não vim com o intuito de lhe ofender, vim em paz.

— Não tenho nada para falar com você. Vá embora antes que eu mande os meus homens te enxotar das minhas terras. — Olho para os cinco homens e eles sorriem com desdém. — E você, Eva, passe logo para cá. Se o seu noivo souber que anda ao lado do inimigo dele, o seu *couro* vai queimar.

Aquelas palavras ásperas fazem o meu sangue ferver. Fito-o com fúria no olhar.

— Senhor Lourival, eu estou apaixonado pela sua filha e ela por mim. Nós vamos nos casar, o Senhor querendo ou não. Se o problema for o dote, eu cubro o valor e...

Sou interrompido por uma sonora gargalhada. Eu estava para dizer que pagaria o dobro.

— Seu desgraçado de merda. — Quando dou por mim, um homem furioso está me segurando pelo colarinho da camisa. — Acha mesmo que eu vou deixar um estrangeiro arrogante se casar com a minha filha? Nem que me dê todo o seu dinheiro! Caia fora da minha propriedade enquanto ainda tem forças para andar.

Eu o empurro, me livrando das suas mãos, e finalmente o encaro. Ficamos nos olhando desafiadoramente por alguns segundos. O meu olhar é primitivo, impetuoso, porque eu quero que ele saiba que Eva é minha e não permitirei que nenhum outro homem a tenha.

Respiro profundamente e o seguro pelo colarinho. Antes que os seus homens cheguem perto de mim, afirmo com a voz dura:

— Eva é minha! Nem você, nem ninguém vai tirá-la de mim...

Mãos fortes me seguram e sou puxado à força. Sou obrigado a ficar de joelhos, enquanto levo um soco no rosto, depois sinto o ar escapar dos pulmões. Um dos homens acerta as minhas costelas. Escuto o grito desesperado de Eva, mas não posso vê-la.

Sem tempo para pensar, sou levantado do chão e duas mãos calejadas apertam meu rosto. Um olhar congelante me fita.

— Seu porco, filho de uma cadela estrangeira! Você tocou na minha filha? Você ousou tirar a sua inocência?

Não respondo. Lourival nem pisca, ele me encara com imenso ódio.

— Maldito! — Grita entre dentes. — Só não o mato porque o Rodrigo vai querer fazer isso ele mesmo. Levem ele daqui!

— Não! — Eva grita e eu sinto os seus braços em volta do meu corpo. — Não, não, papai, ele não me tocou. Adam é um homem de honra, ele vai esperar o nosso casamento. Por favor, papai, nos deixe ir, eu o amo. Iremos embora daqui o senhor nunca mais nos verá.

Lourival não a deixa perto de mim por muito tempo. Eva é arrancada para longe do meu corpo com violência e é arrastada pelo braço. Vejo o seu olhar de pavor e seu rosto banhando de lágrimas.

— Não a machuque, Lourival. Por favor, não a machuque...

Não consigo articular mais nenhuma palavra, pois recebo outro soco no rosto.

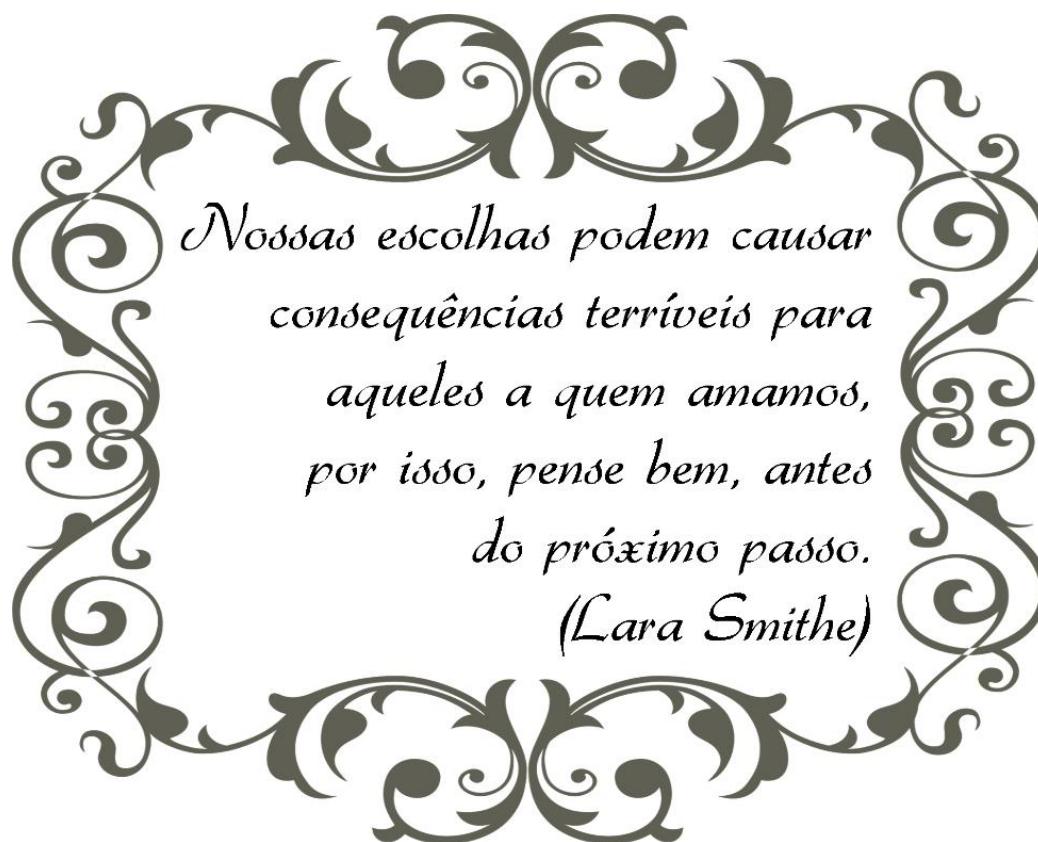
— Calado, estrangeiro de merda. — Sou empurrado, perco o equilíbrio e caio no chão, de costas. — Não vou acabar com a sua vida por um simples motivo: ela. — Ele aponta para Eva. Ela está apavorada. A sua mãe aparece e tenta acalmá-la. — Você não a deflorou, por isso voltará vivo para o seu castelo de merda. Mas vou lhe dar um conselho, volte para a sua terra o quanto antes, o Senhor Rodrigo não será tão piedoso quanto eu. — Ele olha para os dois homens que estão me segurando. — Levem ele daqui e se certifiquem para que não volte.

Lourival vira-se de costas, pega Eva pelo cotovelo e some com ela para o interior da casa. Só consigo escutar os seus soluços. Sem medo, eu grito:

— Eva, vai ficar tudo bem, querida... amo você!

GL

Sou arrastado o caminho inteiro de volta pelos homens do Lourival, até a entrada do castelo.



Entro no castelo cambaleando. Vou direto para a biblioteca, a última coisa que quero é que o Raphael me veja assim. Enquanto caminho – ou cambaleio – grito, chamando pela Mila.

— Por Deus! — Abismada com a minha condição, ela tenta me segurar, me guiando até uma poltrona. — O que aconteceu, Senhor Conde? Meu Deus, o Senhor está todo machucado.

Sem tempo para explicações, encho os pulmões, respirando profundamente.

— Chame Alfredo e mantenha o Raphael ocupado, não quero que ele me veja assim. Eu preciso de roupas limpas e que você arrume as nossas coisas. Voltarei para a capital ainda hoje.

Mila me olha, surpresa. Ela deve estar se perguntando o que diabos aconteceu, pois acabamos de chegar e eu já apareço todo estropeado e com pressa para ir embora.

GL

— Senhor, essa pressa toda não é por causa dos González, é? — Eu nem precisaria nem responder, a resposta é óbvia demais. Mesmo assim respondo:

— Não por causa dos González propriamente, mas quase isso.

— Vou buscar roupas limpas e algo para limpar o seu rosto machucado. No caminho eu chamo o Alfredo.

Mila sai. O silêncio toma conta da biblioteca e nesse momento minha mente é ocupada com a imagem sofrida da minha Eva.

O que será que o monstro do seu pai – pai, não; não posso dizer que aquele homem saiba realmente o que é ser um – fez com ela?

Contenho a minha preocupação, porque Mila retorna com uma muda de roupas e a maleta de primeiros socorros. Ela me dá as costas para que eu possa me trocar e, enquanto faço isso, eu pergunto:

— Avisou ao Alfredo?

— Sim, ele foi levar o Raphael para o quarto. — Sento na poltrona.

Mila limpa os machucados do meu rosto.

— Estou bem, Mila, não se preocupe. Por favor, arrume todas as minhas coisas e a do Raphael e leve tudo para o automóvel. Eu só estou esperando que Eva chegue para partirmos.

Os olhos de Mila são inquisidores, ela está curiosa para saber o que realmente aconteceu.

— Mila, depois o Alfredo contará tudo, não se preocupe. Logo, logo nos encontraremos na nossa querida Noruega.

Quando termino de falar, Alfredo entra. Ao me ver, seu rosto fica lívido.

— Senhor Conde! — Vem na minha direção, se agacha e examina o meu rosto. — Quem fez isso com o Senhor? Quem?

Percebo que os seus músculos faciais se tencionam. Ele me encara com aquele olhar que eu conheço há tempos. Eu sei do que ele é capaz. Sei que por mim meu amigo Alfredo acabaria com qualquer um.

— Isso não importa, meu amigo. Eu preciso que preste atenção no que eu vou dizer. — Olho para Mila, ela entende e sai imediatamente. Espero que ela feche a porta. — O carro já está pronto? — Ele assente. — Eu, Raphael e Eva partiremos para a capital e de lá seguiremos para o Rio, onde Eva e eu nos casaremos. Fique aqui e espere a empresa de segurança. Dê a ordem para que garantam que ninguém invadirá a

propriedade. Quando tudo estiver resolvido, vá nos encontrar no Rio de Janeiro. Assim que chegarem, nós voltaremos para a Noruega, ok?

Alfredo me fita com um olhar preocupado e interrogativo, mas simplesmente concorda, sem me interromper ou tampouco conjecturar qualquer coisa.

Eu levanto, sou ajudado pelo meu amigo, e seguimos para fora do castelo. Raphael já está sentado no banco de trás do carro. Sinto o seu olhar me avaliar, percebo espanto e medo estampados no seu rosto. Sorrio para ele, acenando a cabeça de leve.

Meus olhos não param quietos, vão do carro à entrada principal do castelo.

Vamos, querida. Por que a demora?

Estou quase indo buscá-la, quando a vejo surgir apressadamente, olhando de tempos em tempos para trás.

Abro os braços e corro em sua direção, abraçando-a com força, enquanto nossas bocas desesperadas se unem.

— Você está bem?

Perguntamos ao mesmo tempo. Ela assente com a cabeça, eu também. Levo-a para o carro.

— Adam, precisamos ser rápidos, logo o meu pai vai descobrir que eu fugi... — Ela começa a chorar. — Eu prometi para a mamãe que a mandaria buscar assim que pudesse. Você vai me ajudar nisso, não vai?

Eva teme pela mãe e agora eu sei o porquê. Viver com um déspota como Lourival não devia ser nada fácil. Com certeza ela deve apanhar sempre, e eu sei que assim que ele descobrir que Eva fugiu, o castigo recairá inteiro nela.

— Assim que chegarmos ao Rio de Janeiro eu tomarei as devidas providências para que a sua mãe vá para a Noruega conosco. Não se preocupe.

Eva me abraça, sinto a sua respiração profunda e o seu corpo trêmulo.

— Precisamos ir, meu amor. Assim que o meu pai descobrir que eu fugi, ele chamará o Rodrigo.

— Entre. — Ajudo-a a entrar no carro, passo o cinto de segurança pelo seu corpo, dou a volta no veículo e assumo o volante. Alfredo vem até mim. — Já sabe o que fazer. Qualquer coisa me ligue no celular, talvez demos sorte e tenha sinal. Até mais, meu amigo.

— Tenha cuidado, senhor. Tenha cuidado.

Ligo o carro. O veículo sai lentamente e eu vejo a figura preocupada do meu amigo Alfredo através do espelho retrovisor. Aos poucos ele desaparece e eu só vejo uma estrada estreita em declive, rochas de um lado e um abismo assustador do outro. O céu de repente fica nublado e a floresta silenciosa. Não só do lado de fora, dentro do veículo o silêncio também é dominante. Olho pelo retrovisor e vejo Raphael apertando os olhos, como se estivesse com medo do que eles poderiam ver.

— Filho. — Ele abre os olhos e me encara. — Vai ficar tudo bem. Logo vamos sair desta estrada, ok?

Ele não diz nada, só balança a cabeça em concordância. Eu sei que ele está apavorado. Eu também estou. Aliás, todos estamos. Eva aperta minha perna com força e lágrimas silenciosas não param de escorrer pela sua face. De vez em quando ela me olha de soslaio e eu sorrio para ela, tentando acalmá-la, como se o meu sorriso fosse capaz de confortá-la.

O veículo faz uma curva, e assim que passa por um desvio, Eva solta um grito.

— São eles, Adam... Rodrigo e os seus homens! Oh, meu Deus! Eles vieram me buscar! Passe correndo por eles, Adam! Não pare, por favor, não pare...

Ela cobre o rosto com as mãos.

— Querida, se acalme, não vai acontecer nada. Eles não podem te forçar a fazer o que não quer. Se acalme.

Sem retirar as mãos do rosto, ela articula:

— Eles podem fazer pior do que isso, eles podem matar você. Por favor, não pare, meu amor.

— Eva, se acalme. Eu sou um homem muito importante, eles não podem me ferir e saírem impunes. Eles não são burros, se acalme.

Tento mantê-la calma enquanto diminuo a velocidade do carro, até ele parar completamente. Os vidros do carro são escuros, então quem está do lado de fora não pode ver quem está dentro.

— Filho, se deite no banco e fique quieto. Em momento algum faça barulho, entendeu?

— Entendi, papai. — Meu filho está chorando. Neste momento eu gostaria de ser um super-herói.

— Adam, não vá! O Rodrigo não é de confiança. Por favor, volte com o carro para o castelo. Volte...

— Vai ficar tudo bem. Vocês dois fiquem aqui e não saiam.

Eva tenta me segurar, mas me livra das suas mãos e desço do carro.

Não tenho tempo nem de abrir a boca. Dois homens me seguram pelos braços e um outro começa a socar o meu rosto e abdômen, enquanto Rodrigo fala com empáfia:

— Pensou mesmo que fugiria com o que é meu, estrangeiro de merda? Achou mesmo que poderia roubar tudo o que é nosso? Não basta surrupiar as nossas terras, também quer roubar as nossas mulheres? E logo a minha?

Ele chuta o meu estômago. Só não caio porque os seus homens estão me segurando. Antes que eu possa dizer qualquer coisa, sofro outros golpes no rosto.

— Seu estrangeiro filho da mãe, você nunca mais verá a minha Eva! Vai morrer sabendo que ela pertencerá a mim.

Cuspo o sangue acumulado na boca na cara dele. Mesmo sem fôlego e quase não enxergando mais nada, murmuro:

— Ela... ela nunca pertencerá a você... você... Você pode... — começo a tossir — possuir o seu corpo... mas... mas o coração dela será meu para sempre...

A partir daí, recebo vários socos e dessa vez é Rodrigo quem os entrega. Já estou quase perdendo os sentidos, quando escuto os gritos de Eva.

Ela saiu do carro.

Sinto o seu abraço, os seus beijos. Talvez os últimos que terei.

— Pare, Rodrigo, pare! Por favor, deixe ele ir embora! Deixe-o ir, por favor.

— E o que ganho com isso, Eva? Ele acabou de me dizer que você nunca será minha.

— Se você deixar ele em paz, eu prometo que volto com você. Juro que serei sua por livre e espontânea vontade. Para sempre, Rodrigo, eu prometo. Só o deixe ir embora.

Juro que eu quero gritar. Juro que quero abraçá-la e protegê-la, mas eu não posso. Já não sinto o meu corpo, estou muito machucado para defender o que é meu. Por que não dei ouvidos a ela? Por que não segui direto com o carro?

E, perante a minha inutilidade, ela é afastada de mim. Antes eu ganho um beijo nos lábios e escuto a sua voz chorosa:

— Eu vou te amar para sempre, meu amor. — Ela sussurra, mas eu a escuto perfeitamente. Só digo um adeus mental, porque sei que morrerei aqui. Eu e o meu filho. Mas pelo menos ela estará a salvo.

— Levem-na para a minha casa. A partir de hoje ela ficará sob a minha vigilância.

GL

— Rodrigo, você vai manter a sua palavra? Vai soltar ele?

Ela acredita mesmo que este homem me deixará ir embora vivo.

— Não se preocupe, seu amante voltará para a terra dele, de onde jamais deveria ter saído. Levem ela!

Eva se vai, e eu morro neste momento.

Eu mal posso escutar. Pai celestial, dai-me superpoderes, pelo menos para matar esse miserável. Nem que seja a última coisa que eu faça. Rogo a Deus.

— Coloquem ele no carro e atirem no precipício. Amanhã o delegado dirá que foi um acidente. Afinal, essa estrada é perigosa e ninguém saberá que Eva estava com ele. Terminem logo com isso. Eu estou voltando para casa, tenho outros assuntos para resolver.

Quase sem ar, sou jogado dentro do carro. Rezo a Deus para que Raphael continue quieto. Eu sei que se o descobrirem aqui não serão piedosos, machucarão o meu filho antes de matá-lo.

Raphael não faz barulho, permanece escondido no banco de trás.

Quando o carro começa a se movimentar rumo ao precipício, o meu coração quer sair pela boca, porque eu sei que estou indo para os braços da morte. A incapacidade de poder salvar o meu filho abre uma ferida na minha alma.

Por que, meu Deus?! Por que eu o trouxe para o Brasil?

A culpa me devora, eu provoquei a morte de um inocente.

— Papai! — Olho sobre o ombro para o meu filho e nem sorrir consigo. Eu sei que o medo é o seu único companheiro agora, porque também é o meu. — Papai, nós vamos encontrar a mamãe. Eu sei que vamos, não chore. Não chore, papai, ela vai estar esperando pela gente.

Ele estica a mão para me tocar no ombro. As lágrimas banham o meu rosto, meu peito dói. *Deus! Suplico. Ajude o meu filho, por favor.*

— Paapaiiii! — Uma janela se quebra, galhos entram por ela.

O grito apavorado do meu filho me deixa surdo. Eu preciso salvá-lo.

A inércia me puxa para trás. Agarro o volante com força.

— Filho, feche os olhos, vai acabar logo. Não tenha medo, eu estou aqui.

Deus, seja piedoso, não deixe o meu filho sofrer, que a morte dele seja como um sono profundo...

GL

Então, tudo se acalma.

Morremos? A morte é assim?

Olho para trás, Raphael está apertando os olhos com as mãos. Tento me mover, mas o carro balança.

O que aconteceu? Será que foi a mão de Deus?

Estico o pescoço e percebo muitos galhos cercando o automóvel. Me movo outra vez e o carro se inclina, rangendo.

Estamos pendurados em uma árvore! Deus está me dando a chance de salvar a vida do meu filho. Penso rápido, porque sei que temos pouco tempo.

— Filho, filho! — Ele abre os olhos.

— Morremos, papai? Cadê a mamãe?

Mais uma vez a dor da minha incapacidade vem forte. Meu filho, tão inocente, tão pequeno e já vai levar consigo a dor de uma segunda perda.

— Não, filho, não morremos. Agora preste atenção, pegue o celular do papai no bolso do casaco, bem devagar. Ligue para o Alfredo e estique o braço para que eu possa falar com ele. Faça isso agora, meu filho. — Ele faz o que eu peço.

— Pronto, papai, eu liguei. Pode falar. — As mãos pequenas dele estão trêmulas, os olhos marejados. Seu rosto está com alguns arranhões e há um corte em sua testa.

Escuto ao longe a voz de Alfredo. Graças a Deus! O sinal do celular pegou.

— Alfredo, me escute com atenção.... — Faço uma pausa para respirar. — Sofremos uma emboscada, os homens do Rodrigo empurraram o nosso carro no despenhadeiro. Estamos pendurados em uma árvore. Eu vou retirar o Raphael do carro e eu preciso que você venha buscar o meu menino, mas o Rodrigo não pode saber que ele sobreviveu.

— Não... não papai, eu não quero ir sem o....

— Quietto, filho. Fique quietto. — Ele para de se agitar, mas continua chorando desesperadamente. — Alfredo, cuide do meu filho como se fosse seu. Proteja e o ame... — Raphael derruba o celular e cobre o rosto com as mãos.

— Papai, não me deixe! O senhor, não. Por favor! — Ele fala entre soluços.

— Filho, eu te amo. Seja um bom homem, viva a vida que eu não poderei viver.

Eu não tenho muito tempo, o veículo começa a se inclinar e eu sei que a queda será fatal, sinto o cheiro de gasolina. Solto o meu cinto de segurança, inclino o corpo para frente e o carro fica imóvel. Raphael me encara com um olhar apavorado.

— Não, papai, não... eu... eu não quero ver o senhor morrer.

— Mas eu quero que você viva, meu filho. Eu quero que seja forte e se salve por mim. Seja forte, meu amor, e sobreviva até o Alfredo chegar. Eu amo você, meu filho. Seja feliz, seja muito feliz...

As lágrimas banham o meu rosto, um nó se forma na minha garganta. A certeza da minha morte e a realidade de que não verei o meu filho crescer doem no meu coração. Não irei mais escutar a sua voz, nem sentir o calor do seu abraço.

— Não... não, papai, como eu vou viver sem o senhor?

— Raphael, eu vou te jogar na copa da árvore. Vai machucar, vai doer, mas você precisa se segurar nos galhos. Quando estiver preso eu quero que feche os olhos, até escutar a voz do Alfredo. Você fará isso, meu filho?

— Sim... — Soluça.

A porta traseira do veículo foi arrancada com a queda. Eu desafivelo o cinto de segurança do Raphael. A dor nas minhas costelas me rasga por dentro, mesmo assim eu me inclino mais. Não sei onde encontro forças para segurar o meu filho pelos braços e jogá-lo em direção à grande árvore.

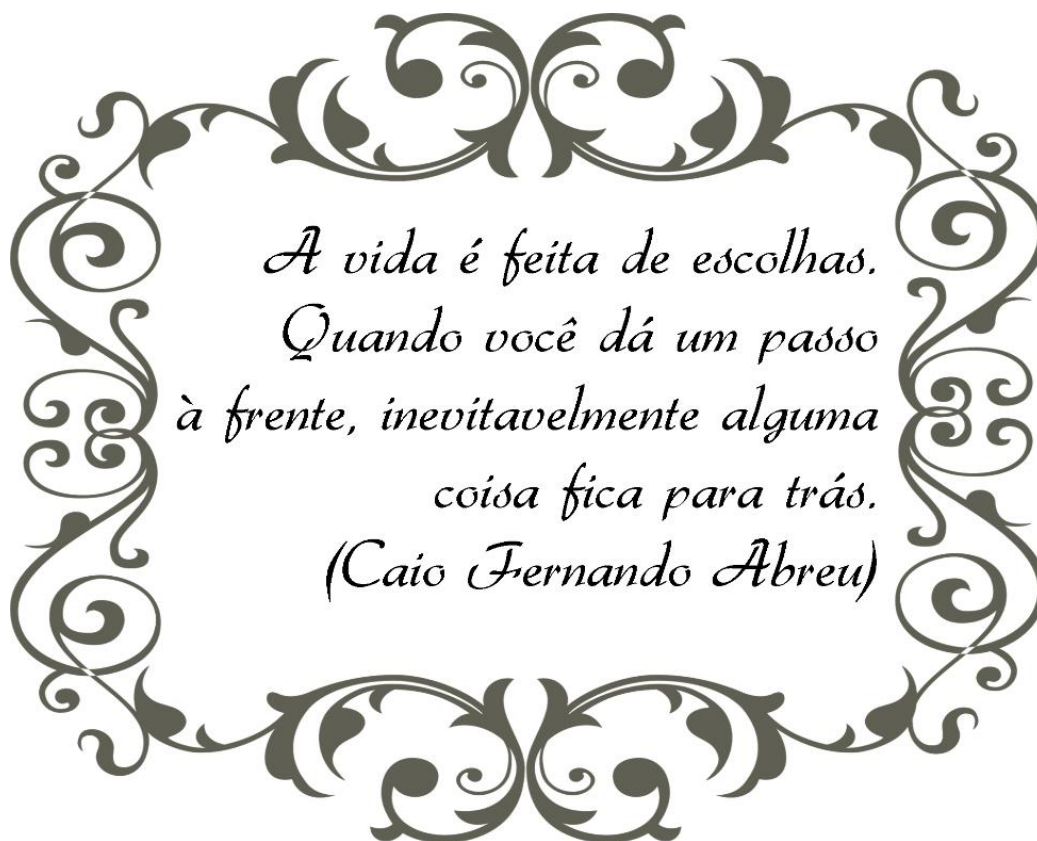
Só escuto o seu grito de pavor e o farfalhar dos galhos se quebrando. Raphael se agarra e os seus olhos se fixam aos meus. Enquanto o veículo segue despencando, eu vejo o meu filho ficar cada vez mais distante de mim, os olhos arregalados de pavor. Em segundos escuto uma pancada forte, meu corpo bate no teto do carro, depois o meu rosto é arremessado fortemente contra o volante. Em seguida, sinto um calor. Minhas pernas ardem, o cheiro de carne queimando... sou eu! O carro está sendo consumido pelo fogo. Então não sinto mais nada. Não vejo mais nada... *Adeus, meu filho amado!*

GL

Eva

Eva





“Eu vou te amar para sempre... Eu vou te amar para sempre... Eu vou te amar para sempre...”. Eu fico repetindo a mesma frase por todo o caminho. O caminho mais longo e assustador de toda a minha vida.

A mesma frase que eu disse para ele.

Ele. O único homem que amarei enquanto respirar. O meu príncipe, o meu Adam.

Vê-lo todo ensanguentado, de joelhos no chão, sendo subjugado por aquele monstro do Rodrigo...

Não, não. Eu não poderia ficar indiferente àquilo tudo, eu precisava salvá-lo, mesmo que para isso tivesse que me tornar a prisioneira do monstro. Faria tudo outra vez se fosse preciso. Agora, ele e o Raphael estão salvos, voltando para o país deles.

Adeus, meu amor. Seja feliz, mesmo que longe de mim... seja feliz.

Não consigo parar de chorar. O meu corpo inteiro convulsiona, a minha cabeça dói. Me sinto febril.

Oh, Deus! Deus, como dói! Faz essa dor parar. Por favor, faz parar. Acho que a dor da saudade e da perda são as piores dores que um ser humano pode suportar.

Em tão pouco tempo eu conheci o amor, a felicidade, e em um tempo menor ainda estou conhecendo a dor da perda, do desespero.

Adam! Eu te amarei para sempre... para sempre.

Grito mentalmente, pois tenho medo que os homens do Rodrigo me escutem e falem a ele.

Só espero que Rodrigo mantenha a sua palavra e deixe Adam e Raphael em paz. Pelo menos eles viverão vidas felizes.

Quanto à minha... eu serei a refém de um monstro.

Chego na fazenda do Rodrigo e sou levada para um dos inúmeros quartos da casa. Escuto vozes vindo do corredor. As vozes soam todas de uma só vez, mas uma delas eu reconheço – a da minha mãe.

Ela chora, está desesperada.

— Onde ela está? Onde está a minha filha? Vocês não a machucaram, não é? Por favor, só me digam se ela está bem? Está?

— Se acalme, senhora. A menina Eva está bem, ela está no quarto do final do corredor. Pode ir até lá, o Senhor Rodrigo logo estará aqui.

Escuto passos apressados, como se viessem correndo. A porta do quarto é escancarada e, ao me ver, a minha mãe interrompe os passos, leva as mãos à boca e cai de joelhos, aos prantos.

Estou sentada na cama. Ao vê-la no chão, chorando desesperadamente, corro ao seu encontro. Me ajoelho e abraço o seu corpo trêmulo.

— Não chore, mamãe! Eu estou bem, eles não me machucaram. — Mamãe segura os meus braços. — Vamos ficar bem, mamãe, eu prometo.

Ela ergue a cabeça e me olha. Quase grito quando vejo as marcas no seu pescoço. Os dedos do meu pai estão lá, eu sei que há outras marcas pelo seu corpo, ele sempre a açoita com um chicote. É assustador, eu nunca pude ajudá-la. Na vez em que tentei, acabei apanhando em seu lugar e ela me fez prometer jamais voltar a intervir. Por isso, sempre que papai a agredia, eu me trancava no quarto, fechava os olhos, tapava os ouvidos e contava até cem. Quando os abria outra vez, a casa já estava em total silêncio.

Assim é que eu sabia que ele não estava mais em casa e eu corria ao quarto da mamãe para cuidar das suas costas.

Eu me sentia impotente, uma inútil. Por isso estava juntando dinheiro para fugir de Paraíso. Eu planejava vir buscar a minha mãe assim que encontrasse um emprego e um local para ficar. Mas as coisas nunca são como planejamos, estou vendo que morrerei aqui, que o meu destino será igual ao dela.

Mamãe seca as lágrimas com o dorso da mão. Acaricia o meu rosto, para logo depois beijá-lo.

— Eu sinto muito, sinto muito mesmo, minha filha. Eu não pude fazer nada, quando o seu pai descobriu, me trancou no quarto e foi avisar ao Senhor Rodrigo. Eu... eu rezei tanto para que eles não chegassem a tempo. Oh, meu Deus! O que será de você agora, meu anjo?

Sinto os braços quentes da minha mãe me abraçarem. Ela chora muito, me aperta com tanta força que eu quase perco o ar. Tento afastá-la um pouco.

— Mamãe, mamãe... — Ela afrouxa os braços em torno de mim e me olha de forma apreensiva, dolorida. — Vai dar tudo certo, eu sei que vai.

— Será que você não entende, filha? — Suas mãos apertam meus braços. — Rodrigo ameaçou o seu pai. Ele disse que se você não se casar com ele e não demonstrar afeição, ele tomará tudo de nós e depois nos expulsa das nossas terras só com a roupa do corpo.

— Que absurdo! — Interpelo. — Mamãe, você deve estar exagerando. Rodrigo não pode fazer isso. As terras são nossas, ele não...

— Ele pode, sim! — Mamãe me interrompe. — Ele pagou por você e o seu pai já gastou todo o dinheiro, portanto, somos devedores do Senhor Rodrigo. Nos perdoe, filha. Que destino cruel o seu.

Ela volta a me abraçar. Agora eu tenho certeza de que o meu destino será igual ao seu. Não posso fugir dele, estou amarrada a um homem cruel e poderoso.

Beijo o alto da sua cabeça. Não sei por quanto tempo fico sentada no chão, com ela nos braços. Só me dou conta do tempo quando a porta do quarto é aberta e Rodrigo surge, cheio de confiança e com autoridade na voz.

— Lúcia, saia! — Rodrigo está com um olhar indecifrável, as mãos cerradas em punhos, as veias do pescoço pulsando com força. — Saia agora, mulher! — Ele grita tão ferozmente que tomamos um susto.

Levanto-me apressadamente e ajudo minha mãe a fazer o mesmo. Ela me olha com apreensão.

— Saia, ou quer que eu mesmo a expulse do quarto, Lúcia?

— Ela vai sair, não se preocupe. — Eu mesma a guio até a porta.

Ela segura as minhas mãos, não quer me deixar sozinha com o monstro.

— Não se preocupe, mamãe. Eu vou ficar bem. — Sorrio levemente, tento mostrar segurança.

Mamãe solta as minhas mãos lentamente e se afasta, mas fica parada diante da porta enquanto eu a fecho. Vejo as lágrimas descerem pelo seu rosto, e neste momento eu não consigo mais segurar as minhas. Elas cedem, como uma tormenta desarvorada.

Fico em pé diante da porta fechada, de costas para Rodrigo. Eu sei que ele está me olhando, sinto o seu olhar inquisidor.

— Vire-se, Eva! — Exige. — Agora! — Rodrigo esbraveja.

Eu me viro lentamente. Olhos baixos, mãos trêmulas e coração acelerado. Eu sei que Rodrigo é um monstro, só não sei a intensidade da sua monstruosidade.

— Olhe para mim, Eva. — A voz dele é firme e chicoteia a minha alma.

Ergo a cabeça. Acho que faço isso em câmera lenta, pois leva uma eternidade para que os meus olhos encontrem os dele. Os olhos cor de mel de Rodrigo se fixam no meu rosto, varrendo cada centímetro dele. Ele dá três passos na minha direção. Ficamos tão próximos que posso sentir a sua respiração.

— Eva, eu sou um homem feio? Sem atrativos? — Sinto o calor da sua exalação sendo atirada no meu rosto. — Me responda!

Não, ele não é feio. Ao contrário, Rodrigo é um homem muito bonito. Alto, corpo másculo, cabelos castanhos, olhos puxados para o dourado, queixo quadrado, sobrancelhas grossas e bem desenhadas. Ele é um homem muito bonito. É o demônio na forma de um anjo.

— Não... — Sussurro.

— Eu não escutei, Eva. Fale mais alto. — Sinto os seus dedos no meu queixo, que é erguido. O que faz com que os meus olhos encontrem seu rosto.

— Você é bonito, muito bonito. — Respondo em um tom de voz mais alto.

— Pois é, eu sou e sei disso. — Ele solta o meu rosto. — Sabe, Eva, eu poderia ter a mulher que eu quisesse. E não me refiro apenas às mulheres de Paraíso. Eu me refiro a qualquer mulher desse mundo. Sou rico, bonito, popular, mas escolhi você para ser a minha esposa. A mãe dos meus filhos, a minha companheira para o resto dos meus dias.

Ele só se esqueceu de perguntar se era isso que eu queria. Não sou obrigada a amar uma pessoa só porque ela me ama.

Rodrigo me observa, avalia cada movimento do meu rosto.

— Eva, eu te amei quando você ainda usava tranças. Quando eu a via correndo por toda a cidade de Paraíso, subindo nas árvores... — Ele sorri. — Nossa, eu disse a mim mesmo, vou esperar que ela cresça e quando se tornar uma mulher, ela será minha.

Fecho os meus olhos, tentando não imaginar Rodrigo me observando com tais intenções esse tempo todo.

— Afastei todos os rapazotes que tentaram chegar perto de você. Se lembra do Adroaldo, o filho do Manuel do armazém?

Olho intrigada para ele. Sim, agora eu me lembro, o Adroaldo vivia me cercando. Lembro até que ele tentou me beijar uma vez. Só que foi há tanto tempo que tinha me esquecido dele.

— O idiota tentou tocar em você, os meus homens me contaram. Pobre infeliz, levou a maior surra da vida e depois disso foi embora. Eu dei um jeito de ele ir estudar bem longe de Paraíso. — Ele sorri, debochado. — E foi assim com todos os que se atreveram a pensar em se aproximar de você.

Seu olhar interrogativo se fixa ao meu. Sinto um frio na espinha, sua mão toca o meu rosto.

— Ele tocou em você? — Seus olhos mudam de cor, se tornam esverdeados, de um tom bem escuro. Aquele olhar frio percorre toda minha face. — Você fez sexo com aquele estrangeiro?

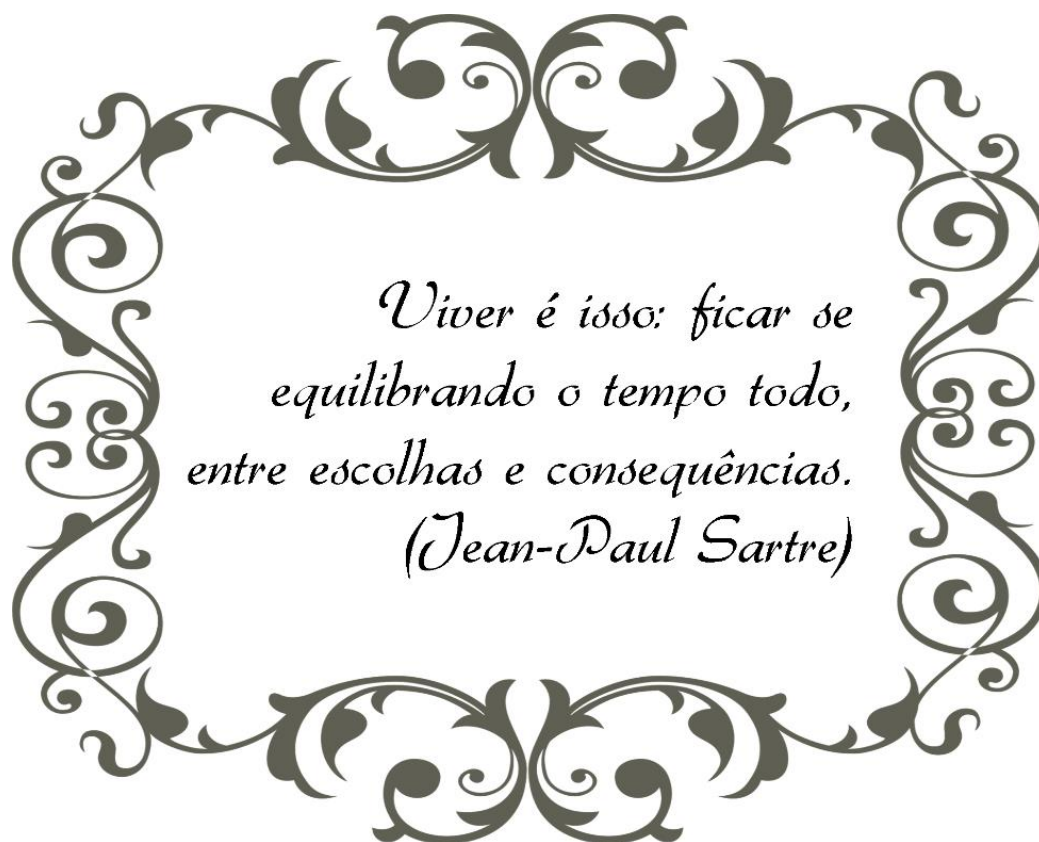
Quase engasgo. Fico com vontade de afirmar que sim, quero desafiá-lo, quero que ele saiba que não será o primeiro, mas tenho medo da sua reação.

— Não, o Adam não me tocou. Ele queria esperar o nosso casamento.

Rodrigo engole o bolo que aparentemente se formou na sua garganta, acaricia o meu rosto e sorri.

— Beije-me, Eva. — Dou um passo para trás ao escutar a ordem. — Beije-me agora!

Rodrigo dá dois passos para frente e me segura pelos braços. Aquele olhar perigoso me congela completamente. E agora, o que farei?



O *seu* tom incisivo de voz me leva a acreditar que ele não está de brincadeira. Eu estou em apuros, me sinto impotente sabendo que a partir de agora minha vida será sempre assim: ele manda e eu obedeço.

Meus olhos estão fixos nos dele. O medo corrói cada partícula do meu corpo.

Sem conseguir estabilidade, movo um dos pés para trás. Rodrigo me mantém no lugar.

— Beije-me, Eva. Eu quero sentir os seus lábios sobre os meus, eu quero ser beijado com a mesma intensidade com que beijou aquele estrangeiro de merda.

Rodrigo me olha com fúria e eu sinto um desafio na sua voz.

— Ro-Rodrigo... — Não tenho tempo de completar a frase.

A boca do Rodrigo cobre a minha. O beijo, de início, é suave e terno. Eu sinto os seus braços rodearem meu corpo...

GL

— E-Eva, como eu amo você. Como eu te quero. Há quanto tempo eu espero por você, Eva, minha Eva...

Ele delira na minha boca. Sua língua desliza entre os meus lábios e aos poucos me invade. Mãos começam a percorrer minhas costas, desenhando as minhas curvas, depois elas acariciam meus braços para logo em seguida alcançar um dos meus seios.

— Eva, minha Eva. Eu sou louco por você.

Estou paralisada, não consigo reagir. Senti-lo me tocando, me apalpando, me beijando, é... é tão assustador, tão humilhante. Não faço nada, apenas deixo que prossiga.

Ele se roça no meu corpo. Sinto a sua ereção pulsante no meu ventre, suas mãos alcançam as minhas nádegas e ele as aperta, acaricia e geme na minha boca. Satisfazendo o seu desejo por mim, saciando a sua necessidade.

Não reajo. Minhas pernas estão prestes a ceder. Meu coração acelera, eu ofego, vou desmaiar. Deus, eu vou cair. Fico dura como uma tábua. Braços jogados ao longo do corpo, boca seca, olhos abertos.

Então ele para de me beijar. Seus olhos se abrem e encaram os meus. Ficamos assim por alguns segundos. Respiro, aliviada.

— Era assim que você o beijava? — Engulo em seco. — Hein, Eva? Era assim que você beijava aquele estrangeiro de merda? Era assim? — Ele grita e me empurra. Eu quase caio.

— Por favor... — Tento me explicar.

— Por favor, o que, Eva? — Ele se aproxima, segura os meus braços com força e exige o meu olhar.

— Entenda, por favor. Eu... eu preciso de tempo. Tenha paciência.

— Paciência?! — Esbraveja e me olha com presunção. — Era só o que me faltava, precisar ter paciência para ter alguma intimidade com a minha noiva.

— Rodrigo, eu não pedi para ficar noiva. Eu não te amo.

Ele me olha com raiva. Vejo o pulsar das veias em sua têmpora. Rodrigo cerra os punhos. Meu Deus, eu vou apanhar!

Aperto os olhos com força.

— Eva, você prometeu me aceitar, prometeu se entregar a mim sem reclamar. Agora cumpra com a sua promessa, ou eu juro que farei você se arrepender, entendeu? — Ele grita a última frase.

GL

— Entendi. — Baixo os olhos, e as lágrimas caem.

— O jantar será servido às dezenove horas, seja pontual! — Continuo em pé, trêmula.

Rodrigo passa por mim, cabisbaixo, só ouço a porta bater com violência.

Respiro profundamente e caio no chão. As lágrimas secaram, mas o meu corpo continua sofrendo tremores. Sinto uma mão na cabeça e me sobressalto. Ergo o rosto e vejo a minha mãe. Eu não a vi entrar. Ela se senta no chão e me puxa para o colo. Deito a cabeça em suas pernas.

— Mamãe, alguma vez a senhora amou o papai? — Pergunto, entre soluços.

— Nunca houve amor entre nós dois, meu anjo. Seu pai nunca gostou de mim, nem eu dele. Forçaram a nossa união, foi uma imposição dos nossos pais, e eu acho que é por isso que ele me castiga.

— E como a senhora conseguiu? Como... se entregou para ele? Eu sinto que não vou conseguir.

Eu sei que não vou conseguir. Ao sentir os lábios do Rodrigo sobre os meus, suas mãos me acariciando, eu senti uma vontade louca de empurrá-lo. Quis bater nele, gritar com ele, vomitar em cima dele. Não, não. Eu não vou conseguir nem beijá-lo outra vez, quanto mais fazer sexo com ele.

Mamãe me ajuda a sentar. Ela segura o meu queixo e eu encaro aqueles olhos sofridos.

— Meu anjo, há uma grande diferença entre o seu pai e o Senhor Rodrigo. Seu pai nunca me amou. Na nossa primeira noite eu fui violentada, obrigada a fazer todas as coisas que você possa imaginar. Eu era uma menina, nem sabia beijar. As palavras carinhosas que ele me disse foram: *Agora eu não preciso pagar para ter uma puta, tenho uma de graça.*

Fico horrorizada com o que acabo de escutar. Como um homem pode tratar a sua mulher assim? Será que Rodrigo fará o mesmo comigo? Acho que mamãe percebe a minha preocupação.

— Já o Senhor Rodrigo — ela continua. — Tenho certeza que te ama, eu vejo o brilho nos olhos dele quando olha para você. Ele te ama, minha filha, se apegue a esse sentimento e tente ser feliz. Eu acho que se você se entregar por vontade própria, ele vai ser carinhoso. Acredite, meu anjo, o amor virá com o tempo.

— Não. — Eu grito e me levanto. Começo a andar de um lado para o outro. — Nunca vou amar um monstro, eu vi o que ele fez com o Adam. Eu vi, mamãe! Não vou me entregar a ele, o Rodrigo vai ter que me tomar à força — As lembranças do

espancamento de Adam vêm fortes e a dor dilacera o meu coração. — Eu sei, eu sei que o Adam virá me buscar, e quando isso acontecer eu vou fugir com ele.

— Oh, meu Deus! — Desanimada, mamãe se levanta e vem até mim. — Minha filha, esqueça esse conde, esqueça! — Sinto no seu olhar que ela não sabe mais o que fazer para que eu aceite o meu destino.

— Nunca! Eu prefiro morrer a ficar sem o Adam. Eu prefiro a morte!

Sou abraçada com carinho, os meus cabelos são acariciados e o meu rosto é beijado por diversas vezes.

— Se acalme, minha filha, tente se acalmar. Tudo tem seu tempo, só dê uma



chance ao Senhor Rodrigo.

Tentei fazer o que mamãe me pediu. Durante quinze dias tentei aceitar o Rodrigo, mas em todas as vezes que ele me beijava e que as suas mãos percorriam meu corpo, eu endurecia, petrificava. Minha alma escapava de mim e eu morria mais um pouco por dentro. Mal conseguia respirar e uma sensação mista de angústia, medo e terror dominava a minha vontade. Não conseguia fingir, nem o agradar.

— Filha, o seu noivo está te chamando no gabinete.

Ainda não me acostumei com esse título de “noivo”.

O que será agora? Será que quer me beijar outra vez?

Deixo a mamãe no meu quarto e vou até o gabinete. Ele está de pé, diante da janela. Quando me vê entrar pede para que me sente na poltrona. Depois vem até mim e se ajoelha.

— Eva, eu comprei algo para você. — Ele diz, enquanto segura a minha mão direita. — Minha linda princesa, você não tem noção do tamanho do meu amor. — Rodrigo pega algo no bolso da camisa, uma pequena caixa preta. — Eva, o que eu puder fazer para te ver feliz eu farei. Se você quiser um pedaço da Lua, farei o que for possível para lhe dar, só peço que me permita te amar. Deixe que eu me aproxime, é só isso que eu peço.

Ele abre a caixinha preta. Dentro dela há um anel com uma pedra vermelha, a joia mais linda que eu já vi.

GL

— É o seu anel de noivado. Essa pedra é um rubi, da cor da paixão, do amor que eu sinto por você. — Ele coloca o anel no meu dedo.

Fico muda, não sei o que dizer, eu estou completamente surpresa. A pedra de rubi pesa no meu dedo, e de repente eu vejo o vermelho escarlate como sangue escorrendo entre os dedos. O anel é o símbolo do meu sofrimento, o grilhão que me aprisiona a Rodrigo.

— Eva, eu pensei muito sobre nós dois e tomei uma decisão. Não vou mais me aproximar de você até a nossa noite de núpcias. Eu vou respeitar o seu tempo, só peço que após o nosso casamento você deixe a porta do seu coração aberta, que me deixe entrar. Entendeu?

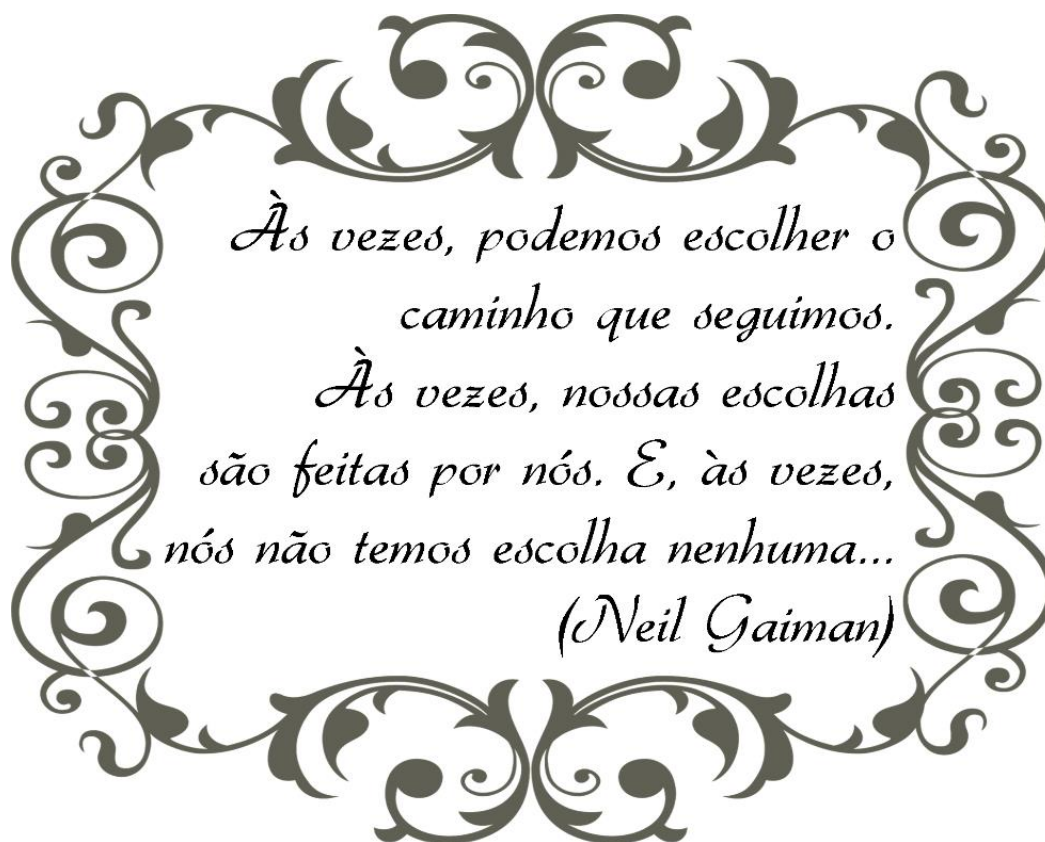
Continuo boquiaberta, só consigo assentir com a cabeça.

— Ah, tem mais uma surpresa. — Eu o olho com mais espanto.

Ele desabotoa a camisa branca e tira a peça de roupa, então eu a vejo. Levo a mão à boca e os meus olhos se abrem, pasmados. No lado esquerdo do seu peito, bem próximo ao coração, há uma tatuagem enorme, em letras vermelhas. Nela está escrito:

Minha EVA.

Então eu percebo que o que ele sente por mim não é amor, é obsessão.



Hoje é o grande dia. O dia do meu casamento com o Rodrigo. Durante os dois meses que antecederam o casório, eu esperei que o Adam viesse me buscar. Ainda espero e sempre esperarei. Eu sei que ele virá, eu sei. Meus pais estão radiantes, eles ganharam na loteria sem sequer precisar jogar, já que a única filha deles vai se casar com o homem mais rico de Paraíso. Papai não perde a oportunidade de esfregar na minha cara o quanto eu sou sortuda por ter sido a escolhida do Rodrigo e que se fosse outra mulher no meu lugar, ela estaria radiante de felicidade, em completo êxtase. Para mim é o pior dia da minha vida.

Eu o odeio, mesmo ele tendo mantido sua palavra de não me tocar. Rodrigo não se aproximou de mim intimamente, se mostrou um verdadeiro cavalheiro, sempre me cercando de atenção e cuidados. Nós conversávamos durante as refeições, fazíamos passeios pela fazenda e compras na capital. No início eu recusei, mas Rodrigo foi tão gentil e amoroso que fiquei sem jeito, terminei aceitando.

Agora estou diante de um grande espelho, vestida de noiva, pronta para dizer sim, mesmo querendo dizer não. Estou vestida para ser entregue a um príncipe, pareço a Cinderela na noite do baile, só que não encontrarei o meu príncipe encantado, e sim um monstro disfarçado de um.

Não quero me casar, não quero pertencer ao Rodrigo. Sei que eu não vou conseguir ir adiante com o casamento.

Eu quero fugir... fugir para os braços do homem que amo desesperadamente.

ADAM!

Grito o seu nome. Grito com tanta força que meus pulmões doem.

Admiro a minha imagem mais uma vez no espelho, cada detalhe. Realmente pareço uma princesa. Uma princesa perdida, impotente e triste. O vestido é em renda francesa, rebordado com pequenas pedras de cristal, justo no corpete e volumoso na grande saia. O véu é de seda, longo e ornamentado nas bordas por uma linda e delicada renda. Como grinalda eu uso uma pequena coroa, toda de diamantes. Deus! Me ajude. Estou como que embrulhada para presente.

Lembro quando Adam me disse que um dia eu seria a sua rainha. Agora eu serei a rainha de um monstro.

Procuro algo que possa atirar no espelho, olho em volta e encontro um jarro de cristal, que arremesso com toda a força. O espelho se estilhaça em milhares de pedaços, mas nem todos desabam, e eu vejo a minha figura disforme nos cacos que restaram.

É assim que a sua alma está, Eva, completamente desfigurada.

— Eva! Meu Deus! — Mamãe entra no quarto, transtornada. Ao ver os pedaços do espelho espalhados diante de mim, ela entra em pânico. — Filha, o que você pretende? Não, meu anjo, não pense em se matar, pelo amor de Deus!

Ela abraça o meu corpo, me apertando com força nos braços. Afasto-me da minha mãe, empurrando o seu corpo lentamente enquanto a encaro.

— Não pretendo me matar, porque eu sei que o Adam virá me buscar. — Afirmo com convicção.

— Filha, esqueça esse homem, tente se aproximar do seu futuro marido. Ele te ama, ama muito. Olhe o que ele fez para você. Rodrigo fará qualquer coisa para te fazer feliz, esqueça o conde, ele não virá te buscar. Não virá, meu amor!

— Virá sim. Ele me ama, eu sei que ele virá! O meu coração sabe, a minha alma sabe... — Escondo o rosto entre as mãos. Preciso acreditar que Adam voltará, preciso...

ou... ou morrerei de tristeza. — Adam jamais me deixaria nas mãos do Rodrigo, mamãe, não deixaria...

Mamãe se aproxima, segura o meu rosto e seu olhar carinhoso percorre cada pedacinho dele. Ela não precisa me dizer nada, eu leio em seus olhos, que dizem: Espero que você tenha razão. Eu espero que tenha razão, meu amor.

Alguém bate na porta. Eu me assusto, mamãe sorri e diz com uma voz muito calma:

— Só um minuto. — Ela pisca um olho para mim.

Suas mãos carinhosas limpam o meu rosto com cuidado. Ela ajeita o véu e me entrega um buquê de rosas brancas.

— Chegou a hora, minha princesa. Lembre-se que você tem duas escolhas: sim ou não. Seja inteligente e escolha o sim. O Rodrigo não é tão ruim. Ele te ama, e muito.

— Ela olha em direção à porta. — Pode entrar, Lourival.

Meu pai escancara a porta e ao me ver para extasiado.

— Deus do céu, eu estou vendo um anjo! Imagine a cara do Senhor Rodrigo quando te ver assim. Acho que deveria ter pedido um dote maior por você, menina...

— Isso é coisa que se diga, homem? — Mamãe interpela, chamando sua atenção com altivez. — Leve-a logo, e é melhor ficar calado.

O final de tarde traz cores laranjas e vermelhas ao céu. É um pôr do sol lindo, mas para mim o céu está cinza, triste, é o prenúncio de uma desgraça. Sou uma prisioneira condenada, sem direito a recorrer, submissa a um monstro frio, perverso e implacável.

Meu coração está quase saindo pela boca, minhas pernas não querem me obedecer. Sou praticamente arrastada pelo meu pai.

O casamento será realizado ao ar livre, próximo à capela. São tantos convidados, gente que eu nunca vi na vida. Acho que o Brasil inteiro veio assistir ao meu funeral. Sim, o meu funeral, pois assim que eu disser o sim, estarei morta e o único capaz de me trazer de volta à vida será Adam.

O carro para próximo de onde está a grande tenda. O motorista me ajuda a descer e o meu pai vem até mim, oferecendo o braço, que eu aceito.

A marcha nupcial começa a tocar, as cortinas brancas se abrem.

Paro de respirar por alguns segundos. Meu coração acelera, as mãos suam e a garganta se fecha.

GL

Vou desmaiar.

Papai percebe o meu tremor.

— Eva, isso não é hora de dar chique. Você vai se casar, nem que eu precise te arrastar até o altar. — Ele não fala com carinho, mas com rudeza, com austeridade.

Vamos, Eva, seja forte. É só colocar um pé diante do outro, você consegue...

Esse é o meu mantra e será ele a me acompanhar até o altar.

Consigo respirar, fecho os olhos buscando força e coragem para prosseguir. Dou o primeiro passo, estremeço e sinto um frio subir pela coluna. Sou guiada mecanicamente pelo meu pai, pois se dependesse das minhas pernas, eu não sairia do lugar. Meus passos são lentos, não consigo ver ninguém e sei que há muitas pessoas. Sei que elas estão me olhando, algumas sentindo inveja, gostariam de estar no meu lugar.

Meus joelhos cedem e eu quase caio. Papai me segura, eu me endireito, respiro, engulo em seco. Levanto a cabeça e então o vejo.

Lá está ele, o meu futuro marido em sua beleza impressionante, com seu ar altivo. Está trajando um terno cinza impecável. Os olhos dele brilham, ele sorri e chora, emocionado.

Hoje ele realizará o seu desejo, vai me possuir, tirar a minha inocência, inocência que pertencia ao meu Adam.

Adam!

Paro de andar, encaro o Rodrigo. Olho para o meu pai, as lágrimas nublam os meus olhos.

Adam!

Olho para trás, pois tenho a impressão de que ele está me olhando, que está bem atrás de mim, chamando meu nome.

Uma brisa agita o meu véu, sinto o seu perfume.

Adam! Adam!

Desespero, medo, angústia. Eu preciso fugir. Mas para onde? Rodrigo não vai permitir e como castigo ele maltratará meus pais.

— Eva! Não me faça passar vergonha, menina.

Meu pai chama minha atenção. Volto a encarar o Rodrigo, seu olhar aflito encontra o meu.

Vamos, Eva, só mais alguns passos. Só mais alguns passos.

Finalmente, eu chego ao altar. Rodrigo vem até mim, segura uma das minhas mãos e a leva até os lábios, beijando-a com extremo carinho. O seu olhar carinhoso percorre o meu rosto aflito.

— Eva, eu prometo que usarei todos os segundos da minha vida para te amar, para te fazer feliz. Eu te amo, amo tanto... tanto.

Ele beija outra vez a mão que acaricia. Não digo nada, só o fito com uma expressão apavorada. Estou tremendo e ele percebe.

A cerimônia demora uma eternidade, até que finalmente chega a grande pergunta:

— Eva, é de livre e espontânea vontade que aceita Rodrigo González como seu legítimo esposo?

Um grito silencioso soa dentro de mim. A vontade gritante de dizer:

Não, eu não aceito. Eu estou sendo obrigada a me casar com ele! Esse monstro ameaçou expulsar os meus pais das terras deles e matar o único homem que eu amo se não me casasse com ele.

No entanto, o que digo é:

— Sim, eu aceito. — E as lágrimas que até instantes estavam aprisionadas se libertam e escorrem como cascatas.

Engulo o choro. Limpo as lágrimas e começo a contar mentalmente os minutos que passam.

Antes mesmo do padre perguntar, Rodrigo responde que sim.

E vem o temido momento. O beijo.

Para minha surpresa, ele me beija ternamente na testa e finalmente a cerimônia acaba.

A festa começa, regada a muita bebida e comida. Rodrigo é só alegria, os seus lábios não param de se esticar em sorrisos que vão de orelha a orelha. Ele me puxa para a valsa e eu vou com ele. Dançamos, brindamos, cortamos o bolo, tiramos fotos. Eu já não aguentava mais atuar.

Então, tomo coragem.

— Rodrigo, eu posso tirar o vestido? Estou cansada, ele pesa.

Rodrigo se ajoelha diante de mim, segura as minhas mãos e as beija, uma de cada vez.

— Não, quem vai tirar o seu vestido serei eu. — Diz com extremo carinho na voz.
— Como você não quis uma viagem de lua de mel, nós vamos passar a nossa noite de núpcias em um resort no litoral. Se quiser, podemos ir agora.

Minha vontade é de mandá-lo para o inferno, mas o olhar carinhoso e a maneira gentil de me tratar não permitem que eu seja estúpida com ele.

— Sim, eu quero. — Qualquer lugar será melhor do que ficar aqui.

— Então vá jogar o seu buquê. Eu vou chamar o motorista.

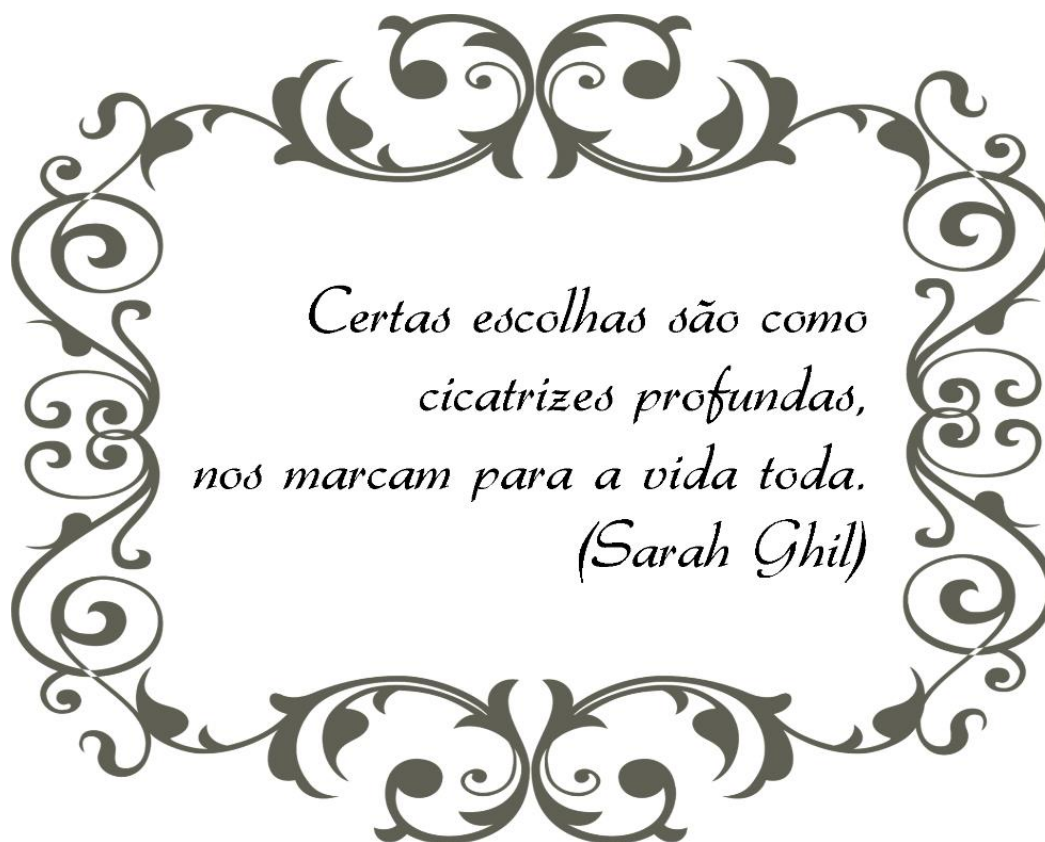
Eu vou. Uma porção de moças se aglomera para pegar um buquê de tristeza. Se elas soubessem que é um casamento de ódio e não de amor, nenhuma delas brigaria por ele.

Rodrigo vem me buscar, já estamos a caminho do carro quando mamãe vem ao meu encontro. Rodrigo entende que ela quer falar comigo, então se afasta, nos deixando sozinhas.

— Filha, você agora deixará de ser moça para se tornar mulher. Você entende o que vai acontecer? — Acho que a mamãe pensa que eu ainda sou criança. Assinto com a cabeça. — Meu bem, tente aceitar o seu marido, tente amá-lo. Ele te ama e eu sei que fará qualquer coisa por você, o que você quiser ele vai te dar...

— Não, ele não vai — interrompo-a — Ele não me dará o que quero, mamãe. — Baixo a voz. — Ele jamais vai me dar o Adam. Ele é a única coisa que eu quero, por isso, o Rodrigo nunca me fará feliz. E fique certa, mamãe, que quando o Adam vier me buscar, eu irei sem pestanejar. Eu sei que ele virá me buscar...

Beijo o seu rosto, limpo as minhas lágrimas e me viro, dando-lhe as costas. Sigo para enfrentar o meu destino. Entregar a minha inocência a um monstro.



*Certas escolhas são como
cicatrizes profundas,
nos marcam para a vida toda.
(Sarah Ghil)*

A viagem é silenciosa. Assim que entramos no carro, viro a cabeça para o lado contrário ao do Rodrigo. A intenção não é apreciar a paisagem, mesmo porque não seria possível, já está muito escuro. A intenção real é evitar qualquer contato com ele, até o visual, então eu me certifico que seja assim por todo o trajeto.

Finjo estar dormindo.

Mesmo assim, Rodrigo me puxa para perto, deitando a minha cabeça em seu ombro. Em nenhum momento ele deixa de acariciar os meus ombros e por diversas vezes beija minha testa. Isso me incomoda, mas acabo aceitando os carinhos, já que se demonstrar repulsa não sei qual será sua reação. Sinto as batidas do seu coração, elas são fortes e aceleradas, sua respiração também está um pouco eufórica. Reações típicas de um homem emocionado.

Será que ele realmente me ama tanto assim? Será que eu me enganei, que não é obsessão? Conjecturo minhas incertezas.

A viagem é tão longa que eu realmente chego a adormecer e sonhar. Sonho com Adam.

Em meu sonho eu o vejo vestido com uma calça cinza e uma camisa branca de linho, com as mangas dobradas até os cotovelos. Ele está sorrindo para mim, com os braços abertos para me receber. Eu corro ao seu encontro. Sou beijada na testa e os seus braços fortes me apertam com carinho. Ele tem um cheiro amadeirado, com um toque de canela e chocolate. É tão bom, tão gostoso. Minhas mãos percorrem as suas costas largas, eu beijo o seu peito. Então, de repente, ele se afasta de mim, mas antes de desaparecer me diz: Eva, não se preocupe, eu voltarei para te buscar.

Meus braços estão vazios, ele não está mais comigo, se foi... se foi.

— Eva. Eva, meu amor. Acorde, nós chegamos. — Ao encarar os olhos dourados de Rodrigo, eu tenho um choque, reconhecendo-o imediatamente. — Chegamos, meu amor. — Ele repete.

Esforço-me para ignorá-lo, fixo os olhos na janela do carro.

— Desculpe, estou muito cansada.

Seus dedos tocam o meu queixo, ele ergue o meu rosto. Encaro um homem muito bonito, com um olhar imponente. Ele sorri.

— Você terá bastante tempo para descansar, meu amor.

Esboço um sorriso fraco. Rodrigo sai do carro e estende a mão para me ajudar. Embora relutante, eu aceito.

Assim que saio, Rodrigo me ergue nos braços. Ele me carrega para o interior do hotel, mas eu não consigo prestar atenção em nada. Não sei se o hotel é feio ou bonito, eu só desejo sumir. Estou tão nervosa e com tanto medo que escondo o meu rosto em seu pescoço.

Cruzamos uma porta, sei disso porque escuto uma voz masculina perguntando se precisamos de mais alguma coisa. Rodrigo me mantém nos braços enquanto responde um *não*, seguido de um *obrigado*.

A porta se fecha, eu escuto o barulho do trinco da fechadura. Sou colocada no chão.

— Gosta da nossa suíte? Tem uma piscina só para nós. — Ele aponta para uma grande porta de vidro e através dela vejo uma piscina.

De onde estou posso ver o brilho da água azul, que é iluminada por luzes coloridas. As folhas das palmeiras se agitam ao vento. O lugar parece ser um paraíso, mas no momento, para mim é o inferno.

— É muito bonito. — Digo displicentemente.

Rodrigo me observa, os seus olhos percorrem o meu rosto, depois descem pelo meu corpo. Sinto-me nua, apesar de ainda estar com o vestido de noiva.

— Eva... — Suas mãos se estendem até mim, e ao tocarem o meu braço é como se eu tivesse levado um choque elétrico. Afasto-me, evitando o seu toque. Ele percebe. — Eva, meu amor, eu não vou te machucar. Eu te amo, jamais vou te machucar. — Sua mão segura o meu braço. — Venha, sente aqui.

Deixo que ele me guie até uma cadeira e me sento.

Calmamente ele acaricia a minha mão e eu me esforço para não deixar transparecer o quanto o contato físico me perturba. Em seguida, ele continua:

— Meu amor, eu sei o quanto você está com medo e também sei que você não me ama. — Fito-o atônita, e antes que eu possa responder, Rodrigo se adianta. — Eva, eu não sou idiota, sou um homem experiente e vivido, mas eu só peço que me dê uma chance para entrar no seu coração. Apenas uma chance.

Começo a entrar em pânico, pois eu sei que isso jamais vai acontecer.

— Eu não quero ser repetitivo, mas se lembre do que me prometeu: uma entrega de livre e espontânea vontade. — Ele engole a saliva, parece travar uma luta interior. — Meu amor, eu cumpri com a minha promessa, mantive as mãos longe de você até o dia do nosso casamento. Você nem imagina o quanto foi difícil. Todas as vezes que olhava para você, minha vontade era te agarrar.

Seguro firme o braço da cadeira, permaneço por algum tempo em silêncio, buscando forças para enfrentar o que está por vir.

Finalmente, respiro fundo e começo a falar.

— Rodrigo, já que sabe que não o amo, deve entender o quanto essa situação é difícil para mim. Eu fui obrigada a me casar, entende?

Volto a encarar aqueles olhos dourados. Rodrigo me escuta com um ar impassível, os olhos frios e duros varrem o meu rosto. Ele não gostou do que acabou de escutar.

— Meu amor, eu só peço que me deixe entrar no seu coração. Eva, eu estou entregando a minha vida a você. Estou me dando de corpo e alma e só o que eu peço é que permita que eu me aproxime. Eu juro que vou dedicar cada segundo da minha vida para te fazer feliz. Você nem imagina o tamanho do meu amor.

Seu olhar nubla e eu não sei o que fazer, pois de repente este homem prepotente e soberbo está ajoelhado diante de mim, me oferecendo todo o seu amor. Eu sei que já

pertenço a ele, mesmo não concordando com isso, só não sei como este casamento será consumado, pois a minha vontade é de fugir para bem longe dele.

— Você sabe o que vai acontecer hoje neste quarto, não sabe? — Assinto com a cabeça. — Eu espero por esse momento desde o dia em que te escolhi para ser minha. Eu juro, meu amor, serei carinhoso e muito cuidadoso. Você é a minha mulher e eu jamais te magoaria.

Ele fica de pé e me ajuda a levantar. Seus dedos escorregam pelo meu rosto. Quando os seus olhos encontram os meus, eu ofego e agarro a saia do meu vestido de noiva com força. Meu sangue corre frio nas veias. *Deus, me ajude!*

Ele vai me possuir, vai tirar a minha inocência.

Ele me fita de alto a baixo, despindo-me com os olhos. Desconcertada, eu baixo a cabeça para esconder o meu medo. O que está para acontecer é evidente. Este monstro vai entrar no meu corpo, eu querendo ou não.

Inesperadamente, ele retira a minha coroa, para logo após retirar meu véu. Ele toca de leve nos meus cabelos e os solta, fazendo com que caiam pelos meus ombros em cascata. Fecho os olhos, apertando-os com força. Meu vestido é removido e junto com ele todas as anáguas. Respiro profundamente. Rodrigo retira a minha calcinha e os meus sapatos. Fico completamente nua na sua frente.

Seu olhar de lobo faminto me encara. Meu corpo estremece. O momento que seria o mais importante da minha vida – se fosse com o Adam – está para acontecer.

— Eva, você é a mulher mais linda que os meus olhos já viram e será só minha.

Vem uma vontade pungente de gritar: NUNCA! Engulo o bolo que se forma na minha garganta.

Ele começa a se despir, eu fecho os olhos rapidamente.

— Não, não, Eva! Olhe para mim, veja o que você provoca no meu corpo. Olhe para mim, Eva.

Sua voz é arrogante e carregada de um desejo cru que me deixa apavorada, então eu abro os olhos. E o que vejo me faz engolir em seco.

Rodrigo é muito musculoso, tem um peitoral bem desenvolvido, abdômen definido, quadril estreito e o seu órgão genital é avantajado. Ele está tão duro e ereto que chega a dar medo, é assustador. Meu Deus! Não tenho como escapar desse monstro.

Mal pisco os olhos e dois braços cercam o meu corpo. Uma boca faminta devora a minha. Sua língua pede passagem, invadindo os meus lábios e sedutoramente se

encontra com a minha. Tento me soltar dos seus braços, mas Rodrigo é muito forte e está decidido a me possuir, mesmo contra a minha vontade.

— Relaxe, Eva. Eu não vou te machucar. — Ele diz, entre beijos e amassos.

Rodrigo morde os meus lábios lentamente. Beijos suaves são espalhados por todo o meu rosto.

— Eva, eu te desejo tanto. — Uma de suas mãos encontra o meu seio e ele é acariciado. A outra mão desliza pelo meu ventre, até encontrar a minha vulva.

Rodrigo a segura com força, enquanto seus dedos se deliciam entre os meus lábios vaginais.

Desesperada, eu tento me soltar do seu aperto.

— Não lute contra o desejo, Eva. Eu sei que você vai gostar.

Meus pés são suspensos do chão e sou levada para a cama. Rodrigo me deita sobre o colchão e logo em seguida o seu corpo cobre o meu. Sua boca cola na minha mais uma vez e suas mãos exploram todo o meu corpo, cada parte dele. Ofegante e desesperada, eu sei que não tenho escapatória e o desespero vem em ondas elétricas.

Rodrigo desce a boca pelo meu corpo. Sua língua deixa um rastro de fogo, eu quase grito de pavor. Quando suas mãos afastam minhas pernas, entro em completo desespero. Sua boca encontra a minha vagina e ele começa a me chupar.

Tento afastar a sua cabeça com as mãos, mas ele as detém.

— Se entregue, Eva. Relaxe o corpo e se entregue a mim, meu amor.

Ele se ergue e vem de encontro a mim, suas pernas ficam entre as minhas e eu sinto o seu sexo rijo encontrar o meu.

— Eva, relaxe, eu não quero te machucar, mas se você continuar tensa, vai doer mais do que imagina.

Ele empurra o sexo entre os meus lábios vaginais. Fico petrificada, minha mente grita. Não... implora para que o afaste de mim. Penso em Adam, minha virgindade pertence a ele.

Agarro os lençóis entre os dedos, apertando-os. Meu corpo fica tenso, paro de respirar, congelo completamente. O órgão dele está tentando me violar. Reúno as minhas forças e o empurro com violência para longe de mim.

— Fique longe de mim! — Rodrigo me olha, incrédulo, ele não acredita no que está acontecendo. — Não me toque, eu não posso pertencer a você. Por favor... por favor, Rodrigo, se você me ama mesmo, me liberte deste casamento. Eu não te amo,

nunca vou te amar. Se me ama de verdade, me deixe ir embora. Quem ama não aprisiona, liberta... me deixe ir embora.

Rodrigo se levanta rapidamente. Eu me encolho na cabeceira da cama, cubro a minha nudez com um lençol.

— Deixar você ir embora?! — Diz, exasperado. — Para onde, Eva? — Ele me olha furioso, tanto que me dá medo, pois a luz que seus olhos emitem congela o meu corpo.

— Eu não te amo, Rodrigo. Você sabe perfeitamente quem eu amo, me deixe ficar com ele, por favor. Liberte-me.

Ele solta uma gargalhada estridente e assustadora. O suor cobre o seu rosto e eu percebo que ele está tentando se controlar.

— Então é isso? É aquele estrangeiro de merda? Você acha mesmo que ele virá atrás de você?

Um fio de esperança nasce no meu coração que sangra.

— Sim, eu sei que ele virá me buscar, e não pense que não irei com ele só porque estou presa a um casamento de mentira. Por isso, me libere dessa farsa. Por favor.

Os olhos de Rodrigo chispam de raiva, ele caminha todo seguro de si até ficar bem próximo de mim. O que nos separa é a cama. Com escárnio na voz, ele diz:

— Ele só virá te buscar se o capeta abrir as portas do inferno e deixar que ele saia de lá. Quanta ingenuidade, Eva. Achou mesmo que eu o deixaria viver para vir roubar o que é meu outra vez? Ele está morto... morto, Eva! O seu amado conde virou churrasquinho. Ele está no fundo do penhasco, virou cinzas...

— NÃO! — Grito desesperada, ele não pode estar falando sério, só está dizendo isso para me manter naquele casamento. — Você está mentindo, ele está vivo. Ele e o filho dele. Você não é esse monstro desumano.

— Filho? Ele estava com o filho no carro? — As lágrimas já banham o meu rosto e, mesmo em convulsão, eu assinto. — Que maravilha, matei dois coelhos com uma cajadada só. Livrei-me de dois estorvos.

— ASSASSINO! — Vocifero. — Assassino! Seu monstro, eu te odeio, odeio...

Estou enlouquecida e completamente perdida, jogada como alimento ao cão do inferno. Engatinho sobre o colchão até chegar perto de Rodrigo. Pulo em cima dele e começo a socá-lo.

— Assassino, eu te odeio. Odeio você, seu monstro....

GL

Rodrigo me contém, prendendo os meus braços. Seu olhar frio fuzila o meu rosto. O homem gentil desapareceu e deu lugar ao verdadeiro.

O monstro desumano que ele sempre foi.

— Você pode me odiar o quanto quiser, Eva, mas você me pertence. Você é minha, quer queira ou não.

Cuspo no seu rosto.

— Nunca serei sua, você pode violar o meu corpo, mas a minha alma e o meu coração pertencerão a um único homem: ao Adam e só a ele.

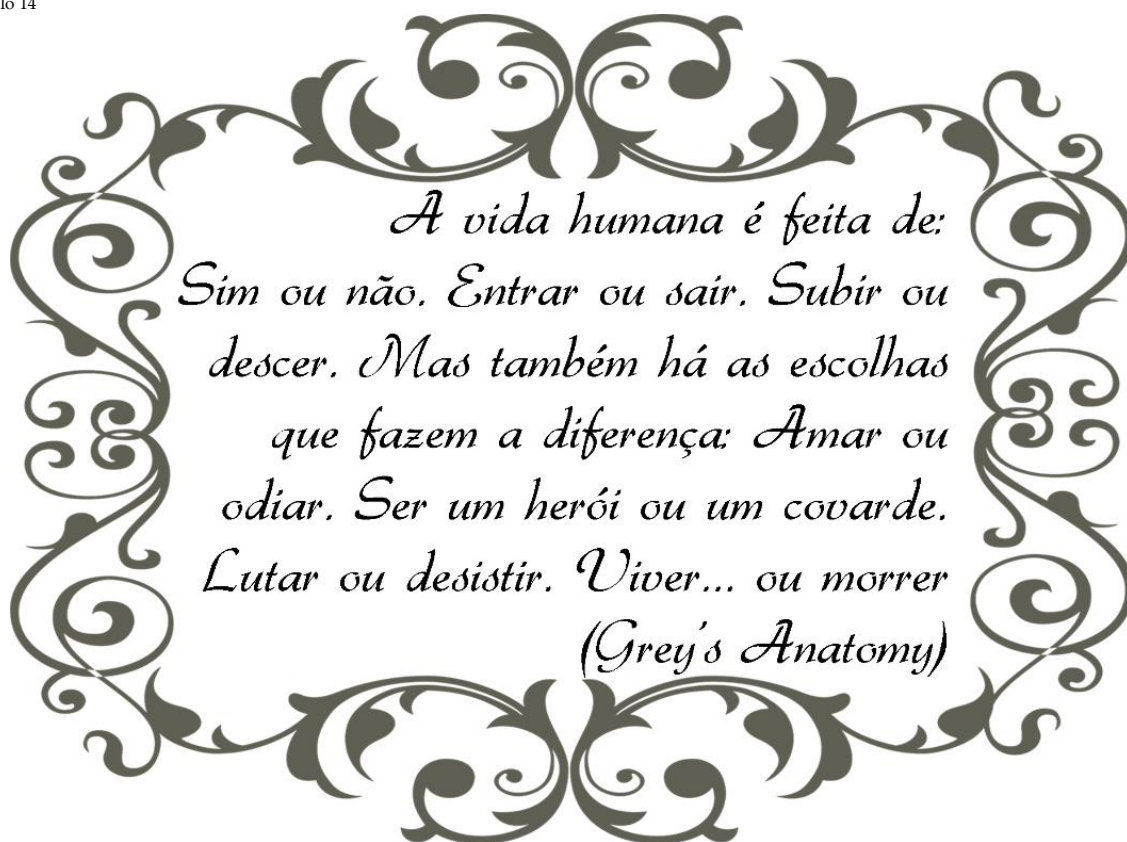
O arrependimento me vem assim que eu me calo. Rodrigo me segura pelos braços e me agita com violência, vociferando com toda raiva de seu ser.

— Pois bem, Eva! Eu lhe ofereci o meu amor e você o rejeitou. Eu ofereci uma vida de rainha e você não a quer, então se quer ser tratada como uma vagabunda, será tratada como tal. Você acaba de fazer a sua escolha.

Ele me joga na cama com violência, prende os meus braços no alto da cabeça e me encara com ódio no olhar.

— Eu quis lhe dar o céu, mas você prefere o inferno.

Sou violentada pelo meu marido do mesmo jeito que a minha mãe foi pelo meu pai. As dores que ela sentiu, eu sinto agora. A vergonha, o medo e o terror. Eu também sinto todos eles.



Três meses se passaram depois da minha trágica lua de mel — se é que posso chamar o que eu vivi de lua de mel e não de lua de fel.

Estremeço ao recordar aquela noite. Reviver tudo aquilo me provoca náuseas. É sempre assim, ao me lembrar de tudo o que passei sinto dor até na alma.

E todas as humilhações que eu passei naquela noite ainda estão muito frescas na minha memória, apesar de todo esse tempo.

Lembro-me perfeitamente de como Rodrigo ficou na manhã seguinte.

Após ter me violado, usando a força, ele me deixou na cama e foi para a sala da suíte. Escutei o som de vidros se quebrando e dos seus gritos. Rodrigo praguejava alto, amaldiçoando a alma do Adam. Naquela noite eu não consegui dormir, mesmo estando toda dolorida. Não consegui, tive medo de ele vir me procurar outra vez, por isso mantive os olhos abertos. Eu sei que se ele quisesse me possuir outra vez nada poderia

impedi-lo, como ele mesmo me disse enquanto me tomava à força, olhando nos meus olhos com aquele seu olhar dourado e frio:

Você é minha, minha! Eu posso fazer o que eu quiser com você...

Mas eu me recordo perfeitamente da sua expressão.

Eu estava deitada, toda encolhida, as minhas coxas ainda estavam sujas com o meu sangue virgem. Os lençóis brancos manchados de vermelho, os meus pulsos com marcas de dedos, a minha boca dolorida da agressividade dos seus beijos cruéis. Rodrigo ficou parado diante da porta, recostado no batente, olhando para mim e para a bagunça da cama. Seus olhos estavam nublados pelas lágrimas. Eu não sei se era fingimento ou se realmente ele estava arrependido. Sinceramente não sei, porque a única coisa que eu conseguia sentir era... medo.

Então, quando ele se aproximou de mim e me colocou nos braços, a única coisa que saiu da minha boca foi, *por favor... por favor, não me machuque.*

Ele não disse nada, só beijou os meus cabelos e me pôs na banheira, me dando um banho em seguida.

Rodrigo não tentou abusar de mim. Ele só me limpou, enxugou, me vestiu com uma roupa limpa e depois disse que voltaríamos para a fazenda logo após o café da manhã.

E foi o que aconteceu. Voltamos para a fazenda. Durante cinco dias ele não me tocou. Nós dormíamos juntos, mas Rodrigo não encostava em mim. Ele me abraçava, fazia carinho nos meus cabelos, beijava a minha testa, porém não tentava nenhuma intimidade. E todas as noites eu rezava para que continuasse assim.

Mas não continuou. Na sexta noite de casada ele me beijou na boca, me tocou o corpo. Seus lábios dominaram meus seios e a minha vagina, e quando isso aconteceu eu soube que estava perdida, que não teria como escapar.

O único jeito foi deixá-lo saciar sua fome por mim, e a fome dele não tinha medida. Ele queria tudo, tudo de mim, mas da segunda vez não houve violência. Eu não resisti, apenas permaneci deitada e me deixei ser usada de todas as formas que ele quisesse. Até hoje é assim, Rodrigo me possui todas as noites e todas as manhãs. Essas lembranças diárias me dão enjoo.

Corro para o banheiro e tudo o que está no meu estômago desce pelo vaso sanitário. Sento-me no chão, tentando recuperar o ânimo. Estou tão cansada, minha única vontade é de morrer, porque eu sei que só assim poderei reencontrar o meu amor.

O meu Adam.

GL

As náuseas voltam, mesmo não tendo mais nada no estômago. Só consigo expelir bílis.

— Eva. Eva, minha filha, você está bem?

Mamãe abre a porta do banheiro, ofegante. Na certa ela escutou o meu esforço ao vomitar e correu para me socorrer.

— Estou. — Digo enquanto limpo a boca com o dorso da mão. — Só me ajude a levantar, estou sem forças.

Reúno o pouco que ainda possuo, procurando não fraquejar. A minha vontade é de gritar, berrar para o mundo que sou prisioneira de um monstro.

Mamãe está com cheiro de rosas. Ofego e levanto a mão para cobrir a boca. A ânsia de vômito volta, forte. Tento não respirar, mas não adianta, o cheiro de rosas invade as minhas narinas, só tenho tempo de agachar e inclinar diante do vaso.

— Eva, isso não é normal, filha. — Mamãe diz, enquanto segura meus cabelos atrás da minha cabeça.

— É o seu cheiro de rosas, mamãe, está muito forte. — Digo isso me esforçando para conter as lágrimas.

Meu estômago dói e as minhas pernas cedem, só posso estar doente.

— Se apoie em mim, filha. Por Deus, Eva! Você ama esse perfume. — Ela me leva até a cama, o cheiro adocicado já está me deixando tonta.

— Não amo mais, é muito enjoativo. Por favor, não use mais.

— Não acredito nisso! — Ela exclama, me olhando de frente. — Eva... você não... — Minha mãe me olha apreensiva, enquanto me ajuda a deitar.

Assim que minha cabeça toca o travesseiro e eu fecho os olhos, me sinto melhor. Mamãe senta ao meu lado, alisando os meus cabelos. Eu sei que ela está especulando alguma coisa, pois há muito tempo está calada. Abro os olhos e a encaro.

— O que foi? Eu já estou bem, foi só um mal-estar. — Fecho os olhos outra vez.

— Filha, quando foi a sua última menstruação?

— Não sei... Quer dizer, que eu me lembre, foi uma semana antes do meu casamento. Eu lembro porque rezei para que ela não terminasse.

— Hum! — O seu “hum” me deixa curiosa. Eu me apoio nos cotovelos e a fito. — Eva, você está tomando algum remédio para evitar gravidez? Rodrigo usa alguma proteção?

Minha ficha cai. Será? Será que Deus me odeia tanto assim?

— Não. — Encaro-a, quase sem ar.

— Como eu não desconfiei antes? Tem semanas que você anda sem apetite. E agora os enjoos e os desmaios, sem esquecer a sonolência. — Mamãe sorri e eu não gosto do seu sorriso. — Eva, você está grávida! Minha filha, o Senhor Rodrigo vai enlouquecer de felicidade quando...

— Não! — Eu me levanto da cama em um pulo e começo a andar de um lado para o outro, preocupada. — Não pode ser, não pode... — Toco o meu ventre e o sinto duro. Os meus olhos marejam. — Se isso for verdade, o Rodrigo não pode saber, mamãe. A senhora tem que me prometer.

— Mas por que ele não pode saber, filha? Ele é o seu marido e o pai do seu bebê.

— Porque esse bebê não vai nascer. Para isso eu preciso da sua ajuda, sei que a senhora conhece ervas abortivas. Eu quero que me faça um chá e quero que faça agora!

Meus olhos chispam de ódio.

— Enlouqueceu, Eva? Eu jamais faria uma monstruosidade dessas! É do meu neto e do seu filho que estamos falando. Isso sem contar que você já deve estar com quase três meses de gravidez. É perigoso para...

— Melhor ainda. — Vocifero, enlouquecida. — Quem sabe eu não morro... — Encaro a minha mãe, ela está boquiaberta e com um olhar horrorizado. — Eu não posso ter um filho de um monstro, essa criança foi gerada do mal, ela é amaldiçoada...

Minha loucura é interpelada por um tapa no meu rosto. Mamãe me bateu.

— É o seu filho! Seu filho, você entendeu? Não é um monstro, é o filho do homem que te ama. Rodrigo te ama, eu vejo como ele a trata, ele só falta se jogar no chão para que você passe por cima. Se ele pudesse, te carregaria nos braços para que não precisasse pisar no chão. Sua mal-agraçada!

Se ela conhecesse a verdade, não pensaria assim do Rodrigo. Arrependo-me de não ter lhe contado tudo, agora ela acha que o monstro é um anjo.

Sinto-me impotente diante de tudo o que ela me fala. E agora, o que farei? Passo a mão nervosamente pelos cabelos, já imaginando a reação do Rodrigo quando souber que será pai.

— Não, não posso estar grávida...

— Grávida? — Viro em direção à porta. Rodrigo está parado, segurando-a. — Eva, você está grávida? — Não consigo decifrar a sua fisionomia, é uma mistura de surpresa, emoção e dúvida. — Alguém pode responder à minha pergunta?

De repente o quarto parece pequeno demais, sem oxigênio.

— Sim, tudo indica que Eva está grávida, Senhor Rodrigo.

Furiosa, eu encaro a minha mãe. Ela não tinha que ter falado nada, agora o meu plano de abortar foi por água abaixo.

— É verdade, Eva? — Fico muda e trêmula diante dele. — Eva! — Ele já está perto de mim, com as mãos nos meus ombros, acariciando-os com os dedos longos.

— Sim, noventa por cento de certeza. — Finalmente consigo respirar, fico admirada com a calma que consigo manter.

Ele me abraça e me beija demoradamente. Meus pés são tirados do chão e meu corpo gira junto com o dele.

— Meu amor, você não sabe o quanto está me fazendo feliz. Além de você, agora teremos um filho, um pedaço seu. Eu te amo tanto, Eva González. Tanto.

— Eu sei, Rodrigo. — Consigo dizer, a minha voz treme e minha garganta queima. — Sim, eu sei o tamanho do seu amor.

Sussurro com sarcasmo, mas ele não percebe.

No mesmo dia, Rodrigo manda buscar um médico na cidade mais próxima, um médico de sua confiança. Ele me examina e confirma a gravidez. No dia seguinte, seguimos para a capital, onde eu fiz todos os exames necessários. Ficamos quase um mês lá, hospedados no melhor hotel. Quando retorno a Paraíso, já estou entrando no quarto mês de gestação. A minha vida acabara de terminar.

Perco a vontade de viver. Estar grávida de Rodrigo é o estopim da minha desgraça. Eu não quero essa criança, não quero esse monstro.

Rodrigo não sabe mais o que fazer para me trazer de volta à vida. Ele começa a viver por mim. Os médicos dizem que muitas mulheres sofrem de depressão durante a gravidez, mas que isso geralmente passa quando o bebê nasce.

Mas o bebê não vai nascer, eu não vou deixar que isso aconteça. Eu já decidi o



seu destino e o meu.

O tempo custa a passar e eu sigo arrastada pelo meu desespero. Não sinto nada. Nem tristeza, nem alegria, só uma vontade louca de morrer. Cada vez que eu olho para a minha imensa barriga de quase nove meses, me bate aquela angústia e uma vontade

pungente de colocar um fim em tudo. Então, finalmente, uma oportunidade surge diante de mim.

Chegou o momento de acabar definitivamente com o meu sofrimento. Durante todos esses meses eu procurei um meio de me livrar da criança que eu carrego no ventre, mas sempre estou sob vigilância. Quando não é o Rodrigo, é a minha mãe ou algum empregado. Os próprios médicos recomendaram que todos ficassem atentos, pois a minha depressão estava em um grau preocupante e o fato de não poder tomar medicações fortes para combatê-la exigia atenção redobrada. A verdade é que eu não sei se estou sofrendo de depressão, só sei que sinto a vida indo embora do meu corpo. É como se todos os sentimentos bons tivessem se esvanecido de dentro de mim. Sinto uma dor profunda no peito, um desespero íntimo. Eu sei que só me livrarei de tudo isso se morrer. E hoje é a minha grande chance.

O Rodrigo não está em casa e a mamãe está guardando no armário as últimas roupas da neta — sim, é uma menina — que acabaram de ser lavadas e passadas. Deixo a minha mãe entretida com as coisas da bebê e saio discretamente do quarto. Olho para as escadas diante de mim. A queda será feia e fatal, sei que será. Fecho os olhos e me atiro.

Meu corpo bate nos degraus e minha barriga se choca brutalmente contra eles. Eu escuto gritos e vozes chamando por socorro.

Minha cabeça bate em algo duro e eu sinto uma dor aguda. As minhas costas colidem com força por diversas vezes nas quinas dos degraus. Eu escuto os gritos da minha mãe. Rezo para que eu morra logo, porque as dores que estou sentindo são terríveis. Logo depois, vem o tiro de misericórdia. Minha cabeça bate fortemente no pavimento inferior de mármore e eu não sinto mais nada... mais nada.

Eu não morri, nem a bebê. Me levaram às pressas de helicóptero para o hospital mais próximo e sobrevivemos. A menina está bem e sem sequelas, apesar do trauma que provocou o seu nascimento antecipado. Ela foi salva pelas mãos de algum anjo protetor.

Por dois meses, eu fiquei em coma. Ao acordar descobri que estava paralisada da cintura para baixo. De certa forma, estou morta. Estou inválida, presa para sempre a uma cadeira de rodas, dependente de um homem que odeio. Esse é o meu castigo por tentar tirar a vida de uma inocente. Minhas escolhas, minhas consequências.

Os meus atos não prejudicaram só a mim.

Rodrigo expulsou a minha mãe de casa. Ele a culpa por eu ter caído da escada, disse que era responsabilidade sua ficar sempre perto de mim quando ele não estivesse.

A mamãe sempre vem me visitar, mas não cuida mais de mim. Quem cuida de mim é o Rodrigo, que largou tudo para cumprir essa tarefa. Mesmo assim, ainda o odeio.

Quanto à bebê, eu não a quero. Não consigo nem olhar para ela. Já tentaram trazê-la até mim, mas eu grito, desesperada, para que a levem embora. Não consigo sentir amor por um ser que foi gerado à força. Rodrigo me violentou na noite em que ela foi gerada, a criança é fruto de um estupro, minha pior recordação. Não posso amá-la, não, não posso.

Do meu quarto escuto o seu choro. Sempre que o ouço, tapo os ouvidos. Recebi alta médica há dois dias e até agora não sei que aparência tem. Rodrigo já tentou me mostrar fotografias dela, mas eu me recuso a ver.

Essa menina não é minha filha, ela é a filha de um monstro.

Neste momento estou escutando o seu choro desesperado, pois o quarto dela fica próximo ao meu. Ela sempre chora. Se eu tivesse pernas, iria até lá e a sufocaria com o travesseiro. Acho que é por isso que não posso mais andar. Deus sabe o que faz.

O choro dela está bem próximo. Não... não, não. Vão trazê-la até aqui.

Entro em desespero e o ar vai sumindo dos meus pulmões. A porta do meu quarto se abre e...

Ela surge nos braços do pai.

— Olha quem veio conhecer a mamãe. — Ele diz e se aproxima com um embrulho nos braços. — Meu amor, já está na hora de conhecer o seu milagre. A nossa filha é linda, ela se parece muito com você.

Vejo mãozinhas se mexendo no ar, detrás da manta rosa. Entro em pânico quando o Rodrigo senta na cama. Mal consigo respirar.

— Eva, a nossa filha ainda não tem nome, eu estava esperando você para escolher um. Acho que ela merece um lindo nome.

Quero gritar. Quero pedir para que ele a leve embora. Eu não a quero.

O cheirinho dela chega nas minhas narinas, ela começa a chorar. Eu me desespero. Se eu pudesse andar, já teria corrido para bem longe dos dois.

— Meu amor, segure um pouco a neném, ela precisa da mãe. — Rodrigo fala com emoção na voz. Ele parece dez anos mais velho, eu o envelheci.

Ele me mostra a bebê. Fecho os olhos e me encolho, mas a vontade de vê-la é maior, sou traída pelo meu instinto materno. Abro os olhos.

Deus! Deus! Ela é tão linda. Tem os meus olhos castanhos claros, mais claros do que o mel. Eles têm linhas douradas, cílios longos e escuros. As bochechas são rosadas e os cabelos pretos, bem lisinhos. Ela se parece comigo quando eu era bebê.

— Segure a sua filha, meu amor.

Rodrigo estende os braços, me oferecendo o pequeno pacote. Encaro-o com medo no olhar. Ele sorri e eu finalmente aceito a pequena gorduchinha.

Trago-a para perto do coração. Seu cheiro é tão gostoso. Ela faz um muxoxo e os seus grandes olhos amendoados se fixam aos meus. Seguro sua mãozinha e ela agarra meu dedo. Lágrimas escorrem pelo meu rosto, eu estou encantada com o pequeno embrulho.

— Lilly, o nome dela é Lilly. — Levanto os olhos para fitar Rodrigo. Ele está chorando e sorrindo para mim.

— Lilly! É um lindo nome, meu amor. A nossa Lilly.

Suas mãos alisam os meus cabelos e eu não evito o contato. Não quero brigar, não quero estragar o momento.

Coloco a pequena criatura sobre minhas pernas mortas e começo a despi-la. Tiro a sua blusinha, eu quero ver se ela é perfeita.

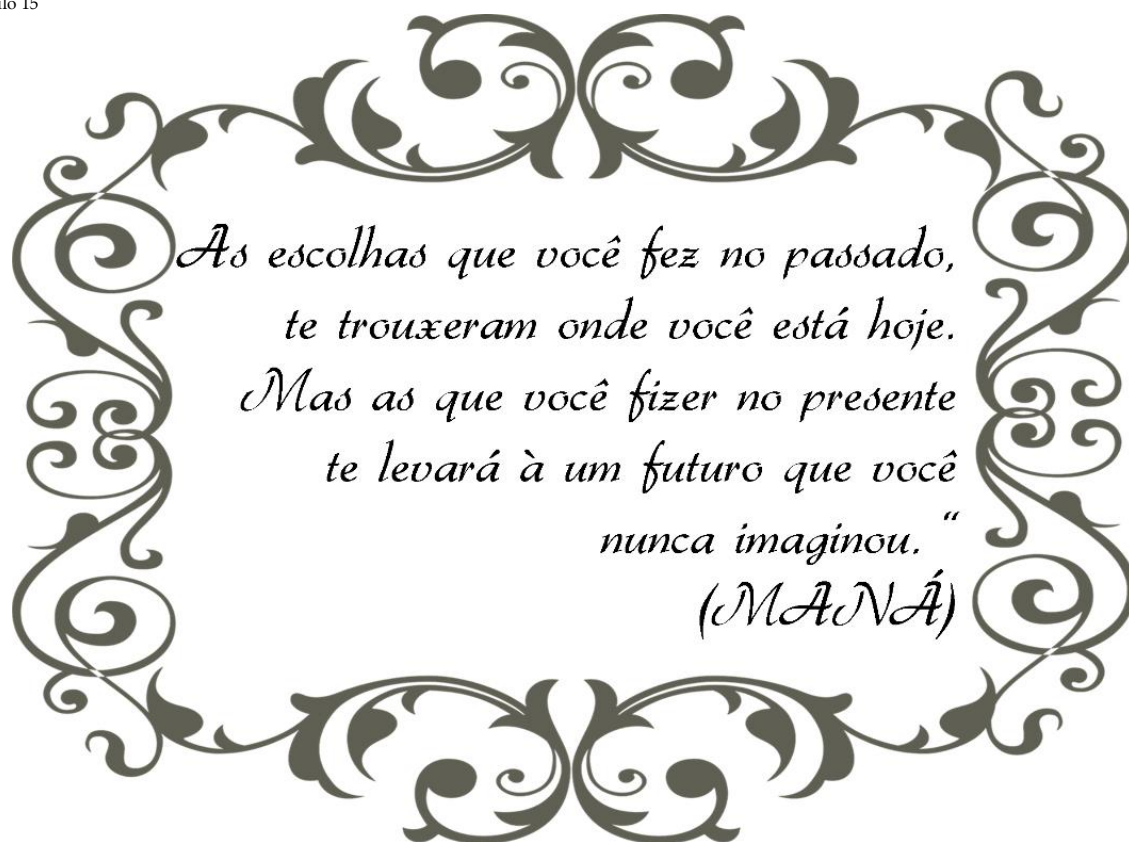
Sim, ela é perfeita.

A partir desse dia, a minha única alegria é a Lilly. Rodrigo mudou o seu berço para o nosso quarto e o deixou bem próximo à cama. Durante alguns meses eu senti vontade de viver.

Mas quando as minhas obrigações de esposa foram exigidas, eu percebi que nem mesmo a Lilly me traria paz.

Rodrigo não me forçava a nada, mas eu começo a achar que lhe devo por tudo o que faz por mim. A minha vida sexual volta a ter uma rotina, mesmo não sentindo nada, eu o deixo usar o meu corpo para o seu prazer.

Os meses passam e os anos também. A minha tristeza me leva a uma depressão profunda, eu perco totalmente a vontade de viver, nem mesmo a alegria da minha filha me traz de volta à vida.



...Cinco anos depois...

Acordo com uma dor no peito e muita falta de ar. Tento disfarçar para que Rodrigo não perceba. Eu ainda o odeio, mas o meu ódio eu guardo apenas para mim. Ele tem sido o meu anjo da guarda nos últimos anos. Sem ele eu não seria nada, e hoje sei o quanto me ama. Se não me amasse, não estaria com uma mulher que só lhe dá trabalho, já que há dois anos não temos nenhuma intimidade. Ele se contenta apenas com beijos, contudo, os seus sentimentos não mudaram. Pelo contrário, acho que aumentaram. Ele se dedica a mim em tempo integral, eu nunca fico sozinha. Se isso não for amor, não sei qual é o nome que posso dar a esse sentimento.

Só que eu não consigo retribuí-lo.

— Meu amor, você precisa se alimentar. A sopa é de legumes, você adora.

Empurro a mão do Rodrigo para longe da boca, mas ele não se deixa vencer pela minha insistência em não comer. Faz alguns dias que não consigo me alimentar, dói quando mastigo ou engulo, mesmo com uma alimentação toda líquida. Eu sei que o Rodrigo está sofrendo por me ver assim, o que me deixa angustiada. Por isso eu faço de tudo para que ele fique com raiva de mim, mas o seu olhar carinhoso e paciente continua invencível.

— Eva, hoje vamos ter uma sessão de cinema. A Lilly quer assistir o Rei Leão outra vez. Eu já mandei colocar o telão na biblioteca, o que me diz?

Lilly, a minha linda filha, é a alegria da casa e do Rodrigo. O que ela pede, ele faz. Não importa o que seja, ele realiza todos os seus desejos, assim como os meus. O Rodrigo vive exclusivamente para mim e para a Lilly. Às vezes, eu penso que ele se culpa pelo meu estado vegetativo.

Faz dois anos que eu não saio mais do quarto. Até o meu banho de sol é feito na varanda. O Rodrigo me coloca na cadeira de rodas e fica comigo por uma hora pela manhã e mais uma hora no final da tarde. Eu não tenho ânimo para sair do quarto, ele até tentou me tirar daqui, mas eu entrei em pânico, quase tive uma parada respiratória, então, os médicos o aconselharam a não me forçar a fazer o que não quero. Eu tenho o acompanhamento de um psiquiatra, mas ele não faz muita coisa para ajudar, e eu também não quero a ajuda. Quero apenas uma coisa.

Morrer.

Sonhei com ele na noite passada. Sonho com ele todas as noites. São os momentos mais felizes que tenho. Dormir, para mim, é encontrar a felicidade, pois é quando eu me encontro com ele... com o meu Adam.

Nos meus sonhos as minhas pernas estão perfeitas, eu não sinto fraqueza e nem tristeza, só sinto amor. Nos meus sonhos sou beijada e acariciada por ele, o meu único e verdadeiro amor. É nos meus sonhos que ele me diz que o dia de ficarmos juntos está próximo.

— Mamãe.

— Eva, meu amor.

— Papai, a mamãe está sonhando acordada?

— Não, filha, a mamãe só está cansada.

— Mamãe... mamãe, sou eu, a sua Lilly.

Uma mãozinha macia e delicada acaricia o meu rosto. Os meus olhos se fixam aos seus e ela sorri.

— Mamãe, você estava sonhando com o moço? Aquele que a senhora diz que vem te buscar?

Rodrigo me encara, desconfiado, ele sabe que Lilly está falando do Adam. Eu contei para Lilly que um anjo me visita nos meus sonhos e que um dia virá me buscar. Ele limpa a garganta, pega Lilly nos braços e enquanto lhe faz cócegas, diz:

— Eu já disse, princesa Lilly. A mamãe está cansada.

Lilly solta gritinhos de êxtase. Ela agarra o pai pelo pescoço e lhe dá vários beijos no rosto. Rodrigo se delicia com os carinhos da filha.

A Lilly é muito apegada ao pai, ela tem verdadeira adoração por ele. Eu não tiro sua razão, afinal, Rodrigo é seu pai e sua mãe. Eu não posso cuidar dela, mesmo que quisesse, não poderia. Sei que não fui uma boa mãe, tentei matar a minha filha ainda no ventre, mas suportei as consequências dos meus atos de cabeça erguida. Não amei a Lilly enquanto recém-nascida, no entanto, quando a vi pela primeira vez, me apaixonei. Eu a amo muito, ainda que a tristeza que domina o meu coração me impeça. Não quero que a minha filha cresça vendo a mãe definhar aos poucos, por isso peço silenciosamente a Deus que me leve o mais rápido possível. Sei que esse dia está próximo. Lilly é muito pequena e logo se esquecerá de mim, Rodrigo será um excelente pai. Ele a ama muito e vai proteger a nossa filha, por isso vou me encontrar com o meu Adam em paz. Lilly será muito feliz.

Rodrigo coloca Lilly de volta na cama. Ela engatinha até mim e deita a cabeça em meu peito.

— Mamãe, você vai assistir o Rei Leão com a gente, não vai? Tem pipoca e refrigerante. O papai deixou.

Beijo os cabelos da minha filha, eles cheiram a flores. Eu a aperto contra o coração. Sinto um aperto e uma tristeza profunda no peito.

— Meu anjo. — Eu estremeço, não estou bem. — Lilly, olhe para mim. — Ela ergue o rostinho em direção ao meu e sorri. — Eu te amo muito, muito mesmo. Posso não ter sido a mamãe que você merece, mas eu te amo. Me perdoe, filha, me perdoe por ter sido tão ausente...

— Mamãe, não chore. — Ela me interrompe, quase chorando. — Onde tá doendo?

Sua inocência me dói. Eu caio no choro.

— Eva, meu amor, o que foi? Você está nos assustando. Está sentindo dor, é isso?

Ultimamente eu sinto muita falta de ar e dores terríveis no peito. Já fiz todos os exames possíveis, mas nada foi encontrado. E agora sinto de novo aquela dor sufocante, que queima meu peito, me sufoca.

Aperto o peito e começo a tossir.

— Lourdes! — Rodrigo vocifera o nome da babá de Lilly. Ela surge no quarto. — Leve a Lilly daqui, tente distrair a menina.

— Não quero ir, papai. Não quero deixar a mamãe...

Lilly se joga no meu corpo e os seus bracinhos circulam o meu pescoço. Esse simples gesto piora o meu estado. A tosse aumenta e eu grito de dor. Rodrigo é rápido e retira Lilly de cima de mim. Ela começa a chorar. Eu quero dizer que tudo vai ficar bem, mas não consigo raciocinar direito. A dor é lancinante, me devora.

— Mamãe...! — Ela grita e tenta me alcançar com os braços esticados.

— Tire ela daqui! — Rodrigo vocifera para a babá.

Minha filha desaparece diante dos meus olhos e eu sei que é a última vez que a vejo. Escuto Rodrigo falar com alguém ao telefone. Na certa, com o meu médico.

— Eva, meu amor, o médico já está a caminho. Fique calma, você vai ficar bem.

Ele afaga os meus cabelos. As suas mãos de toque leve fazem um passeio por todo o comprimento dos fios. Olho para seu rosto sofrido. As rugas ao redor dos olhos são por minha causa, os fios de cabelos brancos apareceram precocemente, também por culpa minha. Mesmo assim, ele ainda é um homem muito bonito. Qualquer mulher se jogaria aos seus pés, exceto eu.

Eu ainda o odeio.

Mas eu sou grata por todos os seus cuidados, pela sua devoção, e eu não quero que ele sofra, quero que se liberte de mim. Ele está preso a mim e o amor que ele sente também me faz sua prisioneira. Agora chegou a hora de termos a nossa liberdade de volta.

— Ro-Rodrigo. — Começo a tossir. Levo a mão à boca, e quando a afasto ela está suja de sangue. Rodrigo, ao ver o sangue, me puxa para si.

— Minha Eva, minha Eva. Vai ficar tudo bem. Eu não vou te deixar sofrer...

— Ro-Rodrigo. — Eu o interrompo, nervosa, quase chorando. — Rodrigo, por favor, seja feliz. Promete?

— Shhh! Não fale, meu amor. O médico já está chegando, não se canse.

Tento falar, mas ele me cala com um beijo sofrido. A dor em meu peito aperta e o ar me falta. Perco os sentidos.

Aos poucos os meus olhos se abrem e eu escuto o médico sussurrando para Rodrigo:

— Não há nada que possamos fazer, meu amigo, a não ser deixá-la o mais confortável possível e esperar.

Eles viram o rosto na minha direção. Eu fecho os olhos rapidamente, fingindo dormir. Rodrigo leva o médico até a porta. Ele fica parado por longos minutos diante da porta fechada, com a testa encostada nela. Rodrigo respira profundamente várias vezes e soca a madeira com os punhos fechados.

A dor retorna, mas eu não quero chamá-lo, ele já está sofrendo demais. Resolvo ficar calada com a minha dor, até adormecer novamente.

— Querida, minha querida...

Escuto uma voz muito familiar me chamar. Abro os olhos lentamente, já não sinto dor nem tristeza. Finalmente os meus olhos encontram os dele.

— Adam... — Eu começo a chorar. — Estou sonhando?

— Sim, meu amor, você está sonhando. Não chore, acabou o sofrimento. Logo estaremos juntos.

Ele beija a minha testa ternamente, e do mesmo jeito que surgiu, desaparece.

— Eva, Eva. Acorde, meu amor. Não chore, eu estou aqui.

— Adam, Adam, não me deixe. Leve-me com você, leve-me, não me deixe mais uma vez, leve-me...

— Eva!

— Meu amor, e-eu te amo tanto... Adam... Adam, você veio me buscar. Veio me libertar do monstro...

— Eva! — Sinto o meu corpo ser agitado violentamente, e ao abrir os olhos encaro um homem completamente transtornado.

— Ro-Rodrigo? — Exclamo.

— Sim, sou eu. O seu marido e o pai da sua filha, o homem que te ama mais do que tudo na vida. Sou eu... — Ele agita os meus ombros com força. — Esqueça ele, Eva. Esqueça aquele estrangeiro de merda. Ele está morto. Morto, entendeu? Eu o matei, eu o tirei do meu caminho... esqueça. É a mim que você deve amar. Deve chamar por mim, não por ele.

— Eu não te amo, Rodrigo e nunca te enganei. Vo-você sempre soube disso. — Estava difícil respirar. — Sempre amei o Adam, sempre amarei...

— Pare de dizer tolices, Eva. — Ele me interpela, seco e com muita raiva na voz. — Aquele conde de merda está morto. Morto, entendeu? — Sou sacolejada com violência.

— Ele virá me buscar. Mesmo morto, ele virá me buscar.

— Eu o matei, Eva. Ele não sairá do inferno para vir te buscar.

— Pare. Pare, Rodrigo. Deixe-me em paz. Por favor, saia daqui! — Eu me humilho, levada pelo desespero.

— Você é minha, Eva. É só a mim que deve amar. Minha! — Ele vocifera com toda voz que possui.

A dor aperta o meu peito, eu respiro com dificuldade. *Deus! Me leve daqui, não suporto ver o ódio nos olhos desse homem.*

Ele parece ler os meus pensamentos, seu silêncio confirma as minhas suspeitas. Ele se afasta e eu vejo lágrimas nos seus olhos. Rodrigo chora compulsivamente.

— Eva... Eva, eu te amo tanto. Não faça isso comigo, não prefira um morto a mim... — Ele suplica aos prantos, os braços cercando o meu corpo. Rodrigo me puxa para o peito e tenta me beijar.

Tento me afastar, mas estou sem forças. Então eu o vejo... o meu Adam está perto da porta.

— Adam! — Estico o braço como se quisesse alcançá-lo. — Adam. — Sussurro.

Rodrigo se afasta e olha em direção à porta.

— Você está delirando, não tem ninguém ali, Eva. Só eu estou aqui. Eu, o seu marido. Aquele merda está no inferno, eu o mandei para lá.

— Não! — Grito. Juntos as últimas forças que me restam e grito. — Não, ele veio me buscar e eu vou com ele. Finalmente vou me libertar de você e você nunca mais vai me tocar.

— Você é minha, minha! — Rodrigo pega em meus pulsos e me mostra a aliança grossa no meu dedo anelar esquerdo. — Está vendo? Você é minha!

Olho outra vez para a porta. Adam estica o braço, abre a mão e sorri.

— Sim, meu amor, eu estou pronta para ir com você. — Rodrigo olha para mim e depois para a porta. Ele está completamente atônito. Fito-o. — Adeus, Rodrigo! Cuide da nossa filha. Adeus!

Rodrigo me segura nos braços, enquanto a minha cabeça cai para trás,



lentamente. Ele me apoia nos travesseiros. Não sinto mais nada, só paz...

...Rodrigo González...

— Não! Não! Maldito estrangeiro, nem morto me deixa em paz.

Olho para o corpo sem vida da Eva, jogado na cama. Ela parece estar sorrindo. Maldita! Eu a amei, me dediquei, larguei tudo para ficar com ela e esse tempo todo ela só pensava no maldito estrangeiro.

— Maldita! — Grito, enraivecido. — Maldita! Espero que esteja no inferno junto com ele, sua mal-agradecida, estúpida... desgraçada!

Caio no chão e choro. Choro feito uma criança.

Eu a amo tanto. Nunca mais amarei outra mulher, ela me transformou em um morto-vivo. Ergo a cabeça e observo seu corpo sobre a cama. Lágrimas incessantes jorram pelos meus olhos.

Eva, você me levou junto com você. Adeus! Adeus, meu amor!

Enterrei a única mulher que amo e amarei no dia seguinte e no mesmo dia me desfiz de todas as suas coisas. Tudo o que me lembrava dela fora queimado, nada que lhe pertencia sobreviveu. Nada, nenhuma lembrança sequer.

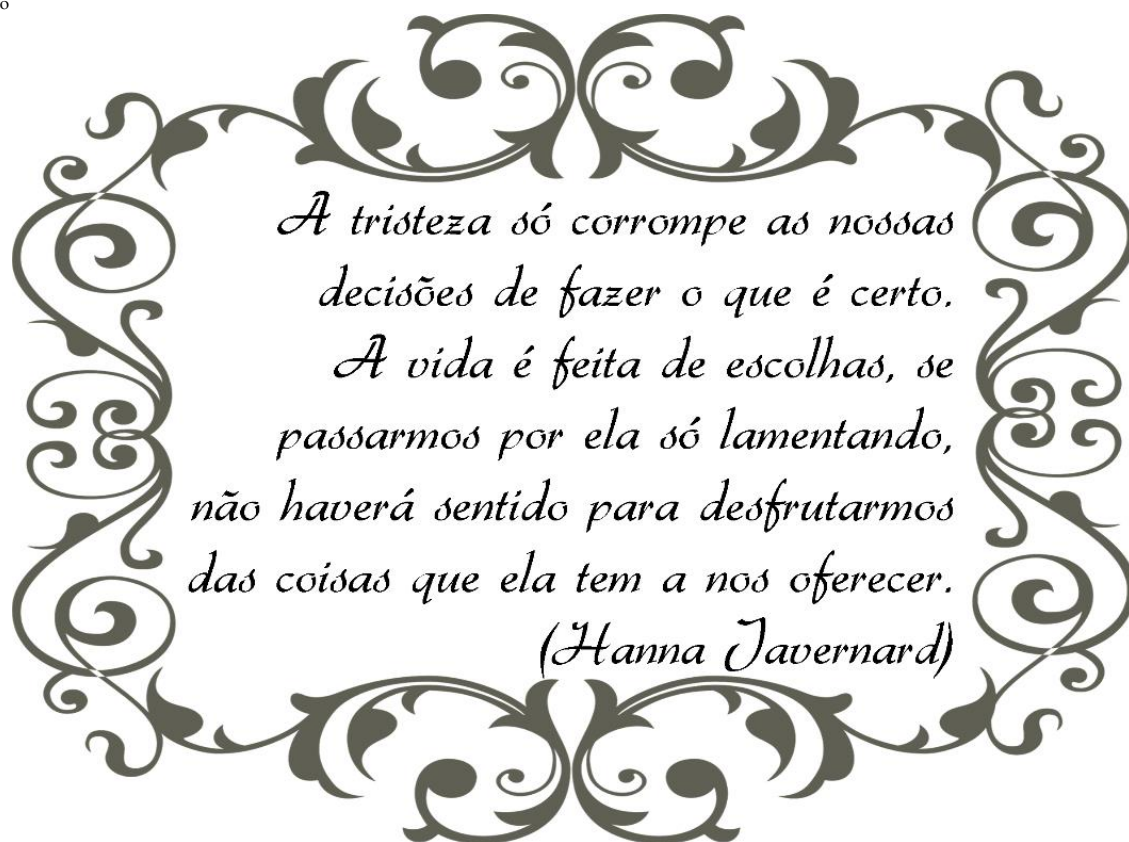
As únicas coisas que me traziam lembranças dela agora eram os seus pais e a minha filha. A minha filha mandei para um colégio interno na Suíça. Eles só aceitavam crianças a partir de sete anos, mas eu tenho dinheiro e consegui convencer a direção a aceitá-la aos cinco anos de idade. Uma semana depois do enterro, Lilly partiu. Eu não pretendia revê-la tão cedo. Os pais de Eva sofreram um acidente um mês depois, a casa em que moravam pegou fogo enquanto eles dormiam.

Agora eu estou só. Só com as minhas lembranças, sofrendo a dor da ausência, a dor de um amor não correspondido. São lembranças das quais não consigo me livrar. Todos os dias acordo para me recordar que o amor da minha vida na verdade nunca foi meu.

Hoje eu acordei com uma tristeza profunda, pois descobri que o amor que me mata é o mesmo que me dá a vida.

GL

A partir desse momento, passei a viver sob esse mantra.



...Raphael Bergsen...

Sou só uma criança, um inocente, mas eu sei que preciso ser forte, não posso permitir que o medo me enfraqueça. O papai sacrificou a vida para salvar a minha, portanto é necessário lutar contra essa vontade louca de me jogar nos braços da morte e me encontrar com os dois. Com ele e com a mamãe. Ainda escuto os gritos do papai, ainda sinto o cheiro da sua carne queimando... Eu o vi morrer, sofrer.

— Maldito! — Grito o mais alto que eu posso, mas só escuto o eco da minha própria voz.

Não sei há quanto tempo estou aqui, só que já há tempo suficiente para o carro virar cinzas. Da minha posição posso vê-lo, pude ver o rosto do papai ser consumido pela dor e pelo desespero.

Sinto sangue escorrer pela minha testa. Estou muito machucado, os galhos da árvore rasgaram a minha pele, sangraram a minha carne. Minhas mãos pequenas estão em carne viva, agarradas com força aos galhos para que eu não caia. Escuto sons de pássaros e o farfalhar das folhas ao vento. Não sei até quando vou suportar a dor que sinto no corpo. Eu estou tão cansado.

— Acorda, Raphael! — Digo para mim mesmo — Acorda, você precisa viver, você precisa virar um homem e vingar a morte do seu pai.

Sim, eu me vingarei. Esse tal de Rodrigo González vai conhecer a ira dos Bergsen. Posso ser apenas uma criança para muitos, mas a partir de hoje a criança que vive em mim morreu junto com o meu pai. Eu nunca vou me esquecer do rosto dele, eu o vi, vi quando bateu no meu pai. Eu escutei quando deu ordens aos homens para que jogassem o carro no penhasco.

— Papai! Papai, eu juro, por todo amor que eu sinto por você que eu vingarei a sua morte. Farei da vida do seu assassino um inferno, a dele e a de todos os seus descendentes. Eu prometo dedicar a minha vida a essa vingança! — Esbravejo aos quatro ventos e nesse momento uma ventania sacode os galhos de todas as árvores, como um prelúdio do que estar por vir como resultado da minha promessa.

O esforço dos meus gritos consome minhas últimas energias. O sono me abate e eu quase despenco do galho em que estou preso. Acordo rapidamente, minhas pernas estão dormentes, os braços doloridos e a minha cabeça lateja.

— Raphael! Raphael!

Escuto gritos, uma voz me chama, mas eu não a reconheço. Tento olhar para o alto, mas não vejo nada a não ser galhos e mais galhos de árvores.

— Raphael, filho. Raphael!

Essa voz eu reconheço, é do Alfredo.

— Aqui, eu estou aqui! — Quase sem forças, eu grito, ainda que seja um grito tímido, ele é sonoro o bastante para ecoar.

— Filho, não se mexa, já estamos indo. Segure firme, meu filho. Segure firme.

A voz do Alfredo está trêmula, embargada. Na certa ele pensou que não me encontraria mais, que eu estaria fazendo companhia ao meu pai no meio das cinzas.

— Estou vendo o menino, senhor Alfredo! Estou vendo! — Uma voz grita alegremente.

De repente uma corda me alcança e dois homens descem por outras duas.

— Fique calmo, menino Raphael, nós já estamos aqui, nada de ruim vai lhe acontecer. — Não os conheço, mas nada importa, eu só quero sair daqui.

Um dos homens me pega e o outro passa a terceira corda em volta do meu corpo. Aliviado, eu choro. Agora posso chorar outra vez, mas essas serão as últimas lágrimas que irei derramar. Nunca mais vou chorar, nunca! Assim que o nó é feito, eles me puxam para cima e um dos homens sobe junto comigo, me segurando. A subida é longa e dolorida, todo lugar em meu corpo dói. Eu estou me sentindo muito mal e pioro quando olho para baixo e vejo o carro do meu pai em cinzas. Despeço-me.

Adeus, papai!

— Peguei você, meu filho! Agora você está seguro, está comigo. Eu juro que ninguém vai te machucar. Nunca mais, meu filho, nunca mais!

Os braços fortes do Alfredo cercam o meu corpo pequeno e machucado, as suas lágrimas molham o meu rosto enquanto ele me beija, emocionando.

— Alfredo, me deixa ver o meu pai uma última vez? — Peço enquanto ainda tenho forças. Alfredo me ergue nos braços e eu olho para o penhasco nebuloso.

— Um dia voltarei e vou me vingar do monstro que matou o meu pai. Ele vai se arrepender de ter cruzado o meu caminho, eu juro, Alfredo. Vou destruir esse homem, juro com toda a força que tenho em mim. — Engulo o nó que se forma na minha garganta. — Leve-me embora dessa cidade, eu quero voltar para o meu país.

— Filho, não pense em vingança. O seu pai não gostaria de ver você com essas ideias. Um dia você esquecerá de tudo isso, filho. O que tem a fazer agora é crescer feliz e viver a sua vida, só isso. Deixe que do resto cuide eu, a partir de agora eu vou te proteger, você será o nosso filho querido.

Alfredo me acolhe em seu colo protetor. Eu sei que ele vai cuidar de mim, ele e a Mila, e eu sei que serei amado como um filho. Mas essa história não acaba aqui, é só o início do inferno para o senhor Rodrigo González e os seus descendentes.

Eu, Raphael Salles Bergsen, vingarei a morte do meu pai. Um dia voltarei a Paraíso e vou cobrar com juros tudo o que fizeram ao meu pai e a mim. Os González não perdem por esperar.

...Para refletirmos...

“Nossa vida é a soma dos resultados das escolhas que fazemos, consciente ou inconscientemente. Se somos capazes de controlar nosso processo de escolher, podemos controlar todos os aspectos de nossas vidas. Desfrutamos, então, da liberdade que vem do fato de estarmos em controle de nós mesmos.”

GL

([Robert F. Bennet](#))

Em breve você conhecerá...

LÓTUS

Ele quer vingança. Ela só quer, amá-lo

A história de Raphael Bergsen e Lilly González. O encontro entre o ódio e o amor.

Fiquem com Deus, obrigada por todo o carinho.

Lara Smithe

Próxima História

MINHA

Série, Os Lafaiete – Livro 4

Sinopse

O último livro da série

Maurício Lafaiete

Sou um romântico inveterado, quando me apaixono é para sempre, e anseio com um casamento feliz ao lado da mulher que amo, com muitos filhos para cuidar.

Por isso, quando conheci Eleonora Miranda e iniciamos um romance intenso, apaixonado, comecei a fazer planos para nós dois, que foram destruídos quando, sem explicação, ela me expulsou da sua vida e terminou tudo comigo, fazendo meu mundo desabar ao me forçar a viver afastado dela.

No entanto, quatro meses depois a reencontro, e para minha surpresa, ela está grávida..., mas nega que o filho seja meu.

Se ela pensa que as coisas ficarão assim, que aceitarei um não como resposta, ela está muito enganada. Não sei quais as razões que a levou a mentir para mim, mas descobrirei, e quando descobrir, irei reivindicá-la e a tornarei minha esposa.

Afinal, sou um Lafaiete, não costumo desistir do que é meu.

GL

Outros Romances da Autora

Minha Insensatez

Sensibilidade

A Luz do Seu Olhar

Sr. Estranho

Tão Minha – Livro 3 da série Os Lafaiete

Hands that Heal

The Exchange

50 Tons de Mulher

O Contador

KAEL – nos braços do amor – livro 2

KAEL – renascendo para o amor – Livro 1

Ela é Minha – livro 2 da série Os Lafaiete

Ele é Meu – livro 1 da série Os Lafaiete

Nossa História

Depois de Tudo, Você

Recomeço

A Viúva

Emma

Cold Heart

Incontrolável

Pequenos contos:

Depois de Você, Tudo Mudou

A Despedida

Contatos

Fanpage: @autoralarasmithe

Facebook: lara.smithe.14

GL

Site: www.larasmithe1.wix.com/meusite

Instagram: @autora_lara_smithe

GL

Notes

[←1]

Dritt é “merda” em norueguês